

FELIPE RICARDO HUERGO CAGOL

**ANÁLISE DOS INDICADORES ECONÔMICOS E FINANCEIROS DOS BANCOS
DE MÉDIO PORTE BRASILEIRO QUE ABRIRAM O CAPITAL EM 2007**

Monografia apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de bacharel
em Ciências Econômicas da Universidade
Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Adilson Antônio Volpi

CURITIBA
2013

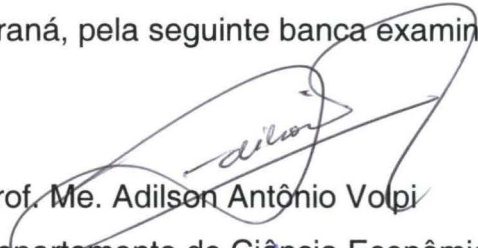
TERMO DE APROVAÇÃO

FELIPE RICARDO HUERGO CAGOL

ANÁLISE DOS INDICADORES ECONÔMICOS E FINANCEIROS DOS BANCOS DE MÉDIO PORTE BRASILEIRO QUE ABRIRAM O CAPITAL EM 2007

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel no Curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

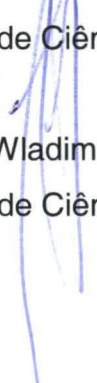
Orientador:



Prof. Me. Adilson Antônio Volpi
Departamento de Ciências Econômicas, UFPR



Prof. Dr. José Guilherme Silva Vieira
Departamento de Ciências Econômicas, UFPR



Prof. Dr. José Wladimir Freitas da Fonseca
Departamento de Ciências Econômicas, UFPR

Curitiba, 03 de Julho de 2013.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais que me deram todo o incentivo para sair de casa e vir a estudar em uma das universidades mais prestigiadas do País. Dedico a eles todo o carinho e motivação que me deram ao longo desta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais por todo o apoio que me deram durante esta jornada.

Agradeço a meus professores pela paciência, o conhecimento transmitido e o comprometimento em ensinar.

Agraço ao professor Adilson Antônio Volpi pelas orientações, a ajuda na produção deste trabalho e os conselhos que me deu acerca da minha vida profissional.

Agradeço a minha namorada Ana Paula pela paciência e incentivo que me deu durante esta jornada.

RESUMO

Em 2007, o mercado de capitais brasileiro foi marcado pela abertura de capital de 07 bancos de médio porte: ABC Brasil, Banco Industrial e Comercial, Banco Daycoval, Banco Indusval, Paraná Banco, Banco Pine e Banco Sofisa. No ano seguinte ocorreu o estopim da crise financeira internacional, cujos efeitos foram percebidos por essas instituições. Tendo em vista esses acontecimentos, o objetivo do presente trabalho é analisar o desempenho das instituições que abriram o capital em 2007, a partir do estudo do comportamento dos indicadores econômicos e financeiros desses bancos entre o primeiro trimestre de 2005 e o segundo trimestre de 2012. O objetivo não será realizar uma análise individual dessas instituições e sim observar o comportamento agregado desses bancos. As análises serão feitas utilizando-se dois parâmetros: O Banco Bradesco e o BMG. A escolha da primeira instituição se deve ao fato de ser um banco de grande porte já consolidado no sistema financeiro nacional e o segundo, de ser um banco de médio porte que optou por não realizar a abertura de capital. Através dos resultados das análises foi visto que os bancos do G7 obtiveram desempenho superior em cinco dos seis indicadores analisados, comparativamente ao BMG, e em todos os indicadores, comparativamente ao Bradesco, o que leva a conclusão de que a abertura de capital se mostrou favorável a essas instituições.

Palavras-chave: Índice de Inadimplência por Provisão. Índice de Liquidez Corrente. Índice de Liquidez Geral. Taxa de Retorno Sobre o Investimento Total. Taxa de Retorno Sobre o Patrimônio Líquido. Índice de Basiléia.

ABSTRACT

In 2007, the Brazilian capital market was marked by the IPO of 7 midsized banks: ABC Brazil, Banco Industrial e Comercial, Banco Daycoval, Banco Indusval, Paraná Banco, Banco Pine and Sofisa. At The following year occurred the outbreak of the international financial crisis, whose effects were felt by these institutions. Given these situations, the aim of this work is to analyze the performance of institutions that realized the IPO in 2007, with the study of the behavior of economic and financial indicators of these banks between the first quarter of 2005 and second quarter of 2012. The goal is not to perform an individual analysis of these institutions but to observe the aggregate behavior of these banks. The analyzes will be performed using two parameters: Banco Bradesco and BMG. The first institution was choosen due to the fact of being a large bank already consolidated into the financial system and the second being a mid-sized bank that chose not to make the IPO. Through the analysis results was seen that banks G7 achieved superior performance in five of the six indicators analyzed, compared to BMG, and in all the indicators, compared to Bradesco, which leads to the conclusion that the IPO proved favorable for these institutions.

Keywords. Provision for NPL. Current Ratio. Overall Liquidity Ratio. Rate of Return on Total Investment. Rate of Return on Equity. Basel Index.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 – Evolução da taxa DI acumulada ano a ano, entre 2005 e o primeiro semestre de 2012 (Em %).	25
GRÁFICO 2 – Taxa Selic acumulada ano a ano, entre 2005 e o primeiro semestre de 2012 (Em %) .	26
GRÁFICO 3 – Evolução do IPCA entre 2005 e o primeiro semestre de 2012 (Em %).	27
GRÁFICO 4 – Evolução do Produto Interno Bruto (em R\$ de 2012), entre 2005 e 2012.	27
GRÁFICO 5: Evolução do Patrimônio Líquido das instituições do G7, entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2012 (Em milhões de reais).	29
GRÁFICO 6 – Evolução da carteira de crédito das instituições do G7, do Bradesco e do BMG entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007 (1T05=100).	32
GRÁFICO 7 – Evolução da carteira de crédito das instituições do G7, do Bradesco e do BMG entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009 (2008=100).	33
GRÁFICO 8 – Evolução da carteira de crédito das instituições do G7, do Bradesco e do BMG entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012 (2010=100).	33
GRÁFICO 9 – Índice de Inadimplência por Provisão das instituições que compõe o G7, entre 2005 e o primeiro semestre de 2012 (Em %).	36
GRÁFICO 10 – Índice de Inadimplência por Provisão média dos Bancos do G7, Bradesco e BMG, entre 2005 e o primeiro semestre de 2012 (Em %).	38
GRÁFICO 11: Evolução do Índice de Liquidez Corrente dos Bancos de Médio Porte entre o primeiro trimestre de 2005 ao quarto trimestre de 2007 (Em R\$).	40
GRÁFICO 12 – Índice de Liquidez Corrente média dos Bancos do G7, do Bradesco e do BMG, entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007 (Em R\$).	42
GRÁFICO 13 - Evolução do Índice de Liquidez Corrente dos Bancos do G7, entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009 (Em R\$).	43
GRÁFICO 14 - Comparativo do Índice de Liquidez Corrente dos Bancos do G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2008 e o 4º trimestre de 2009.	44
GRÁFICO 15 - Evolução do Índice de Liquidez Corrente das instituições que compõe o G7, entre o primeiro trimestre de 2010 ao segundo trimestre de 2012 (Em R\$).	46
GRÁFICO 16 - Comparativo do Índice de Liquidez Corrente das instituições que compõe o G7, BMG e Bradesco entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012) (Em R\$).	47
GRÁFICO 17 - Evolução do Índice de Liquidez Geral dos Bancos que constituem o G7, entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007 (Em R\$).	50
GRÁFICO 18 - Comparativo do Índice de Liquidez Geral dos Bancos Do G7, BMG e Bradesco entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007 (Em R\$).	51
GRÁFICO 19 - Evolução do Índice de Liquidez Geral dos Bancos que compõe o G7 entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009 (Em R\$).	52

GRÁFICO 20 - Comparativo do Índice de Liquidez Geral dos Bancos que constituem o G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009 (Em R\$).	54
GRÁFICO 21 - Evolução do Índice de Liquidez Geral dos Bancos do G7, entre o primeiro trimestre de 2010 e segundo trimestre de 2012 (Em R\$).	55
GRÁFICO 22 - Comparativo do Índice de Liquidez Geral dos Bancos que integram o G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012 (Em R\$).	56
GRÁFICO 23 - Evolução da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total dos Bancos que compõe o G7, entre o primeiro trimestre de 2005 e o 4º trimestre de 2007 (Em %).	59
GRÁFICO 24 - Comparativo da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total médio dos Bancos do G7, Bradesco e BMG, entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007 (Em %).	60
GRÁFICO 25 - Evolução da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total das instituições integrantes do G7, entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009 (Em %).	61
GRÁFICO 26 - Comparativo da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total médio dos Bancos que compõe o G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009 (Em %).	63
GRÁFICO 27 - Evolução da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total dos Bancos que integram o G7, entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo 2º trimestre de 2012 (Em %).	64
GRÁFICO 28 - Comparativo da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total médio dos bancos do G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012 (Em %).	66
GRÁFICO 29: Evolução da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido dos Bancos do G7, entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007 (Em %).	69
GRÁFICO 30 - Comparativo da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido média das instituições integrantes do G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007 (Em %).	70
GRÁFICO 31 - Evolução da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido dos Bancos do G7, entre o primeiro trimestre de 2008 e o 4º trimestre de 2009 (Em %).	73
GRÁFICO 32 - Comparativo da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido média dos Bancos do G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009 (Em %).	75
GRÁFICO 33 - Evolução da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido das instituições que integram o G7, entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012 (Em %).	75
GRÁFICO 34 - Comparativo da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido média dos Bancos do G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012 (Em %).	77
GRÁFICO 35 – Evolução da cotação das ações dos bancos integrantes do G7 e do Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2008 e o segundo trimestre de 2012 (2008=100).	79
GRÁFICO 36 – Valor criado aos acionistas dos bancos que constituem o G7, entre 2008 e o primeiro semestre de 2012 (Em R\$ milhões).	83
GRÁFICO 37 – Valor criado ao acionista do Banco Bradesco, entre 2008 e o primeiro semestre de 2012 (Em R\$ milhões).	84

GRÁFICO 38: Evolução do Valor adicionado ao Acionista, entre 2008 e o primeiro semestre de 2012, das instituições que compõe o G7 (Em milhões de R\$).	87
GRÁFICO 39 – Valor adicionado aos acionistas do Banco Bradesco entre 2008 e o primeiro semestre de 2013 (Em R\$ bilhões).	88
GRÁFICO 40 – Evolução do Índice de Basileia das instituições do G7 entre 2008 e o primeiro semestre de 2012 (Em %).	90
GRÁFICO 41 – Evolução da média do Índice de Basileia das instituições do G7, Bradesco e BMG, entre 2008 e o primeiro semestre de 2012 (Em %).	91

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – INFORMAÇÕES UTILIZADAS PARA O CÁLCULO DO ÍNDICE DE INADIMPLÊNCIA MÉDIO, PONDERADO PELA CARTEIRA DE CRÉDITO, DOS BANCOS DO G7.	99
ANEXO 2 – INFORMAÇÕES UTILIZADAS PARA O CÁLCULO DO ÍNDICE DE LIQUIDEZ CORRENTE MÉDIO, PONDERADO PELO ATIVO CIRCULANTE, DAS INSTITUIÇÕES DO G7.	100
ANEXO 3 – INFORMAÇÕES UTILIZADAS PARA O CÁLCULO DO ÍNDICE DE LIQUIDEZ GERAL MÉDIO, PONDERADO PELA SOMA DO ATIVO CIRCULANTE COM O ATIVO NÃO CIRCULANTE, DAS INSTITUIÇÕES DO G7.	101
ANEXO 4 – INFORMAÇÕES UTILIZADAS PARA O CÁLCULO DA TAXA DE RETORNO SOBRE O INVESTIMENTO TOTAL MÉDIA, PONDERADA PELO ATIVO MÉDIO, DOS BANCOS DO G7.	102
ANEXO 5 – INFORMAÇÕES UTILIZADAS PARA O CÁLCULO DA TAXA DE RETORNO SOBRE O PATRIMÔNIO LÍQUIDO MÉDIA, PONDERADA PELO PATRIMÔNIO LÍQUIDO MÉDIO, DAS INSTITUIÇÕES DO G7.	103
ANEXO 6 – INFORMAÇÕES UTILIZADAS PARA O CÁLCULO DO ÍNDICE DE BASILÉIA MÉDIO, PONDERADO PELA CARTEIRA DE CRÉDITO, DOS BANCOS DO G7.	104
ANEXO 7 – CÁLCULO DO Q DE TOBIN DAS INSTITUIÇÕES DO G7 NO PERÍODO QUE ANTECEDEU A ABERTURA DE CAPITAL.	105

ABREVIATURAS E SIGLAS

BACEN – Banco Central do Brasil

BIC – Banco Industrial e Comercial

CVM – Comissão de Valores Mobiliários

DF – Demonstração Financeira Anual

G 7 – Grupo composto pelas seguintes instituições: Banco ABC Brasil, Banco Industrial e Comercial, Banco Daycoval, Banco Indusval, Paraná Banco, Banco Pine e Banco Sofisa

ILC – Índice de Liquidez Corrente

ILG – Índice de Liquidez Geral

IPP – Índice de Inadimplência por Provisão

PDD – Provisão para devedores duvidosos

PL – Patrimônio Líquido

PL_M – Patrimônio Líquido a preços de mercado

Δ PL_M – Variação do Patrimônio Líquido a preços de mercado

p.p – pontos percentuais

TRSIT – Taxa de Retorno sobre o Investimento total

TRPL – Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido

TVM – Títulos e Valores Mobiliários

VCA – Valor criado ao acionista

VAA – Valor adicionado ao acionista

1T – Primeiro trimestre

2T – Segundo trimestre

3T – Terceiro trimestre

4T – Quarto trimestre

1S – Primeiro semestre

2S – Segundo semestre

3S – Terceiro semestre

4S – Quarto semestre

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 HISTÓRICO DAS INSTITUIÇÕES	14
2.1 BANCO ABC BRASIL.....	14
2.2 BANCO INDUSTRIAL E COMERCIAL.....	14
2.3 BANCO DAYCOVAL	15
2.4 BANCO INDUSVAL.....	16
2.5 PARANÁ BANCO	16
2.6 BANCO PINE	17
2.7 BANCO SOFISA	17
3 SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL	18
3.1 MERCADO DE AÇÕES COMO FONTE DE CAPTAÇÃO.....	21
3.2 A CRISE FINANCEIRA MUNDIAL E SEU IMPACTO SOBRE AS BANCOS BRASILEIROS DE MÉDIO PORTE	23
3.3 COMPORTAMENTO DOS INDICADORES MACROECONOMICOS ENTRE O PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2005 E O SEGUNDO TRIMESTRE DE 2012	24
4 ANÁLISE DO DESEMPENHO DOS BANCOS DO G7 ENTRE 2005 E O PRIMEIRO SEMESTRE DE 2012	28
4.1 PATRIMÔNIO LÍQUIDO.....	28
4.2 CARTEIRA DE CRÉDITO	31
4.3 ÍNDICE DE INADIMPLÊNCIA POR PROVISÃO (IPP)	34
5 ANÁLISE DOS ÍNDICES.....	39
5.1 ÍNDICE DE LIQUIDEZ.....	39
5.1.1 Índice de Liquidez Corrente (ILC)	39
5.1.2 Índice de Liquidez Geral (ILG).....	48
5.2 ÍNDICE DE RENTABILIDADE	57
5.2.1 Taxa de Retorno sobre o Investimento Total.....	57
5.2.2 Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido (TRPL)	67
6 INDICADORES DE MERCADO	78
6.1 COTAÇÃO.....	78
6.2 VALOR CRIADO AO AÇIONISTA (VCA)	80
6.3 VALOR ADICIONADO AO AÇIONISTA (VAA).....	84
7 ANÁLISE DOS INDICADORES UTILIZADOS PELA AUTORIDADE MONETÁRIA.....	88
8 CONCLUSÃO	92
REFERÊNCIAS.....	95
ANEXOS.....	99

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do presente estudo é a análise dos indicadores econômicos e financeiros de sete bancos brasileiros de médio porte que abriram o capital no decorrer do ano de 2007, os quais serão denominados, para efeito deste estudo, de grupo dos sete: ABC Brasil, BIC Banco, Daycoval, Indusval, Paraná Banco, Pine e Sofisa. Para isso foi comparado o desempenho desse grupo de bancos com a performance de duas instituições utilizadas como parâmetro: o banco BMG e o Bradesco. A escolha dessas duas instituições, como parâmetro, se deve ao fato de a primeira ser classificada como um banco de médio porte, porém que optou por não realizar a abertura de capital e a segunda ser um banco de grande porte já consolidado no sistema financeiro nacional. É importante mencionar que o intuito deste trabalho não foi o de realizar uma análise individual de cada instituição e sim observar o comportamento agregado dos bancos que abriram o capital em 2007. Além disso, os motivos pelos quais o banco BMG não realizou a abertura de capital não são de conhecimento público e devido a isso não foram abordados neste estudo.

As análises realizadas foram segmentadas em três períodos que compreendem: 1) De 2005 até 2007, período no qual os bancos do G7 passaram a ter as suas ações negociadas na bolsa de valores; 2) 2008 até 2009, período no qual ocorreu o estouro da bolha imobiliária norte americana; E 3) 2010 até junho de 2012, período em que a economia brasileira mostra sinais de aquecimento¹.

Deste modo este trabalho foi estruturado em nove partes. Na qual a primeira compreende um breve histórico das instituições que compõe o grupo dos sete. A segunda se refere a uma descrição do sistema financeiro nacional, bem como a exposição dos indicadores macroeconômicos durante o período objeto deste estudo. A terceira parte é destinada a análise da evolução do Patrimônio Líquido, Carteira de Crédito e Inadimplência dos bancos do G7, assim como a comparação do desempenho dessas instituições com os dois bancos utilizados como parâmetro. O quarto tópico é destinado à análise dos índices de liquidez, no qual foram avaliados

¹ De acordo com dados do Boletim Economia e Tecnologia da Universidade Federal do Paraná (2012) sobre o Produto Interno Bruto (2T11=100), entre 2008 e 2011 o PIB brasileiro apresentou um crescimento de aproximadamente 10%.

o Índice de Liquidez Corrente e o Índice de Liquidez Geral. O quinto tópico se refere ao estudo dos indicadores de rentabilidade, na qual foram analisadas as taxas de retorno sobre o Investimento e o Patrimônio Líquido. A sexta parte foi destinada a análise dos indicadores de mercado, no qual foram avaliados o comportamento do preço das ações e o valor adicionado aos acionistas, neste caso o estudo ficou restrito a análise do desempenho dos bancos do G7, bem como a comparação da performance desse grupo de bancos com o Bradesco. O sétimo tópico foi destinado à análise do indicador utilizado pelo Banco Central do Brasil para monitorar o risco de crédito aos quais as instituições atuantes no sistema financeiro nacional estão expostas. Por fim, o ultimo tópico contém a conclusão deste estudo, cujo intuito é demonstrar se a abertura de capital se mostrou benéfica, sob o ponto de vista econômico e financeiro, para as instituições do G7.

2 HISTÓRICO DAS INSTITUIÇÕES

Este tópico do trabalho tem por objetivo demonstrar o histórico dessas instituições, as quais serão chamadas de grupo dos sete, com o intuito de demonstrar suas origens, segmentos de atuação, estrutura administrativa, dentre outros aspectos.

2.1 BANCO ABC BRASIL

O Banco ABC Brasil é controlado pelo Arab Banking Corporation (ABC), uma instituição internacional cuja sede se situa no Bahrain. O Banco ABC está presente em 21 países (ABC BRASIL, 2013)

A história do Banco ABC Brasil tem sua origem a partir do grupo Roberto Marinho, através do Banco Roma de Investimentos que iniciou suas atividades em 1983. Em 1997 a Arab Banking Corporation adquiriu participação relevante da instituição de Roberto Marinho, passando a ser acionista controlador e mudando o nome para Banco ABC Brasil. Desde então, o segmento de atuação está pautado no crédito comercial, imobiliário, linhas de investimentos, finanças e câmbio. De acordo com o sitio institucional do Banco ABC Brasil: “O principal público-alvo são as grandes e médias empresas brasileiras, notadamente aquelas em processo de investimento ou internacionalmente ativas.” (ABC BRASIL, 2013).

No dia 25 de junho de 2007, o Banco ABC Brasil realizou a sua oferta pública de ações se tornando uma companhia de capital aberto. Naquela ocasião foram captados R\$ 609 milhões (OLIVEIRA; SCHIOZER; SAITO, 2009, p.2).

2.2 BANCO INDUSTRIAL E COMERCIAL

O Banco Industrial e Comercial é originário da cooperativa de crédito do Juazeiro, fundada em 1938 por José Bezerra Menezes, cuja sede se localizava na cidade de Juazeiro do Norte-CE, tendo como função fomentar negócios na parte sul

do Estado do Ceará. No ano de 1944 a cooperativa se transforma em Banco do Juazeiro. No período compreendido entre 1958 e 1967 o Banco amplia sua atuação para a região do Cariri passando a fomentar o comércio e a indústria dessa região. Essa expansão ocorreu em virtude da influencia política dos irmãos Humberto e Adalto Bezerra, controladores do Banco. Entre 1969 e 1977 o Banco do Juazeiro incorpora outras duas instituições: O Banco do Cariri em 1972 e o Banco dos Proprietários em 1974. Neste período ocorre a mudança da sede para Fortaleza, havendo, também, a alteração em seu nome que passa a se chamar Banco Industrial do Ceará (BIC). Em 1981 sob a gestão do coronel Humberto Bezerra é criada a primeira agência da cidade de São Paulo, neste período é mudada a razão social para Banco Industrial e Comercial S.A. Entre 1988 e 1997 são criadas as coligadas: BIC corretora de câmbio, BIC distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários e BIC Arrendamento Mercantil. Neste período a sede é transferida para São Paulo e a instituição consolida o seu foco no segmento de *Middle Market*. Entre 1998 e 2013 inaugura sua primeira agência no exterior, situada nas Ilhas Cayman, cria sua marca de sustentabilidade (Movimento Azul) e adquire o reconhecimento de banco mais ativo do Programa Global de Financiamento do Comércio Exterior (IFC) (BICBANCO, 2013).

No dia 15 de outubro de 2007, o BIC Banco abre seu capital captando um volume de R\$ 821 milhões (OLIVEIRA; SCHIOZER; SAITO, 2009, p.2).

2.3 BANCO DAYCOVAL

O Banco Daycoval tem sua origem a partir da Casa Bancária Salyn A. Daiam, no Líbano, cujo foco se concentrava nas operações comerciais. Em 1968 são iniciadas as operações no Brasil através da Daycoval Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários (DTVM) e da Valco Corretora de Valores. Em 1989, o Daycoval DTVM se transforma em banco múltiplo (Banco Daycoval S/A) inaugurando sua primeira agência e tendo como estratégia atuar no segmento de crédito a empresas de pequeno e médio porte (*Middle Market*). Em 1995, o Banco Daycoval amplia o seu leque de produtos passando a atuar no mercado de câmbio. Em 2004 passa a atuar no segmento de crédito consignado, e, também, neste ano é criada a Daycoval

Asset Management. Em 2006, o Banco Daycoval passa a atuar no segmento de financiamento de veículos (DAYCOVAL, 2013).

No dia 29 de junho de 2007, o Banco Daycoval abre seu capital, ocasião em que foram captados R\$ 1,1 bilhões (OLIVEIRA; SCHIOZER; SAITO, 2009, p.2).

2.4 BANCO INDUSVAL

O Banco Indusval tem sua origem a partir da Indusval corretora, fundada em 1967. Em 1991 é concedida autorização pelo Banco Central do Brasil para que o Indusval se torne instituição financeira, desde então o foco do banco se concentra no fornecimento de crédito e empresas de médio porte. Em 1992, a instituição passa a atuar na carteira de câmbio. No ano 2000, através de uma parceria com o Banco Multistock, o Indusval adquire uma financeira especializada no segmento de crédito direto ao consumidor (CDC). Em 2003 a companhia se associa ao Banco Multistock e passa a atuar no segmento de crédito direcionado ao comércio exterior. No início de 2013 o banco forma uma parceria com a instituição Lifegrain² e passa a atuar no segmento de crédito agrícola (INDUSVAL, 2013).

No dia 12 de julho de 2007 é realizada a primeira oferta pública de ações do Banco Indusval, ocasião em que se torna uma companhia de capital aberto, na qual foram captados R\$ 253 milhões (OLIVEIRA; SCHIOZER; SAITO, 2009, p.2).

2.5 PARANÁ BANCO

O Paraná Banco tem sua origem a partir do grupo JMalucelli, cuja primeira empresa foi a JMalucelli Construtora de Obras fundada em 1966 (JMALUCELLI, 2013).

No segmento financeiro, o grupo JMalucelli iniciou suas atividades em 1968 através da JMalucelli DTVM. O Paraná Banco começa com suas operações em 1979, atuando nos segmentos de crédito pessoal e financiamento de veículos. Nesta

² Instituição do grupo Ceagro que atua na comercialização de produtos agroquímicos (INDUSVAL, 2013).

época a instituição se chamava Paraná Financeira. Dez anos depois é transformado em banco múltiplo, passando a se chamar Paraná Banco S.A. Em 1995 passa a ter como foco o segmento de crédito consignado. Em 2004 torna-se uma das primeiras instituições a conceder crédito a aposentados e pensionistas do INSS. Em 2008 inicia suas atividades no segmento de crédito a médias empresas e em 2012 passa a atuar com linhas de financiamento do BNDES (PARANÁ BANCO, 2013).

No dia 13 de junho de 2007 o Paraná Banco se torna uma instituição de capital aberto, ao realizar sua primeira oferta pública de ações. Na ocasião foram captados R\$ 529 milhões (OLIVEIRA; SCHIOZER; SAITO, 2009, p.2).

2.6 BANCO PINE

O banco Pine tem sua origem através do Banco Central do Nordeste, fundado em 1939 pela família Pinheiro. No ano de 1997 é iniciada a operação do Banco PINE fundado pelos irmãos Noberto Nogueira Pinheiro e Nelson Nogueira Pinheiro, tendo como foco a atuação no segmento de crédito corporativo. Em 2007 é criada a Pine Investimentos e aberta a agência das Ilhas Cayman. Neste mesmo ano, o Banco consolida sua atuação no segmento de crédito corporativo, deixando de atuar na oferta de crédito consignado. Em Novembro de 2012 é inaugurada a Pine Securities USA LLC, cujo ramo de atuação consiste na comercialização de seguros (PINE, 2013).

No dia 02 de abril de 2007, o Banco Pine abre seu capital realizando a captação de R\$ 517 milhões (OLIVEIRA; SCHIOZER; SAITO, 2009, p.2).

2.7 BANCO SOFISA

O Banco Sofisa iniciou suas operações no ano de 1961, quando se chamava Sofisa S.A Crédito, Financiamento e Investimentos, cujo foco de atuação se concentrava na oferta de crédito a pessoas físicas. Posteriormente, redireciona sua estratégia para a concessão de crédito a pequenas e médias empresas oferecendo

produtos de comércio exterior, câmbio, seguros e investimentos. Em 1990 muda seu nome para Banco Sofisa S.A. Em maio de 2007 abre o capital e passa a ter suas ações negociadas na BM&F Bovespa, na qual foram captados R\$ 505 milhões na oferta primária de ações (SOFISA, 2013).

3 SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL

De 1964 até a constituição de 1988, o sistema financeiro nacional era dividido em instituições especializadas, obedecendo a seguinte forma: Bancos Comerciais, Bancos de Investimentos e Desenvolvimento, Sociedade de Crédito, Financiamento e Investimento (Financeiras) e Sistema Financeiro de Habitação (SFH). Os primeiros podiam realizar apenas operações de crédito de curto prazo. Deste modo, sua fonte de captação eram os depósitos à vista. Os segundos tinham como função realizar as operações de longo prazo, tendo como fonte de captação os depósitos a prazo e os recursos no exterior. As financeiras possuíam a função de realizar operações de crédito ao consumidor e empréstimos pessoais. A fonte de captação consistia nas letras de câmbio. O SFH era responsável pelo financiamento habitacional, utilizando como fonte de captação os depósitos de poupança e as letras imobiliárias (Puga, 1999).

Já a estrutura atual do sistema financeiro nacional é caracterizada, com mais exatidão, pela lei 4.595/64, particularmente pelo artigo 17:

Consideram-se instituições financeiras, para os efeitos da legislação em vigor, as pessoas jurídicas públicas e privadas, que tenham como atividade principal ou acessória a coleta, a intermediação ou a aplicação de recursos financeiros próprios ou de terceiros, em moeda nacional ou estrangeira, e a custódia de valor de propriedade de terceiros (BRASIL, 1964).

Tendo em vista o disposto na lei 4.595/64, pode-se caracterizar as instituições financeiras de dois modos distintos: 1) Os intermediários Financeiros e as Instituições Auxiliares: os primeiros se caracterizam por serem captadores de poupança junto ao público, e através deste recurso, serem emprestadores junto a empresas, por meio de empréstimos e financiamentos. Como exemplo de instituições que se enquadram neste meio estão: sociedades de Crédito, financiamento, bancos comerciais dentre outras instituições. As Instituições

Auxiliares têm por objetivo juntar poupadores e investidores, fazendo com que os recursos poupados por determinado agente resulte em liquidez para empresas que emitem ações, como exemplo dessas instituições tem-se as bolsas de valores (Fortuna, 2010).

O quadro 1 mostra a composição do sistema financeiro nacional, que é subdividido em órgãos normativos, entidades supervisoras e operadores. Dentre as entidades que compõe o órgão normativo está o Conselho Monetário Nacional (CMN), Conselho Nacional de Previdência Complementar (CNP) e o Conselho Nacional de Seguros Privados (CNSP). O primeiro é o responsável pela fixação das diretrizes das políticas monetária, creditícia e cambial do País. Este conselho é integrado pelos seguintes membros: Ministro da Fazenda (Presidente), Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, e Presidente do Banco Central. O CNPC, através da Superintendência Nacional de Previdência Complementar (PREVIC) possui como uma de suas funções dar legitimidade as entidades fechadas de previdência complementar. O CNSP tem como função delinear políticas para a operacionalização das Sociedades Seguradoras, de Previdência Privada Aberta e de Capitalização. Essas políticas são executadas pela Superintendência de Seguros Privados (SUSEP) (Fortuna, 2010).

Dentre as entidades supervisoras, está o Banco Central do Brasil (BACEN) e a Comissão de Valor Mobiliários (CVM). O primeiro pode ser caracterizado como gestor do sistema financeiro nacional, uma vez que é responsável por delinear as diretrizes do sistema financeiro nacional, além de fiscalizá-lo e intervir quando necessário. A Comissão de Valores Mobiliários (CVM) é o órgão de apoio ao Banco Central no que tange as operações no mercado de capitais. Deste modo, pode-se caracterizar a CVM como a entidade responsável pela fiscalização do mercado de valores mobiliários que não são emitidos pelo sistema financeiro e pelo tesouro nacional (Fortuna, 2010).

Órgãos Normativos	Entidades Supervisoras	Operadores	
Conselho Monetário Nacional - CMN	Banco Central do Brasil - BACEN	Instituições financeiras captadoras de depósito à vista.	Outros Intermediários Financeiros e administradores de recursos de terceiros.
Conselho Nacional de Seguros Privados – CNSP	Comissão de Valores Mobiliários - CVM	Bolsas de mercadorias e futuros.	Sociedades de capitalização

Conselho Nacional de Previdência Complementar - CNPC	Superintendência de Seguros Privados – SUSEP	Resseguradores	Entidades abertas de previdência complementar.
	Superintendência Nacional de Previdência Complementar - PREVIC		Entidades Fechadas de Previdência Complementar (Fundos de Pensão)

QUADRO 1 - COMPOSIÇÃO DO SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL.

FONTE: BANCO CENTRAL DO BRASIL (2012)

NOTA: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

Dentre os operadores do mercado financeiro, destacam-se para efeito desse estudo, as instituições financeiras captadoras de depósitos à vista. Essas instituições caracterizam-se por captar recursos das unidades superavitárias e os repassá-los as unidades deficitárias. Esta captação pode ocorrer via depósitos à vista, CDB, RDB, cobrança de títulos e arrecadação de tributos e tarifas públicas. A grande característica dessas instituições é a capacidade de criação de moeda através do efeito multiplicador de crédito (Fortuna, 2010).

Desta forma, estas instituições ocupam o mercado de intermediação financeira, que é descrito da seguinte forma por Carvalho (2007, p.217):

[...] Relações financeiras intermediadas são aquelas em que uma instituição financeira interpõe suas próprias obrigações no processo de canalização de recursos do prestador último ao tomador último. Tipicamente, bancos operam captando depósitos, isto é, assumindo obrigações junto aos depositantes usando os recursos assim obtidos para comprar ativos sob a forma da dívida dos tomadores. O depósito que o cliente faz é, na verdade, um empréstimo feito ao banco que tem de ser devolvido quando o cliente quiser (caso dos depósitos à vista) ou em datas pré-estabelecidas (no caso de depósitos a prazo). Uma vez de posse desses “empréstimos”, o banco pode usá-los para, ele próprio, fazer empréstimos aos seus próprios clientes, como, por exemplo, firmas que precisam de capital de giro, consumidores que querem comprar bens duráveis de consumo etc. Neste caso, os depositantes não têm direito sobre os ativos criados pelos tomadores, mas apenas sobre as obrigações criadas pelos bancos, que detêm, por sua vez, direitos contra os tomadores finais [...]

No Brasil, este mercado é altamente concentrado. Sete bancos brasileiros ocupam 90% do mercado financeiro nacional. O restante deste mercado, composto aproximadamente por 100 instituições, é distribuído aos bancos brasileiros de pequeno e médio porte. Esses bancos têm como principais fontes de captação os depósitos a prazo de investidores institucionais e fundos de pensão e Cessão de Crédito e atuam, majoritariamente, nos segmentos de *Middle Market* (crédito a pequenas e médias empresas) e crédito consignado (FITCH RATINGS, 2011).

Atualmente, diante da forte competição com bancos públicos e privados de grande porte, os bancos de médio porte optaram por diversificar sua carteira de crédito priorizando o segmento empresarial. Devido ao incremento da inadimplência neste segmento, a competição com os grandes bancos tem sido mais modesta. Além disso, neste segmento, a redução das taxas de juros tem ocorrido em um patamar inferior comparativamente ao crédito a pessoas físicas, o que faz com que os *spreads* do crédito a pessoas jurídicas tenham apresentado uma redução menor comparativamente ao crédito a pessoas físicas (AGUILHAR, 2012).

Neste estudo, sete bancos serão analisados: Banco ABC Brasil, Banco Industrial e Comercial (BIC), Banco Daycoval, Banco Indusval, Paraná Banco, Banco Pine e Banco Sofisa, os quais serão chamados de grupo dos sete. Todos têm em comum o fato de pertencerem ao segmento de instituições financeiras de médio porte, além de terem aberto o capital em 2007, o que permitiu a eles aumentarem suas respectivas carteiras de crédito. Tomando-se como base o segundo trimestre de 2012, todas essas instituições possuem ativos entre R\$ 3,5 bilhões e R\$ 20 bilhões, Patrimônio Líquido entre R\$ 582 milhões e R\$ 2,0 bilhões e carteira de crédito entre R\$ 1,9 bilhões e R\$ 11 bilhões (BACEN, 2012).

3.1 MERCADO DE AÇÕES COMO FONTE DE CAPTAÇÃO

A importância do mercado de ações como fonte de captação pode ser descrita na seguinte passagem de Fortuna (2010, p.691).

É através do mercado de ações pela venda direta de participação no seu patrimônio líquido – o capital próprio inicial acrescido (reduzido) dos lucros (prejuízos) acumulados – representado pelas suas ações, que as sociedades anônimas captam os recursos necessários ao seu desenvolvimento patrimonial, assumindo o compromisso de remunerar os seus acionistas em função do capital nela aplicado, e de seus resultados futuros.

A Pricewaterhouse Brasil em conjunto com a BM&F Bovespa através do documento intitulado “Como abrir o capital da sua empresa no Brasil (IPO)” (2011, p.3) demonstra outros aspectos positivos de realizar a abertura de capital:

[...] Uma Companhia de Capital Aberto tem acesso às alternativas que o mercado de capitais proporciona como fonte de financiamento (Fundo de

direitos creditórios – FIDC, debêntures, emissão de ações, etc.) não disponível a empresa de capital fechado, além de usar suas próprias ações como moeda para adquirir outras empresas [...]

Podem ser acrescidos, ao que foi exposto no documento da PWC Brasil e da BM&F Bovespa, como vantagens da abertura de capital: 1) A expansão da captação de instrumentos financeiros e do potencial de crescimento desses instrumentos; 2) O crescimento da liquidez do patrimônio dos acionistas controladores; 3) A melhoria da imagem institucional; 4) A reestruturação societária através da solução de problemas relacionados à herança; E 5) A sucessão e a gestão profissional, através da escolha de representantes dos acionistas e da obrigatoriedade da constituição do cargo de Diretor de Relações com Investidores (CVM, 2013).

No caso dos bancos o mercado de capitais adquire uma importância adicional às mencionadas anteriormente, isso em função das regras estabelecidas pelo acordo de Basiléia II, conforme esclarece Fortuna (2010, p.890):

O acordo de Basiléia II estabelece regras prudenciais para reduzir o risco de instituições financeiras. Entre elas, está a exigência de os bancos colocarem um volume mínimo de capital de seus acionistas nas operações, para, no caso de quebra, proteger os recursos de depositantes e de outros credores. Assim, os bancos devem manter volumes mínimos para cobrir os chamados riscos de mercado, ou seja, oscilação de preços de títulos e outros ativos mantidos em carteira; de crédito, para cobrir risco de inadimplência nos empréstimos; e operacionais, para cobrir perdas ocorridas na operação dos negócios, como roubos de valores e falha dos sistemas de informática.

Entretanto, a abertura de capital também apresenta alguns aspectos negativos, dentre os quais pode-se citar: 1) A cobrança dos acionistas por desempenho; 2) Menor flexibilidade na tomada de decisões; 3) Adequação a normas relacionadas a divulgação de informações; 4) Custo relativos ao processo de abertura de capital e da manutenção da companhia com capital aberto (BM&F BOVESPA; PWC BRASIL, 2011).

Diante da opção pela abertura de capital deve-se, também, analisar o momento adequado (*timing*) para que ocorra essa abertura. A respeito deste assunto o documento, citado anteriormente, elaborado em conjunto entre a BM&F Bovespa e a Pricewaterhouse Brasil (2011, p.16) esclarece:

A demanda dos investidores por oferta pública inicial pode variar bastante, dependendo do mercado de atuação, das perspectivas de resultado da empresa, do interesse do investidor estrangeiro em relação à IPOs de empresas brasileiras, das condições econômicas do setor de atuação, das mudanças tecnológicas, das condições geopolíticas internacionais, entre

outros fatores. A volatilidade do mercado de ações e a disponibilidade de recursos para serem investidos em bolsas de valores constituem aspectos importantes para avaliar o melhor momento de abertura de capital, fazendo com que a preparação da empresa para aproveitar as “janelas de oportunidade” seja o fator importante no *timing* e sucesso de uma oferta pública inicial [...]

No caso específico dos bancos do G7, é importante ressaltar o momento escolhido para a abertura de capital, o ano de 2007, que além de apresentar um ambiente macroeconômico propício, também, apresentou condições econômicas favoráveis no que tange ao setor de atuação dessas instituições. Quando analisado o Q de Tobin³, através da simplificação deste indicador desenvolvida por SHIN e SHULTZ (2000), no qual este índice representa uma aproximação da razão entre o valor de mercado e o valor contábil de uma empresa, verifica-se que todos os bancos do G7 apresentaram este indicador acima da unidade no trimestre que antecedeu a abertura de capital, demonstrando que a abertura de capital ocorreu em um momento favorável para a realização de investimentos por parte desses bancos (FAMÁ; BARROS, 2000).

3.2 A CRISE FINANCEIRA MUNDIAL E SEU IMPACTO SOBRE AS BANCOS BRASILEIROS DE MÉDIO PORTE

A Crise Financeira de 2008 teve como causa principal o grande crescimento na concessão de crédito bancário. O estopim, desta crise, foi à falência do Banco norte americano Lehman Brothers no dia 15 de Setembro de 2008. A falência do Lehman Brothers, que ocorreu em virtude da posição do Federal Reserve (FED, Banco Central Norte Americano), em não socorrer essa instituição, causou uma crise de confiança no mercado financeiro deste país. Essa crise, fez com que as instituições financeiras procurassem obter liquidez a todo custo gerando uma elevação na venda dos ativos financeiros, que por sua vez contribuiu para que o preço desses ativos apresentasse uma queda brusca provocando, dessa forma, uma

³ Através da simplificação do método de cálculo do Q de Tobin desenvolvida por SHIN e STULZ (2000), no qual este indicador é obtido pela razão entre a soma do Valor de Mercado das Ações (VMA) e o Valor Total dos Passivos pelo Ativo Total de uma Instituição, obtêm-se um indicador (q) que sinaliza uma situação favorável à realização de investimentos, para o caso no qual $q > 1$, e uma situação na qual não há incentivos para a realização de investimentos, nos casos em que $q < 1$ (FAMÁ, 2000).

redução no crédito bancário. Esta redução do crédito causou elevado impacto nas atividades comerciais e industriais, fazendo com que a crise saísse da esfera financeira e passasse a atingir os demais setores da economia. De uma forma geral, pode-se dizer que a crise financeira de 2008 teve como origem a falta de uma regulação adequada do mercado financeiro norte americano (OREIRO, 2011).

Ao abordar a influência da crise financeira internacional sobre o sistema financeiro brasileiro é importante citar que o principal canal de transmissão da crise internacional a economia brasileira ocorreu através da redução do crédito. Devido a isso, os Bancos de Médio Porte, incluindo alguns bancos de Grande Porte foram impactados através da redução na liquidez. Diante desse cenário, o Banco Central Brasileiro atuou no sentido de inibir a redução de liquidez dos bancos brasileiros de médio porte. A atuação do BACEN se deu através de duas vias: 1) Liberação de depósitos compulsórios com o intuito de incentivar bancos de maior porte a comprar a carteira de bancos de menor porte que vinham enfrentando problemas de liquidez; 2) Criação dos Depósitos a Prazo com Garantia Especial (DPGE), com limite de até R\$ 20 milhões. Esses depósitos possuem garantia do Fundo Garantidor de Crédito (FGC) e consistiam em uma importante fonte de captação de recursos por parte desses bancos durante a crise financeira. No que tange aos demais segmentos da economia, o Banco Central atuou via redução da taxa de juros e aumento na concessão de crédito via bancos públicos, notadamente através do BNDES. Isso possibilitou o estímulo da economia sem provocar aumento da inflação (GARCIA, 2011).

3.3 COMPORTAMENTO DOS INDICADORES MACROECONOMICOS ENTRE O PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2005 E O SEGUNDO TRIMESTRE DE 2012

Tendo em vista que a estrutura de captação das instituições financeiras está majoritariamente alocada em produtos atrelados à taxa DI (Depósitos Interfinanceiros) é importante que se realize o acompanhamento deste indicador macroeconômico (BACEN, 2012).

A respeito deste assunto, Assaf Neto (2003, p.31) esclarece:

Por outro lado, o resultado operacional sinaliza também as decisões de financiamento, principalmente em relação ao custo de captação. O lucro operacional deve constituir-se, fundamentalmente, no nível máximo de custo dos passivos empresariais de maneira a viabilizar economicamente suas decisões. Empresas em posição desfavorável, ou seja, que apuram resultado operacional inferior aos encargos das dívidas, sacrificam diretamente o retorno de seus proprietários, além de promoverem, ao longo do tempo, o próprio desequilíbrio financeiro.

Entre o primeiro trimestre de 2005 e o segundo trimestre de 2012, a taxa acumulada do depósito interfinanceiro (DI) foi de 142,10%. Considerando a taxa acumulada ano a ano percebe-se que há uma diminuição no DI e conseqüentemente na taxa de remuneração dos recursos captados pelas instituições financeiras (CETIP, 2012).

O gráfico abaixo demonstra a evolução da taxa DI acumulada ano a ano⁴.

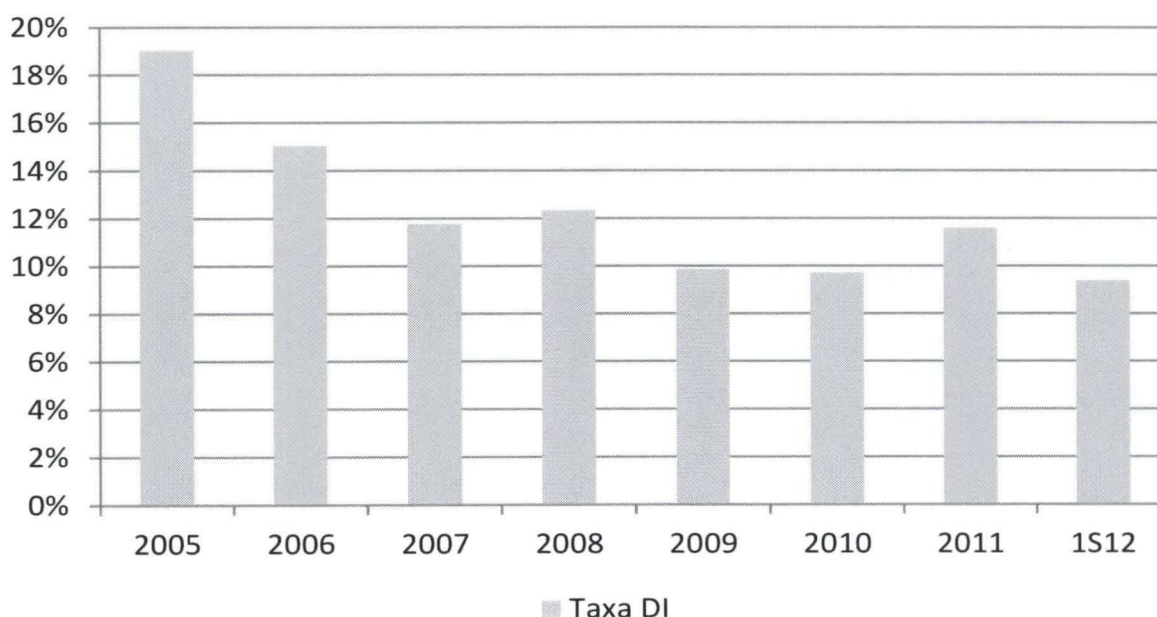


GRÁFICO 1 – Evolução da taxa DI acumulada ano a ano, entre 2005 e o primeiro semestre de 2012 (Em %).

FONTE: CETIP (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Além do acompanhamento da taxa DI, é essencial o monitoramento, por parte das instituições financeiras, da evolução da taxa Selic, uma vez que grande parte dos recursos de tesouraria dos bancos estão alocados em títulos públicos, cuja remuneração está atrelada a Selic (BACEN, 2012).

⁴ Para 2012 foi considerada a taxa anualizada referente ao DI acumulado entre 02/01/2012 e 30/06/2012.

A taxa Selic acumulada entre janeiro de 2005 e junho de 2012 foi de 143%. Quando analisada essa taxa ano a ano⁵ percebe-se que ela vem diminuindo ao longo do tempo, com exceção dos anos 2008 e 2011, períodos no qual essas taxas apresentam elevação. Desta forma verifica-se uma diminuição da remuneração dos recursos de tesouraria das instituições financeiras durante o período analisado (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo ilustra a evolução da taxa Selic entre 2005 e o primeiro semestre de 2012.

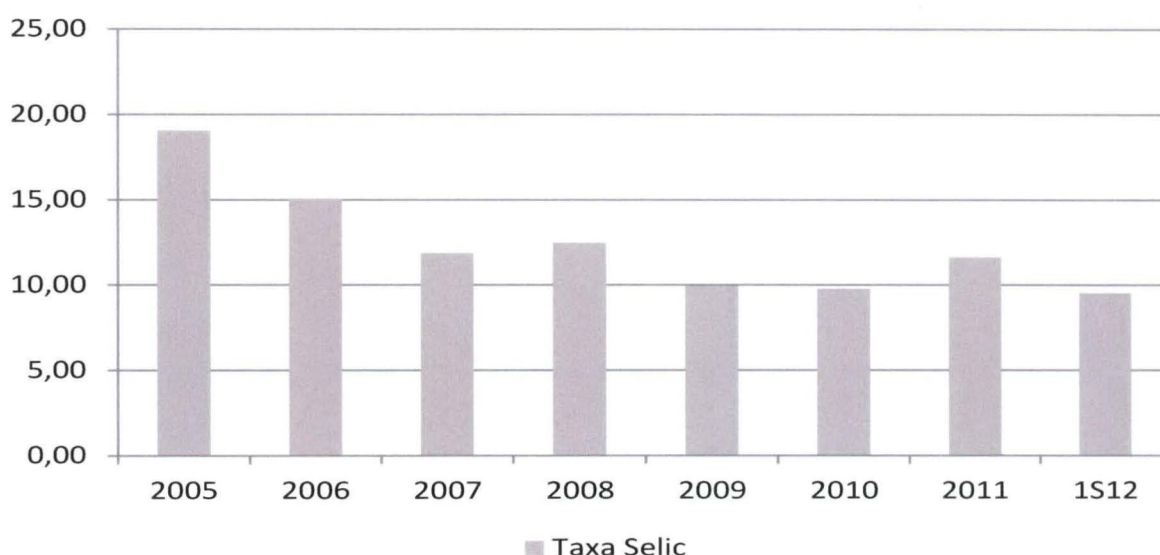


GRÁFICO 2 – Taxa Selic acumulada ano a ano, entre 2005 e o primeiro semestre de 2012 (Em %)
 FONTE: BACEN (2012)
 NOTA: Elaboração Própria

A importância de se acompanhar a taxa de inflação é relatada por Neto (2003, p.32):

A inflação é um fenômeno presente em praticamente todas as economias, provocando desequilíbrios estruturais motivados pela erosão do poder aquisitivo da moeda. Contextos imunes à presença de variações nos índices gerais de preços são de rara verificação prática. Dificilmente, uma economia poderá prescindir por completo de estudo mais aprofundado das influências que a inflação determina sobre os resultados empresariais.

De janeiro de 2005 a junho de 2012, a inflação acumulada, medida pelo IPCA, foi de 37,4%. Contudo, quando analisado o comportamento deste índice ano a ano, verifica-se que em nenhum momento foi extrapolado o teto da meta definida pelo Banco Central do Brasil (6,5%), de modo que a inflação se manteve sob controle durante o período objeto deste estudo (PORTALBRASIL, 2012).

⁵ Para 2012 foi considerada a taxa anualizada referente à Selic acumulada entre 02/01/2012 e 30/06/2012.

O gráfico abaixo demonstra a evolução do IPCA entre 2005 e o primeiro semestre de 2012.

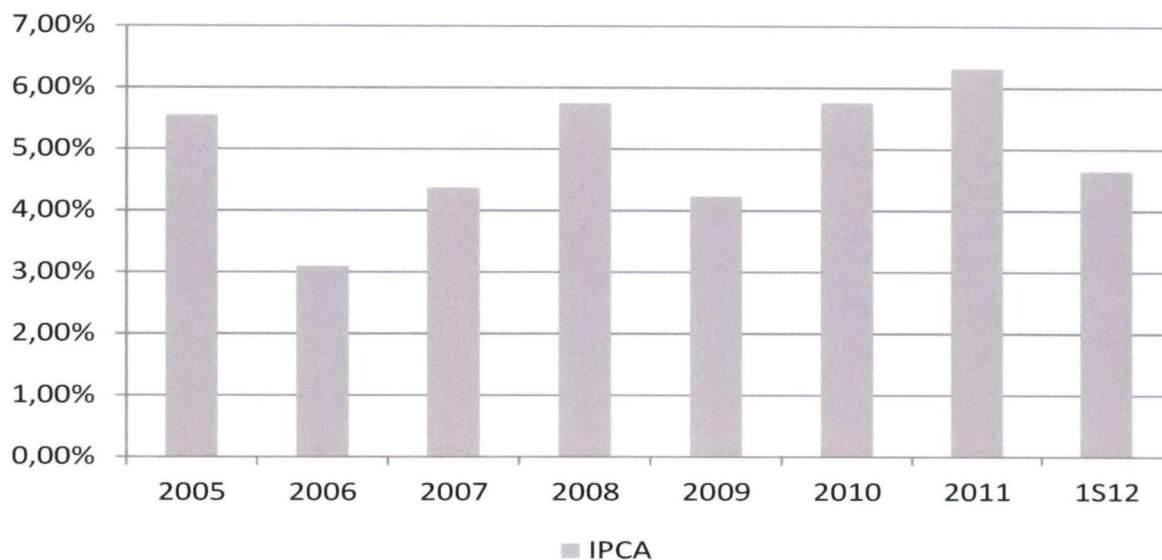


GRÁFICO 3 – Evolução do IPCA entre 2005 e o primeiro semestre de 2012 (Em %).

FONTE: PORTALBRASIL (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Por fim, analisando o comportamento do Produto Interno Bruto brasileiro (em R\$ de 2012) entre 2005 e 2012 verifica-se que este indicador apresentou crescimento de 28,8%. Analisando o PIB ano a ano percebe-se um crescimento durante todo o período objeto deste estudo, no qual este índice saiu do patamar de R\$ 3,4 trilhões em 2005 para R\$ 4,4 trilhões em 2012 (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo ilustra a evolução do PIB entre 2005 e 2012.

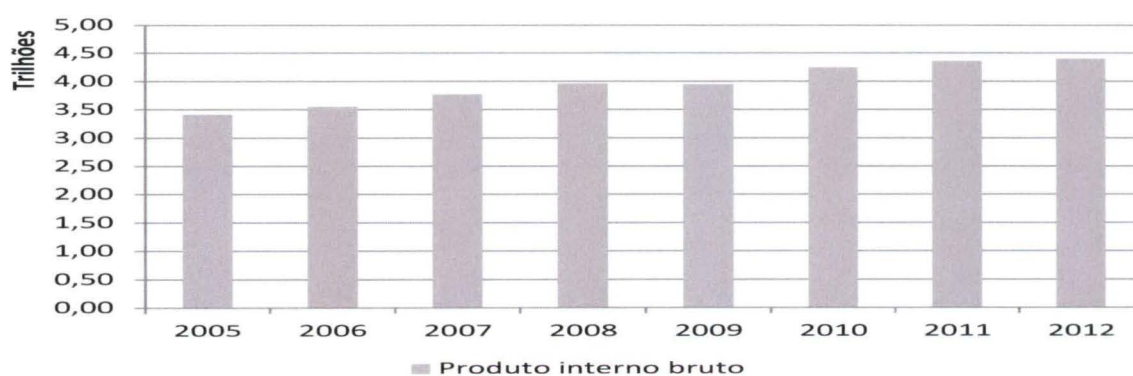


GRÁFICO 4 – Evolução do Produto Interno Bruto (em R\$ de 2012), entre 2005 e 2012.

FONTE: BACEN (2013)

NOTA: Elaboração Própria

4 ANÁLISE DO DESEMPENHO DOS BANCOS DO G7 ENTRE 2005 E O PRIMEIRO SEMESTRE DE 2012

Como ponto de partida para a análise das instituições do G7 foi demonstrada a evolução do Patrimônio Líquido, Carteira de Crédito e Índice de Inadimplência por Provisão, no período compreendido entre o primeiro trimestre de 2005 e o primeiro semestre de 2012. A importância desses indicadores se deve ao fato de o primeiro representar o capital dos acionistas, o segundo representar o principal ativo de um banco e o terceiro identificar a qualidade da carteira de crédito (BACEN, 2012). Conforme mencionado na introdução, a análise foi segmentada em três partes: 1) Do primeiro trimestre de 2005 até o quarto trimestre de 2007, que compreende o período anterior e imediatamente posterior à abertura de capital; 2) Do primeiro trimestre de 2008 ao quarto trimestre de 2009, período imediatamente anterior, e, também, posterior, a crise financeira de 2008; E 3) do primeiro trimestre de 2010 ao primeiro semestre de 2012, período no qual ainda são percebidos os efeitos da crise financeira, porém o sistema financeiro nacional (SFN) e a economia brasileira já apresentam sinais de recuperação (BACEN, 2012). Como parâmetro utilizado para verificar o desempenho dos bancos do G7, será comparado a eles duas instituições, o banco BMG e o Bradesco.

4.1 PATRIMÔNIO LÍQUIDO

O Patrimônio Líquido⁶ (PL) de uma instituição financeira é composto pelas seguintes rubricas: 1) Capital social representado pela quantidade de ações, tanto ações ordinárias quanto preferenciais; 2) Dividendos e Juros sobre o capital próprio, na qual é assegurado aos acionistas o pagamento de um dividendo mínimo de 25% do lucro líquido anual com os ajustes descritos pela lei 9.249/95; 3) Reservas de capital que é constituído pelos valores agregados ao Patrimônio da Instituição; 4) Reservas de Lucros, destinado para reserva legal, reserva de equalização de

⁶ Para a descrição do Patrimônio Líquido das instituições financeiras, foram extraídas as informações contidas na nota explicativa do Banco ABC Brasil do segundo trimestre de 2012. As notas explicativas estão disponíveis no site do Banco Central do Brasil (2012), no canal Sistema Financeiro Nacional.

dividendos e para recompra de ações; E 5) Ações em tesouraria, na qual a instituição faz o registro das ações adquiridas (BRUNI, 2006). A partir do gráfico abaixo, demonstra-se o crescimento do Patrimônio Líquido dos bancos analisados, tendo como ponto de partida o primeiro trimestre de 2005 no qual ainda não foi realizada a abertura de capital, o quarto trimestre de 2007 que compreende o período imediatamente posterior à abertura de capital e o segundo trimestre de 2012 que é o período final deste estudo. O crescimento do PL observado foi impulsionado, principalmente, em virtude do aumento do capital social dessas companhias, a partir da oferta inicial de ações (BACEN, 2012).

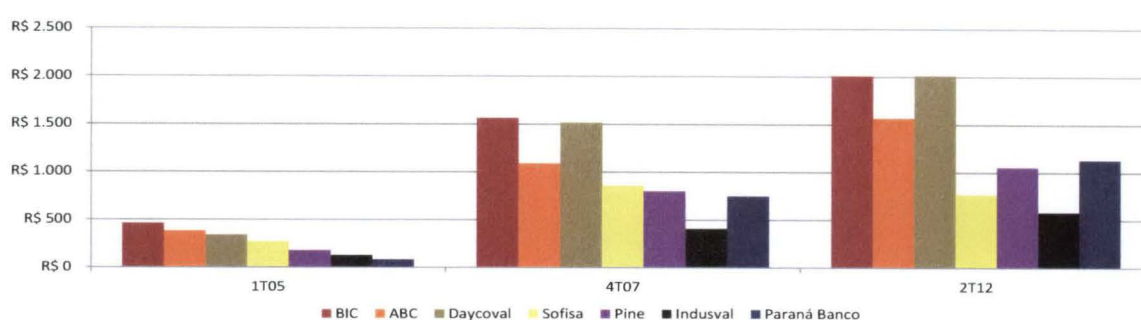


GRÁFICO 5: Evolução do Patrimônio Líquido das instituições do G7, entre o primeiro trimestre de 2005 e o segundo trimestre de 2012 (Em milhões de reais).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Tomando como base o primeiro período de análise, que vai do primeiro trimestre de 2005 ao quarto trimestre de 2007, percebe-se um crescimento⁷ de 278,3% do PL das instituições que compõe o G7. Esse abrupto aumento do PL dos bancos do G7 está diretamente relacionado à abertura, e, conseqüentemente ao aumento de capital, dessas instituições que ocorreu durante o ano de 2007. Esse crescimento foi superior ao apresentado pela instituição de médio porte utilizada como parâmetro, o Banco BMG, cujo crescimento do Patrimônio Líquido foi de 85,7% neste período (BACEN, 2012).

Além de apresentarem um desempenho superior ao do BMG, as instituições do G7 obtiveram uma performance superior ao banco de grande porte utilizado como parâmetro, o banco Bradesco, que apresentou crescimento de 83,6% do Patrimônio Líquido neste primeiro período objeto de análise (BACEN, 2012).

No segundo período analisado, que vai do primeiro trimestre de 2008 ao quarto trimestre de 2009, percebe-se um crescimento de 4% do PL das instituições do G7. Este crescimento foi inferior ao observado no período anterior, entretanto é

⁷ Crescimento da média do PL das instituições do G7.

importante citar que este período é caracterizado pelo estopim da crise financeira internacional o que ocasionou uma retração⁸ no Patrimônio Líquido dos bancos de pequeno e Médio Porte (BACEN, 2013).

O crescimento do PL apresentado pelos bancos do G7 foi inferior ao observado por seu par, o banco BMG, que optou por não abrir o capital, cujo incremento foi de 5,6% (BACEN, 2012).

O desempenho das instituições do G7 neste segundo período objeto de análise ficou aquém do apresentado pelo Bradesco cujo incremento do PL foi de 27%. Deste modo, no período posterior a abertura de capital, os bancos do G7 apresentaram um crescimento do PL inferior ao observado pelas instituições utilizadas como parâmetro (BACEN, 2012).

Por fim, no terceiro período objeto da análise, que vai do primeiro trimestre de 2010 ao segundo trimestre de 2012, verifica-se um crescimento de 20,1% do PL das instituições do G7. Esse crescimento foi puxado pelo desempenho dos bancos Daycoval, Sofisa, ABC Brasil e Paraná Banco que apresentaram crescimento do PL de 40,5%, 35,2%, 25,5% e 25,5% respectivamente. Contudo, mesmo apresentando um desempenho superior em comparação com o período anterior, a performance dos bancos do G7 foi inferior a verificada pelo banco BMG que apresentou crescimento de 58% do PL (BACEN, 2012).

As instituições do G7 tiveram um crescimento do PL, entre o 1T10 e o 2T12, inferior ao do Banco Bradesco, cujo crescimento foi de 48% neste período (BACEN, 2012).

Deste modo percebe-se que os bancos do G7 obtiveram desempenho superior ao das duas instituições utilizadas como parâmetro apenas no primeiro período da análise, ficando aquém no segundo e terceiro período. Contudo, considerando o período como um todo, que vai do primeiro trimestre de 2005 ao segundo trimestre de 2012, verifica-se que o desempenho das instituições do G7, cujo crescimento do PL foi de 395% foi superior ao apresentado pelo BMG, 344%, e, também, maior do que o apresentado pelo Bradesco no qual o crescimento do PL foi de 286,5%. Assim sendo, os bancos do G7 apresentaram uma performance superior

⁸ A partir das informações contábeis das instituições participantes do Sistema Financeiro Nacional, disponíveis no site do Banco Central do Brasil (2013), verifica-se que o Patrimônio Líquido das instituições de pequeno e médio porte que participam do Sistema Financeiro Nacional apresentou um decréscimo de 55,8% entre o 1T08 e o 4T09.

ao das duas instituições utilizadas como parâmetro, sob o aspecto do crescimento do Patrimônio Líquido (BACEN, 2012).

4.2 CARTEIRA DE CRÉDITO

A abertura de capital dos bancos que compõe o G7 proporcionou o aumento no Patrimônio Líquido dessas instituições. Esse incremento no PL, por sua vez, permitiu o crescimento da carteira de crédito, uma vez que pelos parâmetros estabelecidos no acordo de Basiléia I, e, posteriormente no acordo de Basiléia II, os Bancos foram obrigados a manter um percentual do capital de seus sócios nas operações de crédito realizadas (FORTUNA, 2010).

A respeito deste tema, Fortuna (2010, p.890) comenta:

Na primeira versão do acordo de Basiléia I, os volumes mínimos de capital dos bancos eram fixados de forma padronizada. Em Basiléia II, foi permitido que os Bancos determinassem os volumes mínimos de capital com base em seus modelos internos de avaliação de risco de mercado, de crédito e operacional.

Com o aumento no Patrimônio Líquido decorrente da abertura de capital, houve um crescimento⁹ de 467,5% da carteira de crédito dos bancos que compõe o G7 entre o primeiro trimestre de 2005 e o segundo trimestre de 2012 (BACEN, 2012).

Analisando o crescimento nos três períodos, de acordo com o que foi exposto na introdução deste estudo, percebe-se que no primeiro as instituições do G7 apresentaram uma taxa de crescimento de 230%, quando considerada a média da carteira de crédito dessas instituições. É interessante observar que somente no ano de 2007 as instituições do G7 obtiveram um crescimento de 68% da média da carteira de crédito deste grupo de bancos. Este abrupto crescimento pode ter sido influenciado pela captação de recursos impulsionada pela abertura de capital, além do aumento do Índice de Basiléia dessas instituições após a oferta pública inicial de ações (BACEN, 2012).

O crescimento da média da carteira de crédito das instituições do G7, entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007, foi consideravelmente

⁹ Crescimento da média da carteira de crédito das instituições do G7.

superior ao do Banco BMG que apresentou um incremento de 101% da carteira de crédito neste período (BACEN, 2012).

Além de apresentarem um crescimento da carteira de crédito em patamar superior ao do Banco BMG, as instituições do G7 superaram a performance do banco Bradesco que registrou um aumento de 87% da carteira de crédito no primeiro período objeto da análise (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo demonstra a evolução da carteira de crédito das instituições do G7, do Banco Bradesco e do BMG no primeiro período objeto da análise.

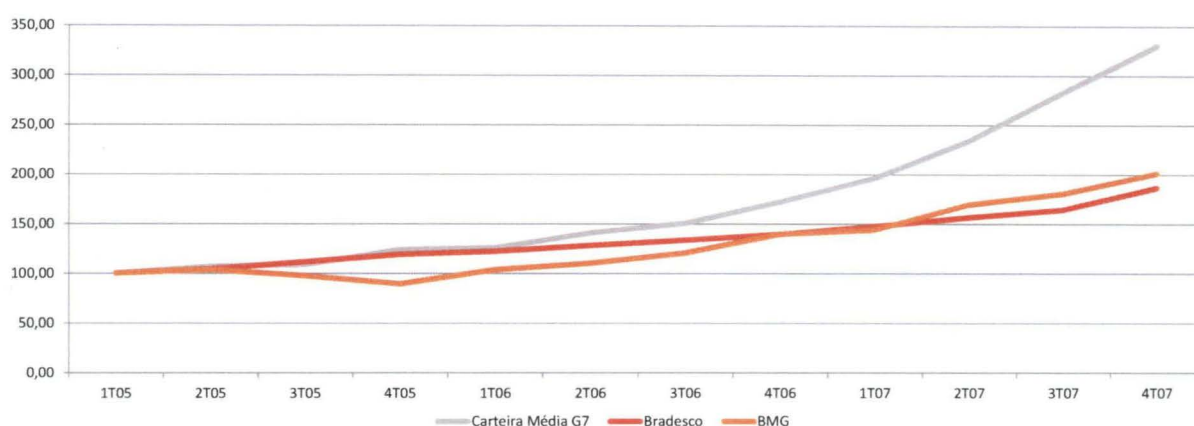


GRÁFICO 6 – Evolução da carteira de crédito das instituições do G7, do Bradesco e do BMG entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007 (1T05=100).

FONTE: (BACEN, 2012)

NOTA: Elaboração Própria

No segundo período, a carteira de crédito média das instituições do G7 obteve um aumento de 16,8%, patamar consideravelmente inferior a do período anterior, e abaixo do desempenho verificado pelo banco BMG, cujo crescimento da carteira de crédito foi de 42% neste período (BACEN, 2012).

As instituições do G7 apresentaram desempenho aquém ao do Banco Bradesco, neste segundo período objeto de análise, uma vez que a carteira de crédito desta instituição registrou crescimento de 32,2% (BACEN, 2012).

Dento deste segundo período objeto de análise é interessante notar o comportamento da carteira de crédito, tanto dos bancos do G7, quanto do BMG e do Bradesco, entre o terceiro trimestre de 2008 e o primeiro trimestre de 2009 na qual há uma redução generalizada da carteira de todas essas instituições. É importante mencionar que foi neste período que ocorreu o estopim da crise financeira de 2008. Além disso, este período é caracterizado, também, por um aumento da

inadimplência quando analisados os créditos vencidos acima de 90 dias considerando-se as operações de crédito totais do sistema financeiro nacional. Este aumento da inadimplência, aliado as incertezas decorrentes da crise financeira de 2008 ocasionou um comportamento mais prudente na oferta de crédito por parte dessas instituições (BACEN, 2012).

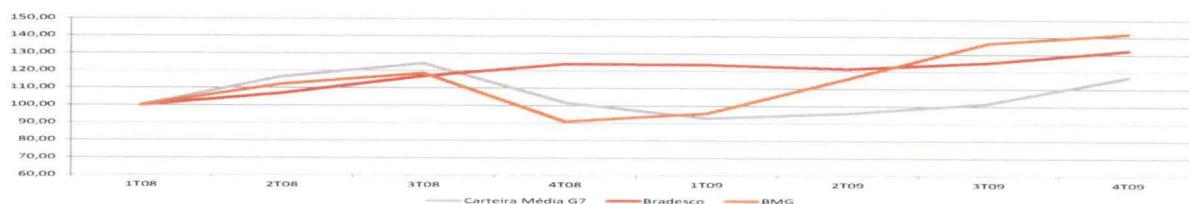


GRÁFICO 7 – Evolução da carteira de crédito das instituições do G7, do Bradesco e do BMG entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009 (2008=100).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

No terceiro período, os bancos do G7 apresentaram comportamento semelhante ao do período anterior, com um crescimento de 26,3% da carteira de crédito, estando abaixo do patamar verificado pelas duas instituições utilizadas como parâmetros: os bancos BMG e Bradesco cujo incremento da carteira de crédito foi de 74% e 49,8% respectivamente (BACEN, 2012).

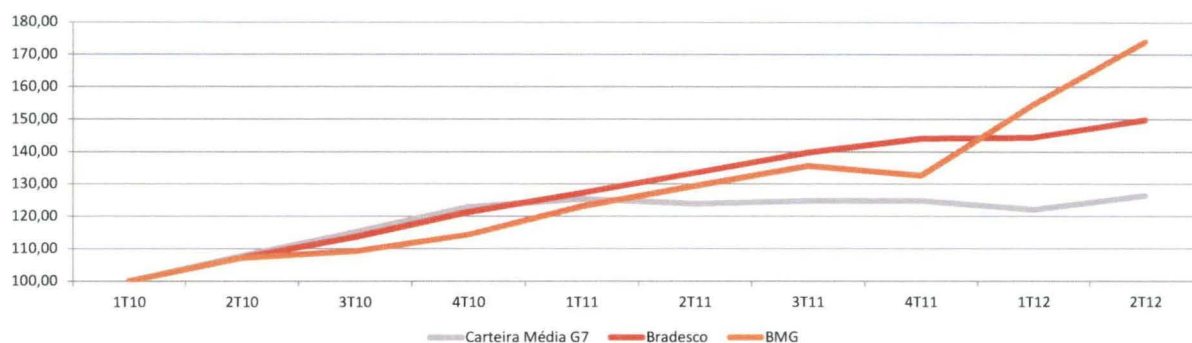


GRÁFICO 8 – Evolução da carteira de crédito das instituições do G7, do Bradesco e do BMG entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012 (2010=100).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Por fim ao se comparar o período inicial (1T05) ao final (2T12) percebe-se que a média da carteira de crédito das instituições do G7 obteve um crescimento de 467,5%, conforme mencionado anteriormente, esse desempenho foi superior ao da instituição de grande porte utilizada como parâmetro, o banco Bradesco, cujo crescimento foi de 315,1% (BACEN, 2012).

Contudo, quando analisado o crescimento médio da carteira de crédito dos bancos do G7 verifica-se que o desempenho desse grupo de bancos foi inferior ao

da instituição de médio porte utilizada como parâmetro, o banco BMG, cuja carteira de crédito obteve um crescimento de 494% entre o primeiro trimestre de 2005 e o segundo trimestre de 2012 (BACEN, 2012).

Deste modo, mesmo a abertura de capital tendo contribuído para o aumento da carteira de crédito das instituições do G7, estas apresentaram uma performance aquém da verificada por seu par de mercado, o banco BMG, que encontrou formas alternativas para sustentar o crescimento de sua carteira de crédito. Dentre essas formas se destaca a emissão de dívida subordinada realizada no ano de 2009 que totalizou US\$ 300 milhões causando um impacto positivo de 2,77 pontos percentuais sobre o índice de Basiléia (BACEN, 2012).

4.3 ÍNDICE DE INADIMPLENCIA POR PROVISÃO (IPP)

Este tópico é destinado a análise do Índice de Inadimplência por provisão (IPP) dos bancos que compõe o grupo dos 7, além de ser realizada uma comparação entre essas instituições e os dois bancos utilizados como parâmetro: o Bradesco e o BMG.

As informações foram extraídas do sítio do Banco Central e se referem ao plano de contas 7022 (Créditos Concedidos por Nível de Risco) que está em consonância com a resolução 2.682 do Bacen.

De acordo com o relatório de Economia Bancária e Crédito do Banco Central do Brasil (2008, p.113): “[...] o IPP é igual ao quociente entre o somatório das provisões mínimas constituídas e o total da carteira de crédito [...].”

A importância de se monitorar a inadimplência é explicada por Nakane (2003, p.15):

Uma alta inadimplência tem o efeito de elevar as taxas de empréstimo pois aumenta os riscos associados as operações de empréstimos. Tal risco diz respeito não somente a inadimplência em si mas também com os riscos envolvidos com o processo de recuperação do crédito e de eventuais garantias.

No primeiro período de análise¹⁰ todos os bancos do G7 reduziram seu Índice de Inadimplência por Provisão, com exceção do Banco Pine, cujo IPP

¹⁰ O primeiro período de análise se estende do primeiro trimestre de 2005 ao quarto trimestre de 2007 e corresponde ao período no qual as instituições do G7 realizaram a abertura de capital.

aumentou 0,8 pontos percentuais. Esta ultima instituição não provisionou valores além dos estabelecidos pela resolução 2.682 do Banco Central do Brasil (PINE, 2007), o que pode indicar que o aumento da inadimplência, ocorrido no período, está relacionado a uma piora da qualidade da carteira de crédito. Quando considerada a média deste índice, ponderada pela carteira de crédito, para as instituições do G7, a redução observada no período foi de 0,4 pontos percentuais, saindo do patamar de 2,2% no 1T05 para 1,8% no 4T07 (BACEN, 2012).

No segundo período objeto de análise¹¹, os bancos que compõe o G7 apresentaram, de um modo geral, um aumento do IIP médio, que atingiu o patamar de 3,9% em 2009. Em média o crescimento¹² foi de 1,1 pontos percentuais no período. Contudo é importante mencionar que este aumento do IPP está mais relacionado a uma cautela por parte dessas instituições do que ao nível real de provisionamento requerido pela resolução 2.682 do Banco Central do Brasil. Essa cautela foi fruto das incertezas quanto às consequências da crise financeira internacional de 2008, conforme esclarecimento do Banco ABC Brasil em sua demonstração financeira anual (DF) (2009, p.28):

Considerando possíveis aumentos nos níveis de risco de crédito em decorrências das incertezas ainda existentes no atual ambiente econômico, foram constituídas, preventivamente, provisões adicionais aos percentuais mínimos requeridos pela Resolução 2.682.

Esta observação realizada pelo Banco ABC Brasil também está presente na DF do Banco Daycoval (2009, p.3):

As despesas com provisão para créditos de liquidação duvidosa (PDD) acumuladas ao longo de 2009 totalizaram R\$ 239,5 milhões, 35,5% superior em relação a 2008, [...] A elevação reflete a postura conservadora utilizada para o provisionamento que gerou uma elevação desta rubrica durante os primeiros nove meses de 2009, garantindo ao Banco uma melhor análise dos possíveis problemas que poderia enfrentar quanto à solvência de seus clientes e a execução de garantias [...].

Observação semelhante é encontra na DF do Banco Indusval (2009, p.3):

[...] A partir do 4T08, o Banco reavaliou todo o seu portfólio de clientes e reclassificou seus riscos refletindo o novo cenário macroeconômico. Tal procedimento produziu um aumento significativo das provisões para devedores duvidosos em consonância com a Resolução 2682 do Banco Central do Brasil. Optou-se ainda por manter uma provisão complementar para amparar a eventualidade de que alguns dos créditos renegociados

¹¹ O segundo período objeto de análise se estende do primeiro trimestre de 2008 ao quarto trimestre de 2009 e compreende o período no qual ocorreu o estouro da bolha imobiliária norte-americana.

¹² Comparação entre a média do IPP das instituições do G7 em 2008 e em 2009.

voltem a apresentar dificuldades de pagamento. Tal procedimento visa proteger os ativos do banco de forma transparente [...]

Entre 2010 e 2011 houve um crescimento de 0,7 p.p do IPP médio do grupo dos sete que chegou ao patamar de 4,3% e logo em seguida apresentou uma leve redução atingindo o patamar de 4,1% no primeiro semestre de 2012. O crescimento verificado entre 2010 e 2011 é decorrente da continuidade da política conservadora no provisionamento de crédito por parte dos bancos ABC Brasil e Pine além do aumento de provisionamento observado por essas instituições em consonância com a Resolução 2.682 do Banco Central do Brasil (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo ilustra o IPP das instituições que integram o grupo dos sete, entre 2005 e o primeiro semestre de 2012.

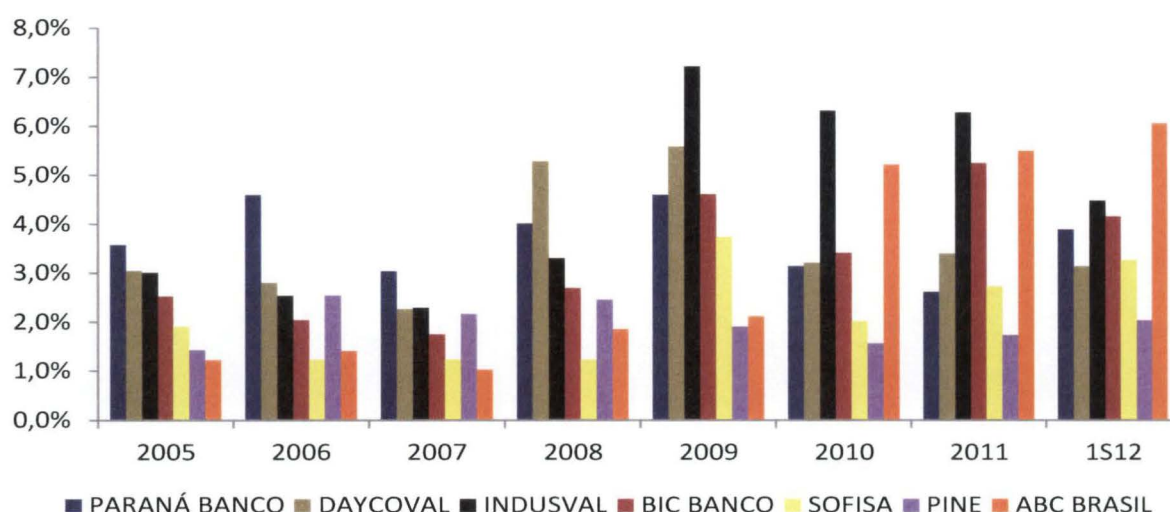


GRÁFICO 9 – Índice de Inadimplência por Provisão das instituições que compõe o G7, entre 2005 e o primeiro semestre de 2012 (Em %).

FONTE: BACEN (2013)

NOTA: Elaboração Própria.

No primeiro período objeto de análise, as instituições do G7¹³ apresentaram um desempenho do Índice de Inadimplência por provisão superior ao da instituição de médio porte utilizada como parâmetro, o banco BMG, que mesmo apresentando uma redução de 2,8 p.p do IPP no período, encerrou o ano de 2007 com Índice de Inadimplência por Provisão de 3,5% (BACEN, 2012).

Além de superarem a performance do Banco BMG, as instituições do G7 obtiveram um desempenho superior ao do Bradesco no primeiro período objeto de análise. Esta instituição manteve seu Índice de Inadimplência por Provisão estável

¹³ Considerando a média do Índice de Inadimplência por Provisão ponderada pela carteira de crédito.

no patamar de 5,3%, valor superior ao encontrado para a média das instituições que compõe o grupo dos sete (BACEN, 2012).

No segundo período objeto de análise, os Bancos do G7 continuaram apresentando desempenho superior ao BMG que mesmo apresentando uma redução de 2,3 p.p do IPP, encerrou o quarto trimestre de 2007 com Índice de Inadimplência por Provisão de 5,6%. É importante mencionar que essa instituição não realizou níveis de provisionamento acima dos estabelecidos pelo Banco Central do Brasil, o que pode ser um indicativo de que a queda da inadimplência ocorreu em virtude de melhora na qualidade de crédito. (BMG, 2009).

As instituições do G7, quando considerado o IPP médio ponderado pela carteira de crédito desse grupo de bancos, obtiveram um desempenho superior ao do Bradesco que apresentou uma elevação do IIP entre 2008 e 2009. Este crescimento do IPP do Bradesco se deve ao fato de a partir do final de 2008 o banco ter realizado um reforço nas provisões excedentes, conforme explicitado na DF da instituição (2008, p.7):

Ao final de 2008, a qualidade dos créditos classificados entre “AA” e “C” permaneceram praticamente estáveis, com leve queda em decorrência do aumento da inadimplência, devido à situação socioeconômica provocada pelos impactos do cenário financeiro mundial. Como medida preventiva, no último trimestre, foram revisadas as classificações de casos pontuais, além de reforço nas provisões excedentes.

Deste modo, o nível de provisão excedente, do Bradesco, em relação ao determinado pela autoridade monetária apresentou um crescimento de 114% neste período, saindo do patamar de R\$ 1,4 bilhões para R\$ 3,0 bilhões, encerrando o quarto trimestre de 2009 em 6,5%, patamar superior ao verificado pelas instituições do G7.

No ano de 2010 o IPP do Bradesco apresentou redução de 1,0 p.p em relação ao ano anterior. O banco continuou fazendo provisões excedentes em relação ao determinado pela Resolução 2.682 do Bacen, contudo esse nível de provisionamento permaneceu estável em relação ao ano anterior perfazendo o montante de R\$ 3,0 bilhões. A estabilidade na constituição de provisões excedentes ao determinado pela autoridade monetária demonstra que a diminuição do IPP é decorrente do crescimento de 30% da carteira de crédito aliada a manutenção da qualidade dos clientes, uma vez que o nível de provisão mínima requerida no período apresentou uma leve redução (-0,16%) (BRADESCO, 2010).

Da mesma forma que nos dois primeiros períodos analisados, no terceiro período objeto de análise as instituições do G7 continuaram apresentando desempenho superior ao do banco de médio porte utilizado como parâmetro, o Banco BMG. Entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012 o Banco BMG apresentou uma elevação de 1,5 p.p do seu Índice de Inadimplência por Provisão. Esta elevação ocorreu sem que houvesse provisões adicionais¹⁴ à estabelecida pela autoridade monetária (BMG, 2012), o que pode ser um indicativo de deterioração na qualidade da carteira de crédito. Deste modo este Banco encerrou o segundo trimestre de 2012 com um IPP de 5,6%, patamar superior à média da inadimplência, ponderada pela carteira de crédito, encontrada para as instituições do G7 que foi de 4,1%. (BACEN, 2012).

Neste terceiro período objeto de análise as instituições do G7 apresentaram IPP inferior ao do Bradesco. Essa última instituição, em 2011 e no primeiro semestre de 2012, a exemplo do que foi observado para os bancos do G7, manteve o comportamento do IPP praticamente estável em comparação a 2010. Essa estabilidade ocorreu mesmo havendo um incremento de 25,5% no nível mínimo de provisionamento exigido, entre 2010 e o segundo trimestre de 2012, uma vez que o crescimento da carteira de crédito, 23,6% no período, anulou o efeito do incremento das provisões para créditos de liquidação duvidosa. Deste modo o Bradesco encerrou o segundo trimestre de 2012 com um IPP de 5,6%, nível superior ao registrado pelas instituições do G7 que foi de 4,1% (BRADESCO, 2012).

O gráfico abaixo demonstra a evolução do IPP médio das instituições do G7, Bradesco e BMG entre o primeiro trimestre de 2005 e o primeiro semestre de 2012.

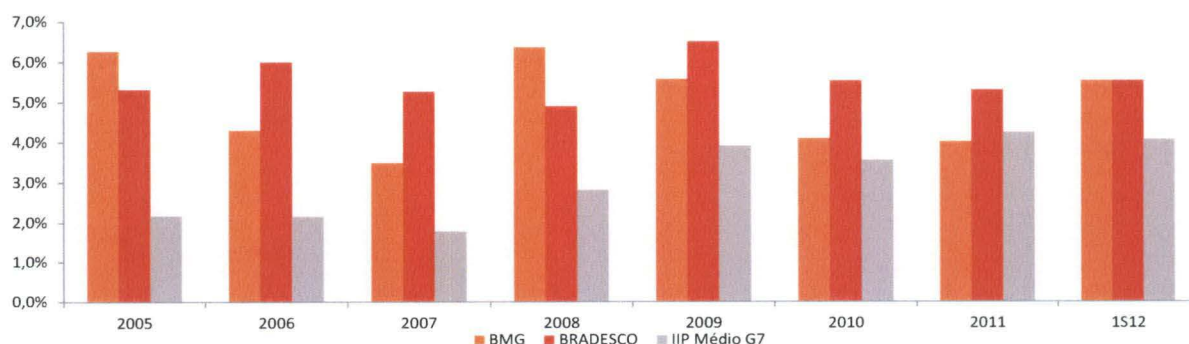


GRÁFICO 10 – Índice de Inadimplência por Provisão média dos Bancos do G7, Bradesco e BMG, entre 2005 e o primeiro semestre de 2012 (Em %).

FONTE: BACEN (2013)

NOTA: Elaboração Própria

¹⁴ As provisões adicionais constituídas pelo banco BMG são referentes às exigidas para os casos de Cessão de Crédito (BMG, 2012).

5 ANÁLISE DOS ÍNDICES

O tópico 6 tem por objetivo analisar os Índices de Liquidez e de Rentabilidade, com o intuito de observar o desempenho operacional das instituições analisadas durante os três períodos considerados.

5.1 ÍNDICE DE LIQUIDEZ

Conforme esclarece Fonseca (2012, p.165): “Os Índices de liquidez nos revelam a capacidade de solvência de uma empresa. De acordo com o mesmo autor, solvência está relacionada à capacidade da empresa de honrar seus compromissos no decorrer de um certo período de tempo.

A partir da explicação fornecida por Fonseca, nesta seção foram analisados dois Índices de Liquidez: 1) Índice de Liquidez Corrente; E 2) Índice de Liquidez Geral;

5.1.1 Índice de Liquidez Corrente (ILC)

O Índice de Liquidez Corrente demonstra a capacidade da empresa de honrar com seus compromissos de curto prazo, a partir de recursos disponíveis de curto prazo. Conforme esclarece Fonseca (2012, p.165):

O Índice de Liquidez Corrente (ILC) revela quantos reais a empresa possui no curto prazo para cada R\$ 1,00 de dívida (obrigações) de curto prazo. Em outros termos, esse índice mede a capacidade da empresa em saldar os seus compromissos financeiros de curto prazo com recursos de curto prazo.”

O Índice de Liquidez Corrente é obtido, pela relação entre o Ativo Circulante e o Passivo Circulante, conforme descrito pela seguinte expressão matemática (FONSECA, 2012):

$$\text{Liquidez Corrente} = \text{Ativo Circulante} / \text{Passivo Circulante} \quad (1)$$

Fazendo a análise do ILC verifica-se que os Bancos do G7 obtiveram Índice de Liquidez Corrente maior do que R\$ 1 durante todo o primeiro período de análise, com exceção do Paraná Banco, na qual o Índice de Liquidez Corrente ficou abaixo da unidade no terceiro trimestre de 2006 e primeiro trimestre de 2007. Contudo, esta instituição obteve valores de ILC consideravelmente acima de seus pares nos três últimos trimestres de 2007 impulsionado pelo aumento do montante de títulos e valores mobiliários e instrumentos financeiros derivativos e da carteira de crédito. (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo demonstra o comportamento do Índice de Liquidez Corrente das instituições do G7 no período compreendido entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007.

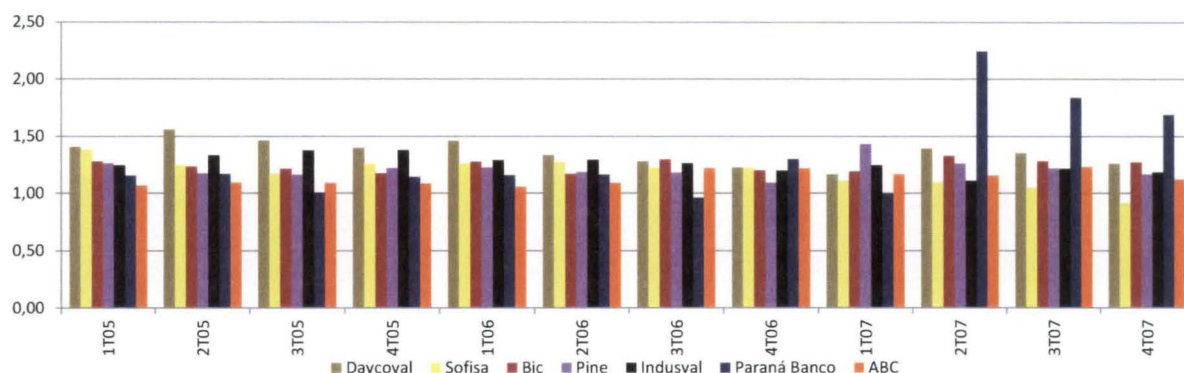


GRÁFICO 11: Evolução do Índice de Liquidez Corrente dos Bancos do G7 entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007 (Em R\$).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Quando analisado a média, ponderada pelo Ativo Circulante, desse índice para as instituições do G7, verifica-se que os valores encontrados estão abaixo do par de mercado desses bancos, o Banco BMG, desde o segundo trimestre de 2005 até o quarto trimestre de 2007. Analisando com mais detalhe o comportamento do ILC do BMG no primeiro período objeto da análise verifica-se que essa instituição obteve comportamentos de alta e baixa deste indicador, no qual o ILC chegou próximo ao patamar de R\$ 2,00 no terceiro trimestre de 2006 e posteriormente a este período apresentou um decréscimo deste indicador impulsionado pelo aumento em uma proporção maior do passivo circulante, que cresceu a uma taxa média de 15,7% no período, em relação ao ativo circulante que apresentou uma taxa média de crescimento de 6%. Esse aumento do passivo do banco BMG ocorreu em virtude do

incremento nas despesas com depósitos que cresceram a uma taxa média de 25,41% no período. Entretanto, ao se considerar o Índice de Liquidez Corrente do BMG entre o 1T05 e o 4T07 é interessante verificar que o ILC desta instituição obteve um aumento de 13,39% na comparação do primeiro trimestre de 2005 com o quarto trimestre de 2007. O aumento do Índice de Liquidez Corrente do Banco BMG se deve a um crescimento do Ativo Circulante em patamar superior ao do Passivo Circulante, enquanto o primeiro cresceu 114,4% o segundo obteve um incremento de 89,2% no período. O crescimento do Ativo Circulante do BMG foi impulsionado pelo aumento de 211,9% nas receitas com Aplicações Interfinanceiras de Liquidez¹⁵ e de 63,1% nos rendimentos com operações de crédito. É importante mencionar que estas duas rubricas são as que apresentam a maior participação no Ativo Circulante desta instituição (BACEN, 2012).

Mesmo apresentando uma redução maior do ILC médio comparativamente ao Bradesco, os bancos do G7 obtiveram patamar superior ao registrado pela instituição de grande porte durante este primeiro período objeto de análise. O Bradesco registrou uma redução de aproximadamente 2% do ILC, ao passo que o ILC médio dos bancos do G7 decaiu aproximadamente 5% neste período (BACEN, 2012).

Desta forma, mesmo obtendo um Índice de Liquidez Corrente maior do que R\$ 1, o que é um indicativo de capacidade de honrar com os compromissos de curto prazo, as instituições que compõe o G7 apresentaram um decréscimo deste indicador, a exemplo do que aconteceu com o banco de grande porte utilizado como parâmetro, o Bradesco (BACEN, 2012).

O desempenho dos bancos do G7 seguiu um rumo contrario ao par de mercado dessas instituições, o banco BMG que teve seu ILC aumentado durante o período. (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo ilustra a evolução do Índice de Liquidez corrente médio dos Bancos do G7, e, também, do BMG e do Bradesco.

¹⁵ De acordo com o plano de contas do Banco Central do Brasil (COSIF), as Aplicações Interfinanceiras de Liquidez englobam: Aplicações em Operações Compromissadas, Títulos emitidos pelo Tesouro Federal, Estadual e Municipal, Certificado de Depósito Bancário de Instituições Financeiras ligadas, Debêntures, dentre outros títulos (BACEN, 2012).

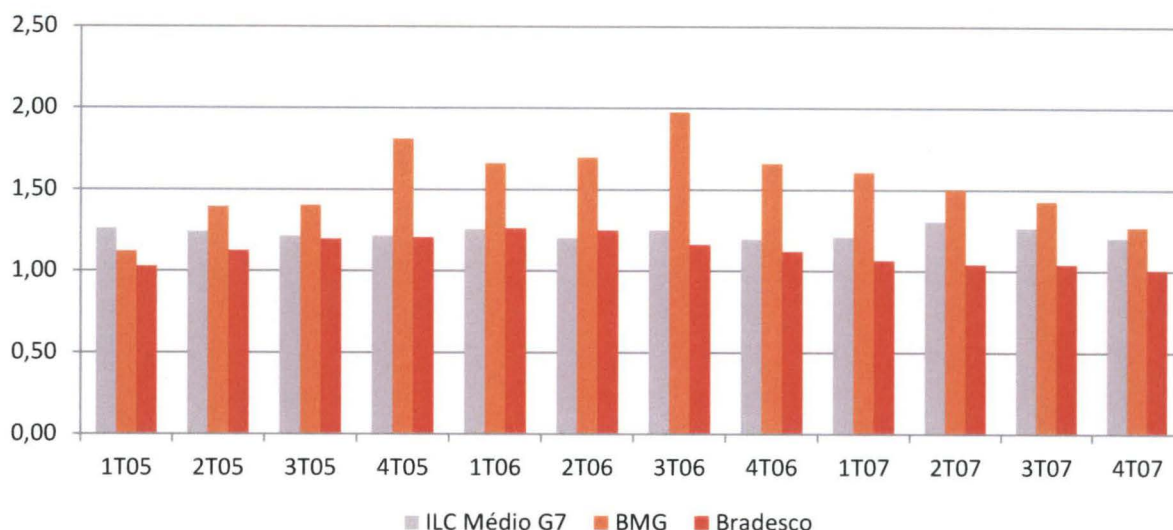


GRÁFICO 12 – Índice de Liquidez Corrente médio dos Bancos do G7, do Bradesco e do BMG, entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007 (Em R\$).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Assim como no primeiro período analisado, no segundo período objeto de análise, que vai do primeiro trimestre de 2008 ao quarto trimestre de 2009, os Bancos do G7 obtiveram Índice de Liquidez Corrente superior à unidade. A exceção foi o Banco Sofisa, no qual o ILC foi inferior a R\$ 1 no segundo e terceiro trimestre de 2008. A redução do ILC do Banco Sofisa, nos períodos mencionados, ocorreu em virtude da diminuição de 7,2% e 0,74% do Ativo Circulante desta instituição no 2T08 e 3T08, respectivamente, impulsionado pela retração do saldo da carteira de crédito, e pelo aumento de 11,3% e 17,3% do passivo circulante no segundo e terceiro trimestre de 2008. As contas do passivo que mais cresceram foram às despesas com depósitos¹⁶ e com captações no mercado aberto¹⁷.

O gráfico abaixo mostra o comportamento do ILC das instituições do G7 entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009.

¹⁶ De acordo com o plano de contas do Banco Central do Brasil (COSIF) as despesas com depósitos englobam: Depósitos a vista, Depósitos de empresas localizadas em zonas de processamento para exportação (ZPE), depósitos para aquisição de títulos públicos federais, depósitos de governo, dentre outras (BACEN, 2012).

¹⁷ De acordo com o plano de contas do Banco Central do Brasil (COSIF) as captações no mercado aberto englobam: Recursos de aceites cambiais, Recursos de Letras Imobiliárias, Hipotecárias, Debêntures, dentre outras. (BACEN, 2012).

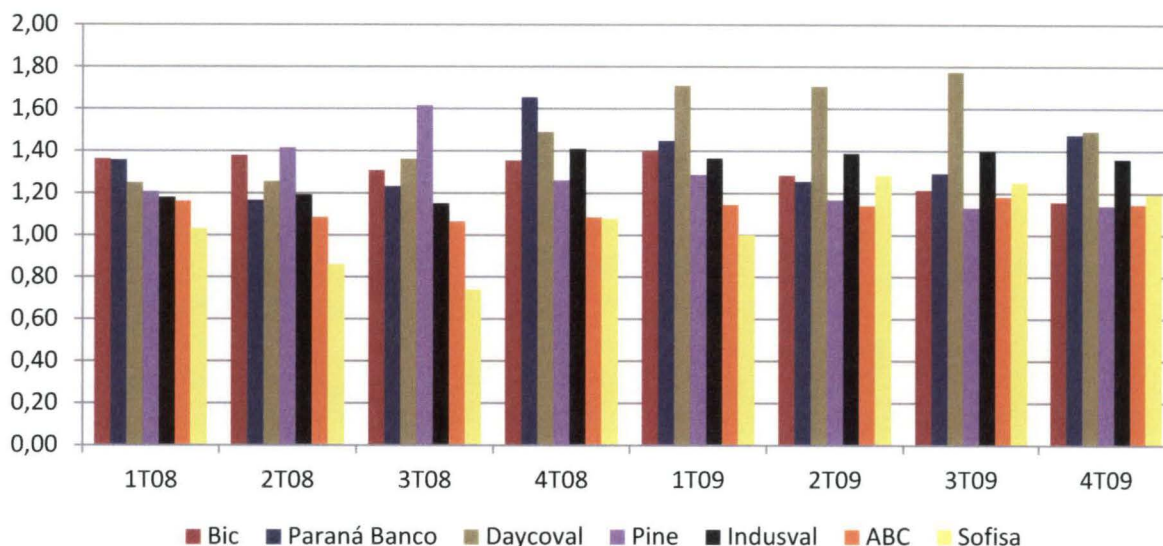


GRÁFICO 13 - Evolução do Índice de Liquidez Corrente dos Bancos do G7, entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009 (Em R\$).

FONTE: BACEN 2012

NOTA: Elaboração Própria

A média do ILC dos bancos do G7, ponderada pelo Ativo Circulante, permaneceu praticamente estável no período, na qual saiu do patamar de R\$ 1,24 no 1T08 e encerrou o 4T09 neste mesmo patamar. O ILC médio das instituições do G7 chegou ao patamar máximo, deste período, de R\$ 1,35 no primeiro trimestre de 2009 impulsionado pelo crescimento do ILC dos bancos Sofisa, Indusval e Daycoval que obtiveram aumentos de 45,9%, 22,6% e 9,6%, respectivamente, em relação ao trimestre anterior. É interessante observar que o aumento do ILC dessas três instituições ocorreu em virtude do incremento nas receitas com Aplicações Interfinanceiras de Liquidez que cresceu 30,43%, 450,9% e 24% respectivamente para Sofisa, Indusval e Daycoval entre o 4T08 e o 1T09. Por sua vez, o BMG, par de mercado das instituições do G7, contrariamente ao período anterior, apresentou uma redução do ILC. Essa redução se mostrou bastante acentuada no decorrer do ano de 2009 em virtude de um crescimento em uma proporção maior do Passivo Circulante em relação ao Ativo Circulante desta instituição. Enquanto o primeiro registrou um crescimento de 162% entre o primeiro e o quarto trimestre de 2009, crescimento este impulsionado pelo aumento nos dispêndios com depósitos, captações no mercado aberto e obrigações por títulos e valores mobiliários emitidos no exterior, o segundo apresentou um crescimento no período em uma proporção consideravelmente inferior (45,5%). Contudo é importante mencionar que no encerramento deste segundo período objeto de análise, que corresponde ao quarto

trimestre de 2009, as instituições do G7 obtiveram um ILC médio aquém do apresentado pelo Banco BMG, cujos valores foram R\$ 1,24 e R\$ 1,33 respectivamente (BACEN, 2012).

O comportamento do ILC das instituições do G7 divergiu, também, da evolução deste indicador apresentada pelo Bradesco, cujo Índice de Liquidez Corrente registrou um crescimento de 9,1% entre o 1T08 e o 4T09. Este crescimento registrado pelo Bradesco ocorreu em virtude de um aumento maior do Ativo Circulante, crescimento de 73,3%, comparativamente ao Passivo Circulante que cresceu 60% no período. O incremento do Ativo Circulante do Bradesco foi impulsionado principalmente pela elevação de aproximadamente 108% nas Receitas com Aplicações Interfinanceiras de Liquidez. Entretanto é importante mencionar que no quarto trimestre de 2009, ultimo trimestre deste período, os bancos do G7, quando considerado o ILC médio ponderado pelo Ativo Circulante, encerraram, com um Índice de Liquidez Corrente acima do registrado pelo Bradesco, cujos valores foram R\$ 1,24 e R\$ 1,14 respectivamente. (BACEN, 2012).

No gráfico abaixo é apresentado o ILC médio dos Bancos do G7, do Bradesco e do BMG entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009.

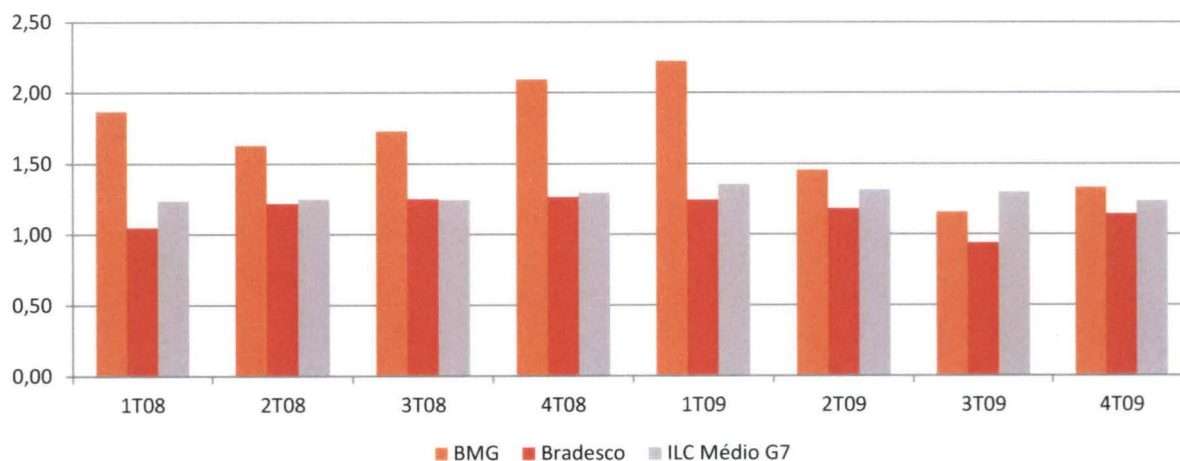


GRÁFICO 14 - Comparativo do Índice de Liquidez Corrente dos Bancos do G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2008 e o 4º trimestre de 2009.

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Conclui-se que este período foi melhor para os Bancos do G7 comparativamente ao anterior. O ILC médio desses bancos permaneceu estável, contrariamente a performance do banco BMG que apresentou uma considerável redução deste índice. Além de ter um crescimento superior ao do Banco BMG, a média deste índice para as instituições que compõe o G7 encerrou o quarto

trimestre de 2009 a R\$ 1,24, indicando a capacidade de honrar, com uma certa folga (sobra de R\$ 0,24), com os compromissos de curto prazo (BACEN, 2012).

Da mesma forma que nos dois primeiros períodos, no terceiro período os Bancos do G7 apresentaram Índice de Liquidez Corrente superior à unidade, com algumas exceções pontuais, como é o caso do Paraná Banco no terceiro trimestre de 2010 e primeiro trimestre de 2011, cujo índice foi de R\$ 0,92 e R\$ 0,89 respectivamente, e do Banco Sofisa, cujo ILC do terceiro trimestre de 2010 foi de R\$ 0,94. No caso do Paraná Banco, no terceiro trimestre de 2010 foi observado uma redução de 2,6% do Ativo Circulante em relação ao período anterior, enquanto houve um aumento de aproximadamente 20% do Passivo Circulante. O aumento do Passivo Circulante foi impulsionado pelo incremento nos dispêndios com depósitos e recursos de aceites e emissão de títulos¹⁸ que cresceram 20,4% e 84% em relação ao segundo trimestre de 2010. Ainda com relação ao Paraná Banco, a redução do ILC no primeiro trimestre de 2011 foi fruto de um crescimento de 12% do Passivo Circulante, uma vez que o Ativo Circulante permaneceu estável em relação ao período anterior (4T10). Assim como foi observado no terceiro trimestre de 2010, as contas do Passivo Circulante que apresentaram o maior crescimento foram os depósitos e recursos de aceites e emissão de títulos que cresceram 14% e 2.075% entre o quarto trimestre de 2010 e o primeiro trimestre de 2011. No caso do Banco Sofisa, a redução observada no ILC do terceiro trimestre de 2010 ocorreu em virtude de um decréscimo de 8% no Ativo Circulante e um aumento de aproximadamente 10% do Passivo Circulante em relação ao período anterior (2T10). A redução do Ativo Circulante é explicada pelo decréscimo de 62% nas receitas com aplicação interfinanceira de liquidez e de 2% nas receitas com Operações de Crédito. Já as contas do passivo que mais cresceram foram os dispêndios com depósitos (3,6%), captações no mercado aberto (71,5%), obrigações por empréstimos (183%) e carteira de câmbio (218%) (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo demonstra a evolução do Índice de Liquidez corrente das instituições que compõe o G7 durante este período.

¹⁸ De acordo com o Plano de Contas do Banco Central do Brasil (COSIF) a rubrica recursos de aceites e emissão de títulos engloba os recursos de aceites cambiais, letras imobiliárias e hipotecárias, debêntures, dentre outros (BACEN, 2012).

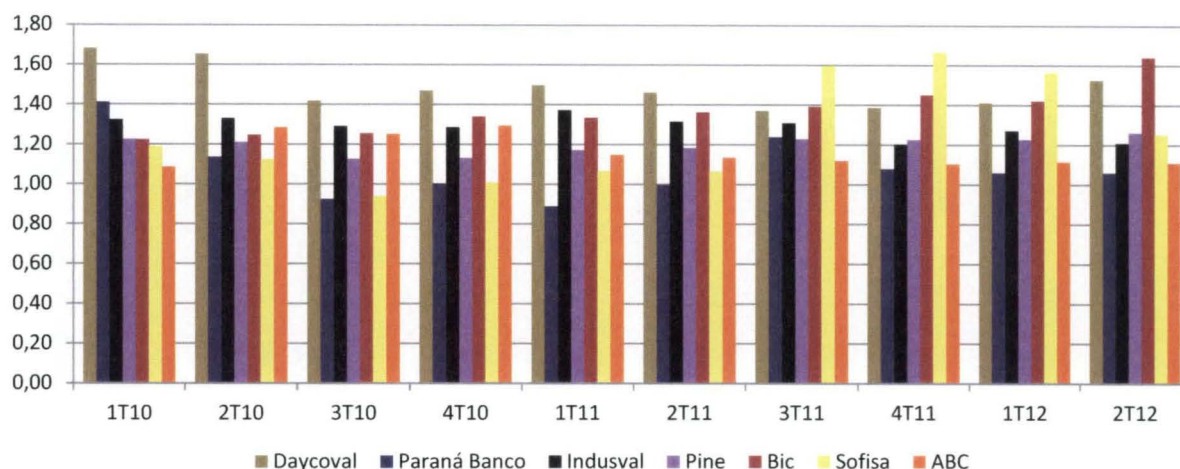


GRÁFICO 15 - Evolução do Índice de Liquidez Corrente das instituições que compõe o G7, entre o primeiro trimestre de 2010 ao segundo trimestre de 2012 (Em R\$).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

Fazendo um comparativo entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012 verifica-se que as instituições do G7 apresentaram um crescimento de 7,81% do Índice de Liquidez Corrente Médio¹⁹. O incremento do ILC médio das instituições do G7 foi impulsionado, principalmente, pelo crescimento de 34,4% deste indicador apresentado pelo BIC Banco. É importante lembrar que esse banco possui o maior Ativo Circulante²⁰ dentre as instituições do G7, o que faz com que essa instituição apresente uma grande influência no ILC médio dos bancos desse grupo. As contas que mais influenciaram o crescimento do ILC do BIC Banco foram às receitas com Aplicações Interfinanceiras de Liquidez, que cresceram 132,5% no período, e as despesas com depósitos, que obtiveram redução de aproximadamente 21% neste período. Por sua vez, o Banco BMG registrou uma queda de 30,4% do ILC neste ultimo período objeto de análise. Esta redução do ILC do banco BMG foi fruto de um aumento maior do Passivo Circulante comparativamente ao Ativo Circulante, enquanto o primeiro registrou um crescimento médio por trimestre de 11,4%, o segundo cresceu em média 7,0% por trimestre, fazendo com que o ILC apresentasse retração no período. O crescimento do Passivo Circulante do BMG foi impulsionado pelo aumento médio por trimestre de

¹⁹ Média ponderada pelo Ativo Circulante, do Índice de Liquidez Corrente, das instituições que compõe o grupo dos sete.

²⁰ Somente lembrando que a média do ILC dos bancos do G7 foi ponderada pelo Ativo Circulante.

aproximadamente 9% nas despesas com depósitos e de 16% de crescimento médio da rubrica outras obrigações²¹ (BACEN, 2012).

Além de terem apresentado uma performance superior a do banco BMG, os bancos do G7 superaram o desempenho verificado pelo Bradesco que apresentou uma retração de 16,1% do ILC. A redução do ILC do Bradesco, neste período, é explicada pelo crescimento em uma proporção maior do Passivo Circulante comparativamente ao Ativo Circulante, uma vez que o primeiro cresceu a uma taxa média de 5,8% entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012, e o segundo cresceu a uma taxa média de 3,7% neste mesmo período. Este aumento do Passivo Circulante do Bradesco é explicado pelo incremento médio de 3,2% nas despesas com depósitos, as quais atingiram o patamar de aproximadamente 40% do Passivo Circulante desta instituição no 2T12. Além do crescimento das despesas com depósitos houve um aumento de aproximadamente 30% nos dispêndios com a carteira de livre movimentação²² e de 22% nas obrigações por títulos e valores mobiliários emitidos no exterior (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo demonstra a evolução do Índice de Liquidez corrente das instituições que compõe o G7, do Bradesco e do BMG durante este período.

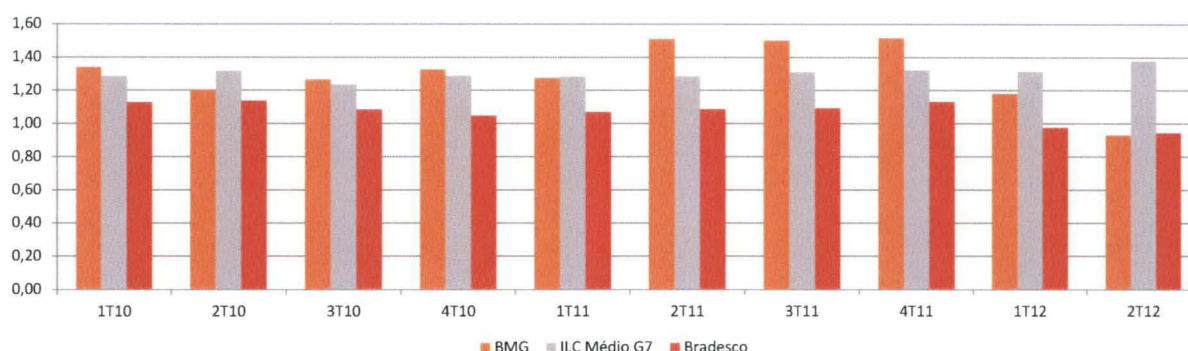


GRÁFICO 16 - Comparativo do Índice de Liquidez Corrente das instituições que compõe o G7, BMG e Bradesco entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012) (Em R\$).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Por fim, ao se comparar o período inicial da análise (1T05) ao período imediatamente após a abertura de capital das instituições que compõe o G7 (4T07),

²¹ De acordo com o Banco BMG (2012) as contas que compõe a rubrica outras obrigações são: Cobrança e arrecadação de tributos e assemelhados, carteira de câmbio, sociais e estatutárias, fiscais e previdenciárias, negociação e intermediação de valores, operações com loterias, fundos e programas sociais, fundos financeiros e de desenvolvimento, operações especiais, instrumentos híbridos de capital e dívida, dívidas subordinadas, instrumentos financeiros derivativos e diversas.

²² De acordo com o plano de contas do Banco Central do Brasil (COSIF) a carteira de livre movimentação é constituída por títulos destinados a negociação (BACEN, 2012).

percebe-se que estes apresentaram o pior desempenho, redução de 4,76% do ILC. Contudo, ao se comparar o período como um todo verifica-se que os bancos do G7 apresentaram um desempenho superior ao registrado pelas duas instituições utilizadas como parâmetro: o Banco Bradesco e o BMG. Enquanto os bancos do G7 obtiveram crescimento de 9,28%, os dois últimos decresceram 7,77% e 16,87% respectivamente. É importante atentar que as instituições que compõe o grupo dos sete encerraram o primeiro semestre de 2012 com um Índice de Liquidez Corrente médio, ponderado pelo Ativo Circulante, de R\$ 1,38, indicando capacidade de honrar com os compromissos de curto prazo, havendo uma sobra de R\$ 0,38 para cada R\$ 1,00 de dívida de curto prazo. Esse mesmo comportamento não pode ser percebido pelo Bradesco e pelo BMG, que encerraram o segundo trimestre de 2012 com ILC de R\$ 0,95 e R\$ 0,93, respectivamente, indicando incapacidade de honrar os compromissos de curto prazo a partir da disponibilidade de recursos de curto prazo. (BACEN, 2012).

5.1.2 Índice de Liquidez Geral (ILG)

O Índice de Liquidez Geral demonstra a capacidade da empresa de honrar com seus compromissos de curto e longo prazo, a partir da disponibilidade de recursos no curto e no longo prazo. Conforme esclarece Fonseca (2010, p.167):

O Índice de Liquidez Geral (ILG) revela quantos reais a empresa tem no curto prazo e no longo prazo, para cada R\$ 1,00 de dívida no curto prazo e no longo prazo. Dito diferentemente, esse índice mede a capacidade da empresa em saldar os seus compromissos financeiros totais com recursos totais.

O Índice de Liquidez Geral é obtido pela soma do Ativo Circulante com o Ativo Não Circulante dividido pelo somatório do Passivo Circulante com o Passivo Não Circulante, conforme descreve a fórmula 2: (FONSECA, 2012).

$$\text{Índice Liquidez Geral} = (\text{Ativo Circulante} + \text{Ativo Não Circulante}) / (\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante}) \quad (2)$$

Fazendo a análise do Índice de Liquidez Geral dos Bancos que constituem o G7 no primeiro período²³, observa-se que todos eles apresentaram este índice acima da unidade, com uma exceção pontual do Banco Sofisa que apresentou um ILG de R\$ 0,92 no quarto trimestre de 2007. Isso indica uma boa capacidade de honrar com os compromissos, tanto de curto prazo quanto de longo prazo dessas instituições. No caso do Banco Sofisa a incapacidade de honrar com os compromissos de curto e de longo prazo observada no 4T07 ocorreu em virtude de um crescimento dos Ativos Circulante e não Circulante em um patamar inferior ao crescimento dos Passivos Circulante e não Circulante, enquanto o resultado da soma das primeiras rubricas cresceu apenas 2,6% entre o 3T07 e o 4T07, a soma das segundas rubricas apresentaram um crescimento de 15% impulsionadas por um aumento de 17% nas despesas com depósitos e de 12,8% de incremento nos dispêndios de relações de interdependências²⁴ (BACEN, 2012).

Vale apenas mencionar a situação do Paraná Banco cujo ILG aumentou consideravelmente após a abertura de capital, de modo que este índice ultrapassou a marca de R\$ 2,00 no segundo trimestre de 2007 e se situou muito próximo disso nos dois trimestres seguintes. Este abrupto crescimento do ILG do Paraná Banco é explicado por um aumento de 80% da soma do Ativo Circulante com o não Circulante entre o primeiro e o segundo trimestre de 2007, enquanto que a soma do Passivo Circulante com o não Circulante cresceu apenas 5,7%. As contas do Ativo Circulante e não Circulante que mais cresceram neste período foram: Operações com Títulos e Valores Mobiliários e Operações de Crédito cujo incremento foi de 4,0% e de 17% respectivamente (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo ilustra a evolução deste índice, para as instituições integrantes do G7, no primeiro período da análise.

²³ Somente lembrando que o primeiro período objeto de análise se estende do primeiro trimestre de 2005 ao quarto trimestre de 2007 e corresponde ao período no qual as instituições do G7 abriram o capital.

²⁴ De acordo com o plano de contas do Banco Central do Brasil (2012) as contas que totalizam a rubrica relações de interdependência são: Recursos em trânsito de terceiros, Concessionários de Serviços Públicos, Ordens de pagamentos em moedas estrangeiras e Transferências Internas de Recursos (BACEN, 2012).

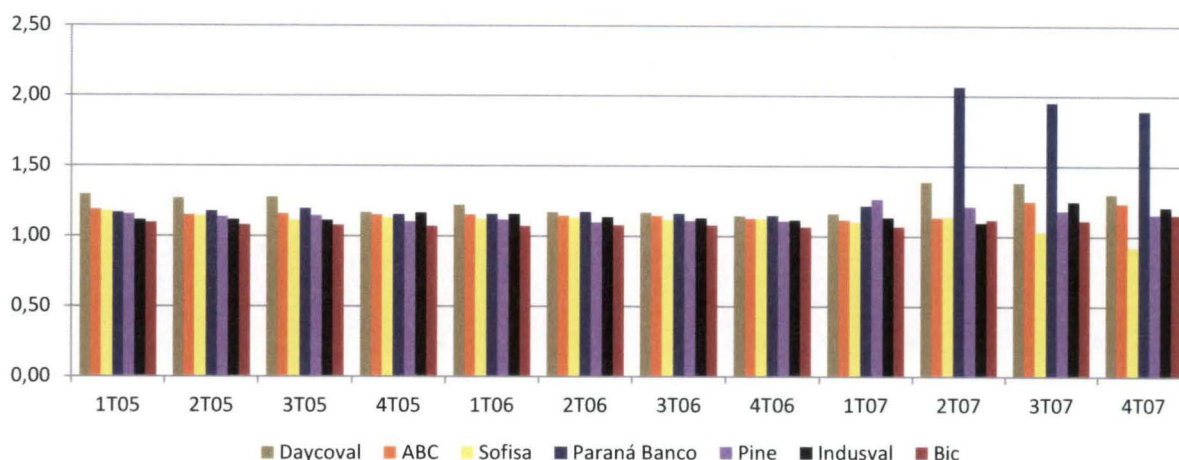


GRÁFICO 17 - Evolução do Índice de Liquidez Geral dos Bancos que constituem o G7, entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007 (Em R\$).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Analisando a média, ponderada pela soma do Ativo Circulante com o Ativo Não Circulante, do ILG dos bancos do G7, entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007, verifica-se que esse grupo de bancos apresentou um crescimento de 4,35% do ILG, performance superior a apresentada pelo banco BMG. O BMG apresentou uma redução de 3,20% de seu ILG durante o primeiro período de análise. É interessante observar que até o primeiro trimestre de 2007 o banco BMG apresentava o maior ILG dentre as instituições analisadas, entretanto a partir do 2T07 esta instituição foi alcançada pelos bancos do G7 que atingiram o patamar de R\$ 1,24 de Índice de Liquidez Geral. Essa melhora de desempenho dos bancos do G7 foi ocasionada, sobretudo, pela elevação do ILG do Paraná Banco, cujos motivos foram explicitados anteriormente, que puxou a média do Índice de Liquidez Geral dos Bancos do G7 para cima, uma vez que o ILG das demais instituições do G7 apresentou um leve crescimento entre o 1T07 e o 2T07 (BACEN, 2012).

O comportamento do ILG das instituições do G7, neste primeiro período objeto de análise, se assemelhou da evolução deste indicador apresentada pelo Bradesco que registrou um incremento de 1,02% do Índice de Liquidez Geral. Contudo, mesmo apresentando um incremento do Índice de Liquidez Geral, chama a atenção o fato de o Bradesco permanecer com esse índice abaixo da unidade durante todo o período, o que indica uma certa dificuldade em honrar com os compromissos de curto e longo prazo. Além disso, é interessante notar que o ILG de um banco de grande porte, cuja soma do Ativo Circulante com o Ativo Não

Circulante atingiu o montante de R\$ 281 bilhões no quarto trimestre de 2007, está abaixo dos índices apresentados por bancos de médio porte cuja soma de seus ativos, das instituições do G7, chega a 12,7% dos ativos apresentados pelo Bradesco (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo demonstra a comparação do Índice de Liquidez Geral²⁵ entre os bancos do G7, o Bradesco e o BMG durante o primeiro período de análise.

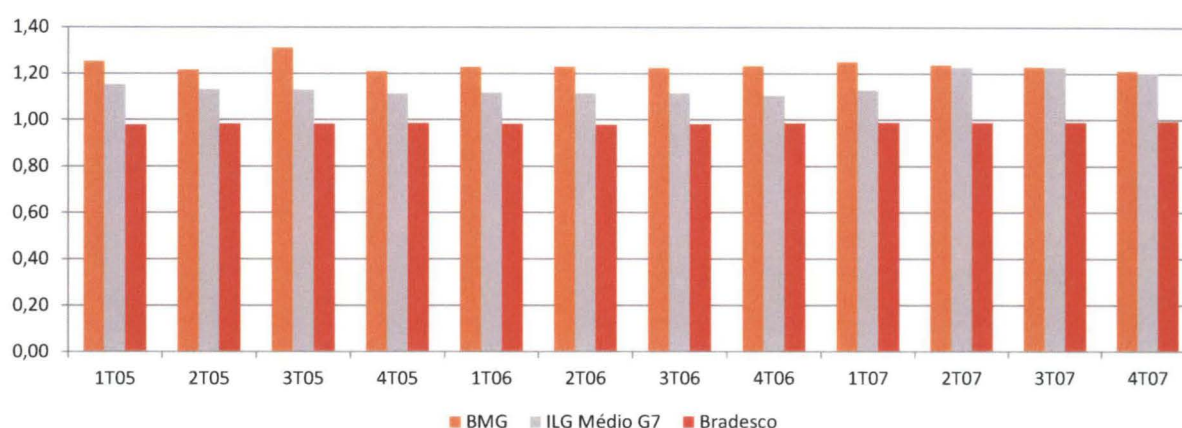


GRÁFICO 18 - Comparativo do Índice de Liquidez Geral dos Bancos do G7, BMG e Bradesco entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007 (Em R\$).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

O segundo período²⁶ objeto da análise, assim como o anterior, foi marcado pela permanência, acima de R\$ 1, do Índice de Liquidez Geral dos bancos do G7. Do mesmo modo que no período anterior, o Banco Sofisa apresentou ILG inferior a R\$ 1. Contudo, neste período, o problema não foi pontual, persistindo por cinco trimestres consecutivos. Somente no segundo trimestre de 2009, este banco recupera sua liquidez de curto e longo prazo, permanecendo com indicador superior a R\$ 1 até o final do período. A incapacidade de o banco Sofisa honrar com os compromissos de curto e longo prazo entre o primeiro trimestre de 2008 e o primeiro trimestre de 2009 se deu em virtude de um decréscimo médio, por trimestre, de 1,2% do resultado da soma do Ativo Circulante com o não Circulante, uma vez que o resultado da soma do Passivo Circulante com o não Circulante permaneceu

²⁵ Média do ILG, ponderada pela soma do Ativo Circulante com o Ativo Não Circulante, dos bancos do G7.

²⁶ Relembrando que o segundo período objeto de análise se estende do primeiro trimestre de 2008 ao quarto trimestre de 2009 e corresponde ao período no qual ocorreu o estouro da bolha imobiliária norte-americana.

praticamente estável neste período. Isso fez com que o Passivo fosse superior ao Ativo entre o 1T08 e o 1T09 (BACEN, 2012).

Outro aspecto que chama a atenção neste segundo período objeto da análise é o elevado patamar de ILG que o Paraná Banco manteve durante todo este período, no qual o Índice de Liquidez Geral chegou próximo aos R\$ 2,50 no segundo trimestre de 2008. Neste período específico (2T08) foi registrado um aumento de aproximadamente 8% no resultado da soma do Ativo Circulante com o Não Circulante, enquanto que houve uma diminuição de 19,4% no resultado da soma do Passivo Circulante com o Não Circulante. A conta do Ativo que apresentou o maior crescimento foi à receita com operações de crédito cujo incremento foi de 12% entre o 1T08 e o 2T08, é importante mencionar que esta conta foi responsável por 71,3% do resultado da soma do Ativo Circulante com o não Circulante do Paraná Banco no segundo trimestre de 2008 (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo apresenta a evolução do Índice de Liquidez Geral dos bancos do G7 durante o segundo período da análise.

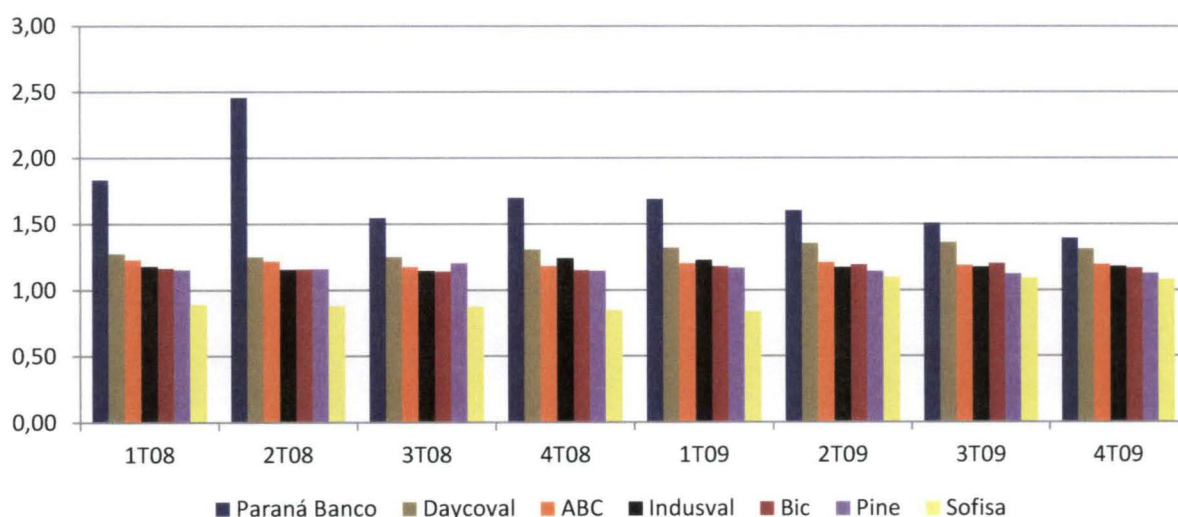


GRÁFICO 19 - Evolução do Índice de Liquidez Geral dos Bancos que compõe o G7 entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009 (Em R\$).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Neste segundo período objeto de análise o Índice de Liquidez Geral médio, ponderado pela soma do Ativo Circulante com o Ativo Não Circulante, das instituições que compõe o grupo dos sete permaneceu estável saindo do patamar de R\$ 1,19 no primeiro trimestre de 2008 e encerrando neste mesmo patamar no ultimo trimestre de 2009. Já, o banco de médio porte utilizado como parâmetro, o Banco BMG, registrou um decréscimo de 7,4% do ILG. Mesmo registrando uma diminuição

do ILG, o BMG encerrou o quarto trimestre de 2009 com um Índice de R\$ 1,25, portanto acima do registrado pelos bancos do G7. É importante observar que este período foi marcado pelo estopim da crise financeira internacional, o que fez com que as despesas de captação das instituições analisadas apresentassem um aumento, na qual os custos dos depósitos do Banco BMG cresceram 79,4% e o valor médio dos depósitos dos Bancos do G7, ponderado pela soma do Ativo Circulante com o Ativo Não Circulante, obtiveram incremento de 13,27%. Conforme mencionado anteriormente, no período imediatamente posterior a crise financeira de 2008 foi criado um novo instrumento de depósito destinado aos bancos de pequeno e médio porte com o intuito de protegê-los de uma possível retirada em massa dos recursos captados. Além disso, foram liberados recursos do compulsório dos bancos de grande porte para que esses adquirissem carteira das instituições de pequeno e médio porte. Tais medidas adotadas pela autoridade monetária impediram que estes bancos sofressem uma escassez de liquidez (BACEN, 2012).

Comparativamente ao Banco Bradesco, o ILG médio das instituições do G7 apresentou uma performance superior ao da instituição de grande porte utilizada como parâmetro, uma vez que o Bradesco apresentou redução de 6,2% do Índice de Liquidez Geral neste período. A redução do ILG do Bradesco, a exemplo do que aconteceu com os bancos de médio porte está relacionada, principalmente a um aumento de 62,3% dos custos de captação desta instituição no período, decorrente dos efeitos da crise financeira internacional (BACEN, 2012).

É interessante notar que este período não foi bom do ponto de vista do crescimento do índice, contudo o ILG dos bancos do G7, a exemplo do que foi observado para o BMG, ficou acima de R\$ 1,00 durante todo o período, demonstrando capacidade destas instituições de honrar com os compromissos de curto e longo prazo. O desempenho das instituições do G7 foi superior ao do Bradesco, assim como no primeiro período de análise, uma vez que o ILG desta instituição permaneceu abaixo de R\$ 1,00, o que indica uma certa dificuldade em honrar com os compromissos de curto e longo prazo. Os dois fatos, relacionados ao Bradesco, que chamaram a atenção para o primeiro período de análise, persistem neste segundo período (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo demonstra a evolução do ILG médio dos bancos integrantes do G7, do Bradesco e do BMG.

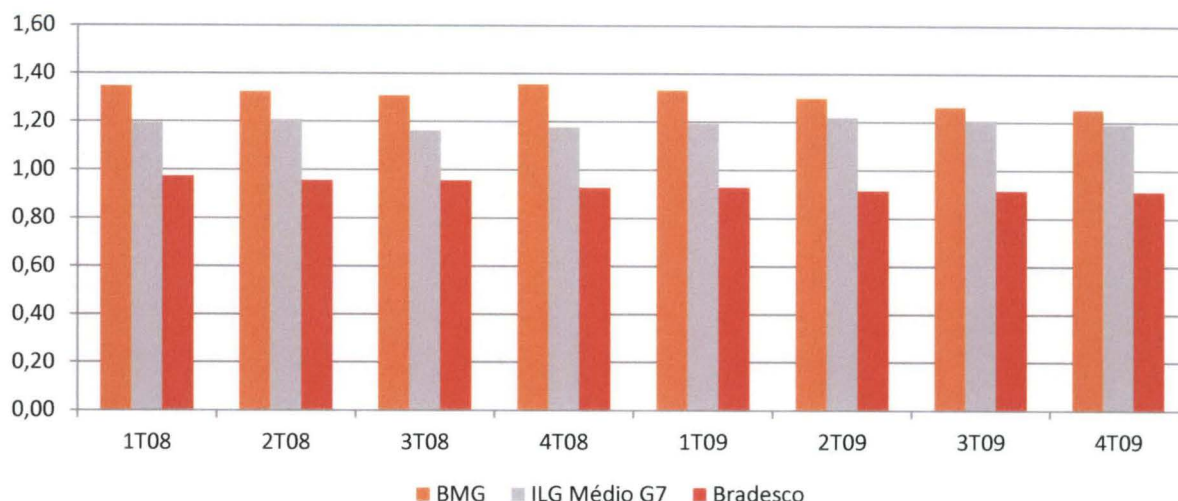


GRÁFICO 20 - Comparativo do Índice de Liquidez Geral dos Bancos que constituem o G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009 (Em R\$).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

No ultimo período²⁷ objeto de análise todos os bancos que integram o grupo dos sete apresentaram ILG superior à unidade. Assim como no período anterior, verifica-se um bom desempenho do Paraná Banco neste quesito, cuja média do ILG foi de R\$ 1,31, indicando que o banco é capaz de honrar com os compromissos de curto e longo prazo e, além disso, apresentar uma sobra de R\$ 0,31 por dívida de curto e longo prazo. Contudo, mesmo tendo mantido o ILG em patamar elevado, é importante frisar que este indicador para o Paraná Banco apresentou decréscimo durante este período. Este decréscimo foi fruto de um crescimento inferior das receitas com operações de crédito, cujo aumento médio, por trimestre, no período foi de 5,8%, comparativamente ao aumento dos custos dos depósitos, cujo crescimento médio no período foi de 7,8% (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo traz a evolução do Índice de Liquidez Geral dos Bancos do G7 durante o ultimo período de análise.

²⁷ Relembrando que o ultimo período objeto de análise se estende do primeiro trimestre de 2010 ao segundo trimestre de 2012 e corresponde ao período no qual a economia brasileira demonstra sinais de aquecimento.

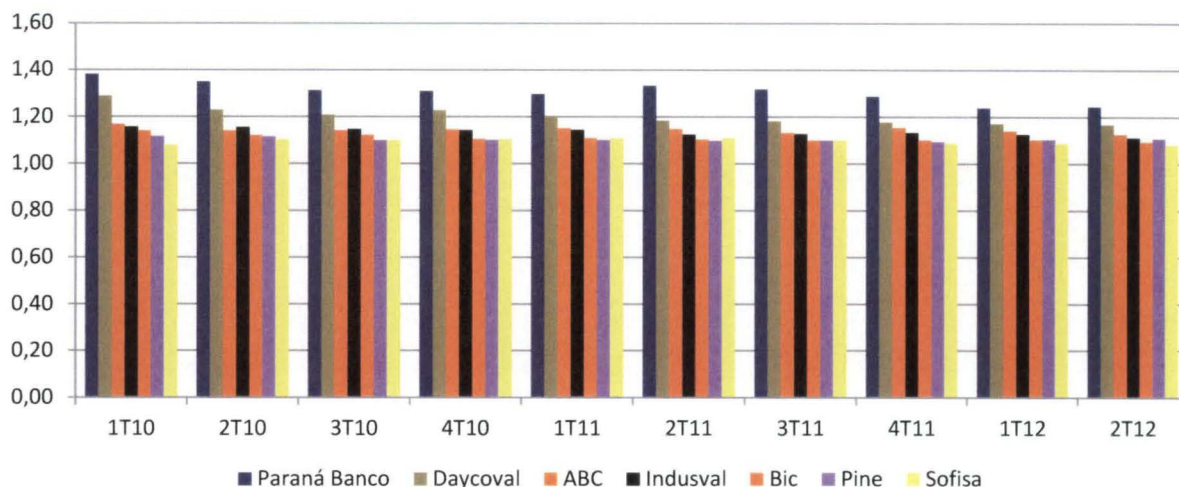


GRÁFICO 21 - Evolução do Índice de Liquidez Geral dos Bancos do G7, entre o primeiro trimestre de 2010 e segundo trimestre de 2012 (Em R\$).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Neste ultimo período objeto de análise, o ILG médio, ponderado pela soma do Ativo Circulante com o Ativo Não Circulante, das instituições do G7 apresentou uma redução de 4,3%. Este mesmo comportamento foi observado pelo Banco BMG que também registrou uma redução deste indicador, entretanto em uma proporção maior (15,3%) o que fez com que as instituições do G7 superassem o desempenho desta instituição no encerramento do período, que corresponde ao segundo trimestre de 2012, uma vez que o ILG médio dos bancos do G7 encerrou com um patamar de R\$ 1,12 ao passo que o do BMG ficou em R\$ 1,05. Este decréscimo do ILG médio das instituições do G7 ocorreu em virtude de uma redução do ILG de todos os bancos que integram este grupo, com exceção do Banco Sofisa que manteve este indicador estável. Esta tendência ocorreu pelo fato de as receitas com operações de crédito crescerem a um patamar inferior as despesas com depósitos. Esta mesma tendência foi observada para o banco BMG (BACEN, 2012).

O desempenho do ILG médio dos bancos do G7 demonstrou uma tendência contrária à apresentada pelo Bradesco, uma vez que esta instituição registrou um crescimento de 1,1% deste índice neste ultimo período objeto de análise. Contudo mesmo apresentando um crescimento do Índice de Liquidez Geral o Bradesco continuou com este índice abaixo de R\$ 1,00 o que indica uma certa dificuldade de honrar com os compromissos de curto e longo prazo.

Portanto é importante mencionar que, mesmo apresentando um decréscimo no Índice de Liquidez Geral ao longo do período, os bancos integrantes do G7, a exemplo do que foi observado para o BMG, continuaram mantendo a capacidade de honrar com os compromissos de curto e longo prazo. O desempenho apresentado pelos bancos do G7 foi superior ao observado pelo Bradesco, que apresentou uma certa dificuldade em honrar com os seus compromissos financeiros durante todos os três períodos analisados (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo ilustra a evolução do ILG do BMG, Bradesco e da média obtida²⁸ para os bancos do G7, entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012.

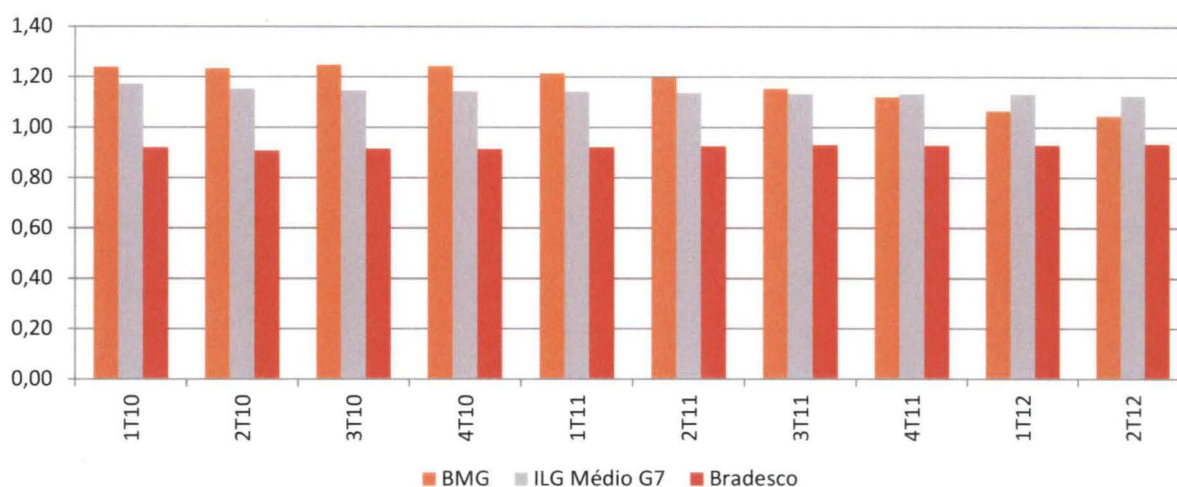


GRÁFICO 22 - Comparativo do Índice de Liquidez Geral dos Bancos que integram o G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012 (Em R\$).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Por fim, fazendo a análise do ILG entre o primeiro trimestre de 2005, quarto trimestre de 2007 (período imediatamente após a abertura de capital) e o segundo trimestre de 2012 é interessante observar que no período imediatamente posterior a abertura de capital, os bancos do G7 apresentaram o maior crescimento do Índice de Liquidez Geral, cujo aumento foi de 4,4%. Este desempenho foi superior ao observado pela instituição de médio porte utilizada como parâmetro, o banco BMG, que registrou um decréscimo de 3,3% do ILG neste período. Quando analisado o período completo deste estudo (1T05 ao 2T12), verifica-se que tanto o ILG médio das instituições do G7, quanto o das duas instituições utilizadas como parâmetro

²⁸ Média do Índice de Liquidez Geral ponderada pela soma do Ativo Circulante com o Ativo Não Circulante.

(Bradesco e BMG) apresentaram reduções. Contudo a diminuição do ILG dos bancos do G7 ocorreu em um patamar inferior ao verificado pelo Bradesco e BMG, cujas reduções foram respectivamente 3,98%, 5,64% e 15,56%, fato este que fez com que o ILG médio, ponderado pela soma do Ativo Circulante com o Ativo Não Circulante, dos bancos do G7 encerra-se com um patamar superior tanto ao do Banco de Grande Porte quanto ao da Instituição de médio porte utilizada como parâmetro (BACEN, 2012).

5.2 ÍNDICE DE RENTABILIDADE

Neste tópico foram demonstrados os Índices de Rentabilidade dos bancos que integram o grupo dos sete, do Bradesco e do BMG. Deste modo, dois índices foram utilizados: 1) Índice de Rentabilidade sobre o Investimento Total e 2) Índice de Rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido.

5.2.1 Taxa de Retorno sobre o Investimento Total

A taxa de retorno sobre o investimento total é calculada mediante o quociente do lucro líquido pelo ativo total de uma empresa. A importância deste indicador é ressaltada por Fonseca (2012, p. 174):

Os investidores, acionistas e administradores financeiros prestam bastante atenção à rentabilidade da empresa. A análise da rentabilidade começa com um exame da maneira pela qual os ativos foram empregados. Por meio do aumento da produtividade, eles são capazes de reduzir ou controlar as despesas. As taxas de retorno alcançadas por qualquer empresa são importantes se seus dirigentes pretendem atrair capitais e contratar financiamentos bem-sucedidos para o crescimento da empresa.

A taxa de retorno sobre o investimento total é obtida pelo quociente entre o lucro líquido e o ativo médio, conforme a expressão abaixo (FONSECA, 2012).

$$\text{Taxa de Retorno sobre o Investimento Total} = \text{Lucro Líquido} / \text{Ativo Médio} \quad (3)$$

Na qual o Ativo Médio é calculado mediante a soma do Ativo do período anterior com o Ativo do Período atual dividido por dois, ou seja, é a média aritmética entre o ativo do período corrente e o ativo do período imediatamente anterior, conforme demonstra a equação de número 4 (FONSECA, 2012).

$$\text{Ativo Médio} = (\text{Ativo Anterior} + \text{Ativo Corrente})/2 \quad (4)$$

A partir da análise da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total (TRSIT) dos bancos que compõe o G7 verifica-se a baixa relação entre o investimento realizado e o retorno produzido por ele. A maioria das instituições do G7 apresentou TRSIT abaixo de 1% no primeiro período objeto da análise, com algumas exceções pontuais como o Paraná Banco cujo índice chegou a 6,72% no terceiro trimestre de 2005 e 5,37% no quarto trimestre de 2005 e o banco Daycoval que apresentou TRSIT de 2,91% no quarto trimestre de 2005. Este aumento na TRSIT do Paraná Banco ocorreu em virtude de um crescimento de 111% no lucro líquido do terceiro trimestre de 2005 comparativamente ao período anterior em virtude do resultado de participações em controladas e coligadas. O Paraná Banco conseguiu manter uma taxa de retorno sobre o investimento total acima de seus pares no 4T05 em função de um crescimento de 45,6%, em relação ao período anterior, nas Receitas com Operações de Crédito. No caso do Banco Daycoval, a elevada TRSIT, comparativamente a seus pares, observada no quarto trimestre de 2005 foi fruto do elevado aumento do lucro líquido, cujo crescimento em relação ao período anterior foi de aproximadamente 250%, em virtude de um aumento no resultado com instrumentos financeiros derivativos que saíram de um prejuízo de 8,5 milhões no 3T05 para um resultado positivo de R\$ 30,3 milhões no 4T05. (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo ilustra a evolução da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total, para os bancos do G7, no primeiro período da análise.

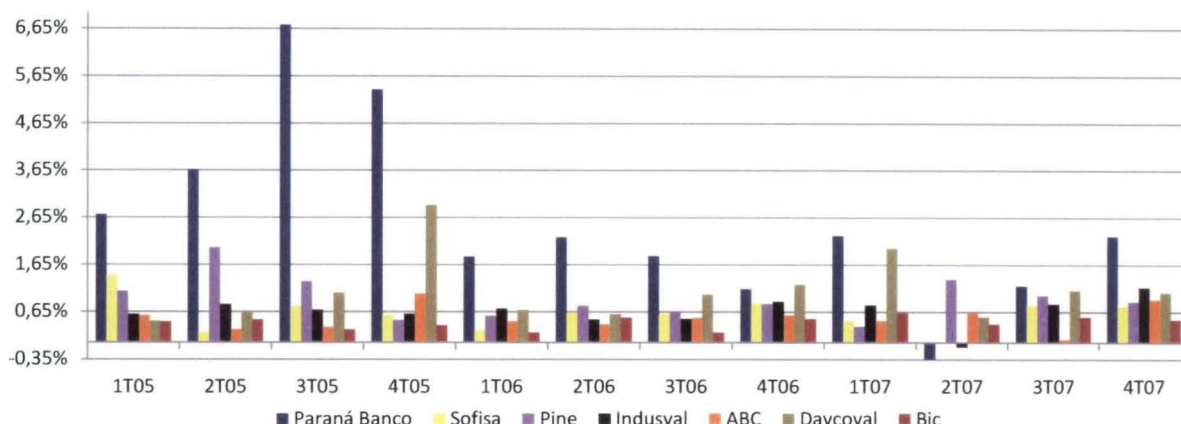


GRÁFICO 23 - Evolução da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total dos Bancos que compõe o G7, entre o primeiro trimestre de 2005 e o 4º trimestre de 2007 (Em %).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

No primeiro período objeto de análise, a Taxa de Retorno média sobre o Investimento Total²⁹ dos bancos do G7 registrou um crescimento de 28,6%. Esta tendência foi contrária à verificada pelo Banco BMG que registrou um decréscimo de 60% deste índice. O aumento da TRSIT média dos bancos do G7 ocorreu em virtude de um crescimento do lucro líquido em patamar superior ao do Ativo Médio verificado por quatro (Indusval, Daycoval, BIC Banco e ABC Brasil) das sete instituições que integram esse grupo. No caso do Banco Indusval o Lucro Líquido cresceu 443% entre o 1T05 e o 4T07 impulsionado pelo bom desempenho dos rendimentos com: operações de crédito, títulos e valores mobiliários³⁰ e participação em controladas e coligadas que obtiveram acréscimos de 176%, 91% e 803%, respectivamente, no período. O Banco Daycoval apresentou um crescimento de 1008% do lucro líquido entre o 1T05 e o 4T07, que saiu do patamar de R\$ 5,61 milhões naquele trimestre para R\$ 62,2 milhões neste trimestre, impulsionado pelo aumento nas receitas com: operações de crédito, títulos e valores mobiliários e operações de câmbio que cresceram 223%, 238% e 493% respectivamente. O BIC Banco obteve um crescimento de 149,6% do lucro líquido entre o 1T05 e o 4T07 impulsionado, principalmente, pelo crescimento de aproximadamente 172% no resultado com operações de crédito. Por sua vez, o Banco ABC Brasil obteve um crescimento de 271% do Lucro Líquido impulsionado pelo aumento de 178% nos

²⁹ Média da TRSIT ponderada pelo Ativo Médio das instituições que compõe o grupo dos sete.

³⁰ As operações com Títulos e Valores Mobiliários englobam: Letras Financeiras do Tesouro, Letras do Tesouro Nacional, Obrigações do Tesouro Nacional, Bônus do Tesouro Nacional, dentre outras (BACEN, 2012).

resultados com títulos e valores mobiliários e de 76% nas receitas com operações de crédito. Por sua vez, a grande redução na TRSIT do banco BMG está relacionada tanto ao aumento do Ativo Médio no período, que cresceu 111% devido a um incremento na mesma proporção da conta Aplicação Interfinanceira de Liquidez, crescimento de 16,5% em Títulos e Valores Mobiliários e Instrumentos Financeiros Derivativos e 59,2% no saldo das operações de crédito, quanto à redução do lucro líquido, que diminuiu 16% em virtude do elevado aumento na rubrica outras despesas administrativas, que saiu do patamar de R\$ 86,4 milhões no primeiro trimestre de 2005 para R\$ 259 milhões no quarto trimestre de 2007. É importante mencionar que mesmo apresentando uma redução da TRSIT neste primeiro período objeto de análise, o banco BMG encerrou o quarto trimestre de 2007 com um patamar superior ao verificado pela TRSIT média das instituições do G7 cujo valor encontrado para o 4T07 foi de 0,9% ao passo que o BMG encerrou com 2,38% (BACEN, 2012).

O desempenho da Taxa de Retorno média Sobre o Investimento Total, ponderada pelo Ativo Médio, dos Bancos do G7, neste primeiro período objeto de análise, foi superior ao apresentando pelo Bradesco que registrou um decréscimo de 6,4% deste indicador, fazendo com que a TRSIT do Bradesco, 0,73%, encerra-se esse período em patamar inferior ao verificado pelo valor médio das instituições do G7 que foi de 0,9%. É importante mencionar que mesmo obtendo a menor TRSIT, o Banco Bradesco registrou um lucro líquido de R\$ 2,2 bilhões no encerramento do ultimo período, entretanto esse valor é consideravelmente inferior aos ativos do Banco, que encerrou o quarto trimestre de 2007 em R\$ 314 bilhões (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo demonstra a comparação da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total entre os bancos do G7, o Bradesco e o BMG durante o primeiro período de análise.

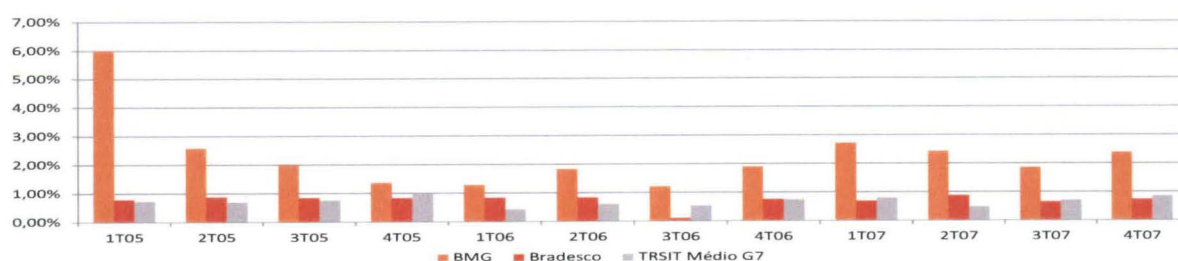


GRÁFICO 24 - Comparativo da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total médio dos Bancos do G7, Bradesco e BMG, entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007 (Em %).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Assim como no período anterior, no segundo período, a taxa de retorno sobre o investimento total dos bancos do G7 se situou abaixo do patamar de 1%, com algumas exceções pontuais, como o Paraná Banco e o Banco Daycoval que chegaram a apresentar uma TRSIT de 2%, no segundo trimestre de 2009, e 1,27% no quarto trimestre de 2009, respectivamente. No caso dessas instituições o fato de apresentarem um patamar da taxa de retorno sobre o investimento total acima do de seus pares se deve ao aumento no Lucro Líquido apresentado nestes períodos cujo crescimento foi de 55,3% no caso do Paraná Banco e 96% no caso do Banco Daycoval em comparação com o trimestre anterior. Esses incrementos no lucro líquido foram impulsionados pelo aumento de 9% nas receitas com operações de crédito e pela redução de 26,6% nas despesas com captação para o caso do Paraná Banco e de um aumento de 79% no resultado com instrumentos financeiros derivativos no caso do Banco Daycoval comparativamente ao trimestre anterior (BACEN, 2012).

Neste período, os Bancos Indusval e sofisa apresentaram prejuízos pontuais de R\$ 7,8 milhões e R\$ 10,7 milhões, respectivamente, no terceiro trimestre de 2009. Esses prejuízos foram acarretados por um aumento de 26,8% nas despesas com captação no mercado e de 24,4% nas despesas com provisão para devedores duvidosos (PDD), em relação ao período anterior, no caso do banco Indusval e de um incremento de 95% da PDD do Banco Sofisa que saiu do patamar de R\$ 15,5 milhões no 2T09 para R\$ 30,3 milhões no 3T09 (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo apresenta a evolução da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total dos bancos que compõe o G7, durante o segundo período da análise.

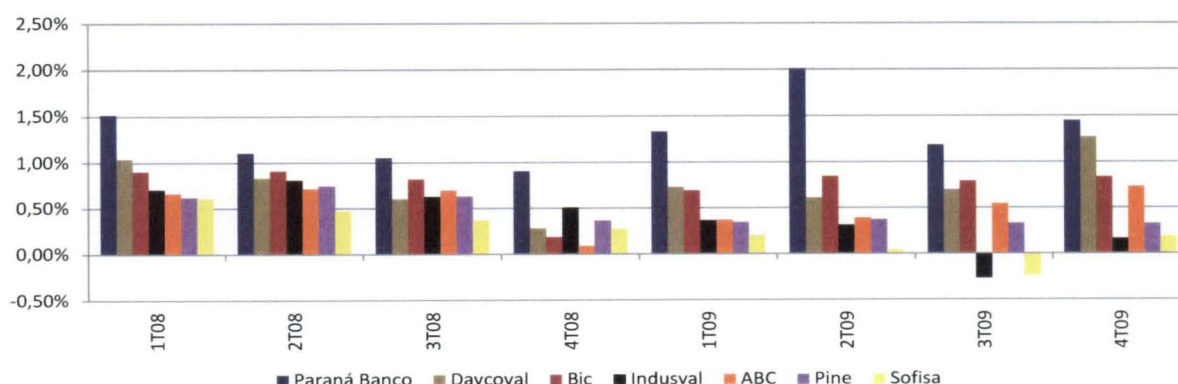


GRÁFICO 25 - Evolução da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total das instituições integrantes do G7, entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009 (Em %).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

O segundo período objeto de análise não foi bom para as instituições do G7 no que diz respeito ao crescimento da TRSIT. O valor médio da TRSIT, ponderado pelo Ativo Médio, dos bancos do G7 registrou um decréscimo de 12,5%. Esta tendência foi contrária ao do Banco BMG, cuja TRSIT apresentou um crescimento de 28% neste período. No caso dos bancos do G7 a redução da média da TRSIT no período foi impulsionada pela queda de 0,4 p.p, 0,5 p.p e 0,3 p.p neste indicador apresentado pelas instituições Sofisa, Indusval e Pine, respectivamente. A razão da diminuição da taxa de retorno sobre o investimento total das duas primeiras instituições já foi mencionada anteriormente, no caso do banco Pine a redução deste indicador foi impulsionada pela diminuição de 9,1% nas receitas com operações de crédito e o aumento de 128% nas despesas de captação. As demais instituições desse grupo permaneceram com a TRSIT estáveis, sendo que o único banco que apresentou crescimento deste indicador foi o Daycoval cujo aumento observado no período foi de 0,3 p.p. Por sua vez, o aumento da TRSIT do Banco BMG foi influenciado por um crescimento do Lucro Líquido em patamar superior ao do Ativo Médio, enquanto o primeiro cresceu 76,6% entre o 1T08 e o 4T09, o segundo cresceu 38,1% neste mesmo período. O incremento no lucro líquido do Banco BMG foi impulsionado por um aumento de 109,8% no resultado com títulos e valores mobiliários e de 64,1% nas receitas com operações de crédito, uma vez que as despesas de intermediação financeira e operacionais apresentaram acréscimos de 17,1% e 67,7%, respectivamente, entre o 1T08 e o 4T09 (BACEN, 2012).

O comportamento da Taxa média de Retorno Sobre o Investimento Total, ponderado pelo Ativo Médio, das instituições do G7 se assemelhou ao que foi observado pelo Banco de Grande Porte utilizado como parâmetro, o Banco Bradesco. No caso desta instituição, a redução de 31,25% da taxa de retorno sobre o investimento total está relacionada a um crescimento do Ativo Médio em proporção maior ao do Lucro Líquido, enquanto o primeiro cresceu 53,4% no período, o segundo aumentou apenas 3,7%. O incremento no Ativo Médio do Banco Bradesco está relacionado ao aumento do saldo das rubricas contábeis: Aplicações Interfinanceiras de Liquidez, Operações de Crédito e Títulos e Valores Mobiliários, cujo incremento no período foi de 91%, 89,1% e 52,2% respectivamente (BACEN, 2012).

É importante ressaltar que este período foi pior para os bancos do G7 comparativamente ao período anterior, havendo uma redução da média da Taxa de

Retorno sobre os Investimentos Totais, e deste modo essas instituições apresentaram um desempenho inferior ao outro banco de médio porte utilizado como parâmetro, o banco BMG (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo ilustra a evolução da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total dos bancos que integram o G7, do Bradesco e do BMG entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009.

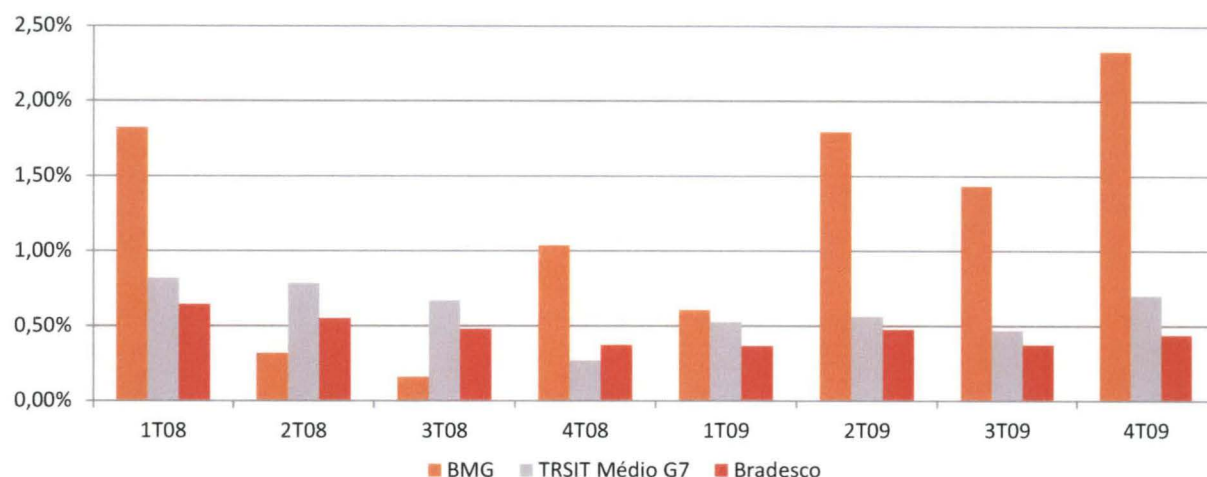


GRÁFICO 26 - Comparativo da Taxa de Retorno média sobre o Investimento Total dos Bancos que compõe o G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009 (Em %).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

O comportamento da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total do ultimo período não se diferenciou muito do que foi observado no anterior. O valor médio da TRSIT do período, ponderada pelo Ativo Médio, para os bancos do G7 foi de 0,50%, valor praticamente estável comparativamente a média do segundo período analisado. Assim como nos períodos anteriores merece destaque o caso do Paraná Banco que registrou uma TRSIT de 9,6% no segundo trimestre de 2011. Esse elevado incremento está relacionado ao aumento do lucro líquido do banco no trimestre mencionado, que conforme exposto na demonstração financeira do Paraná Banco deve-se a um resultado não operacional de R\$ 279 milhões decorrente do ganho de capital³¹ em virtude do aporte realizado pela Travelers Brazil Acquisition LLC no braço segurador do Paraná Banco (PARANÁ BANCO, 2011).

³¹ O Paraná Banco esclarece em nota explicativa às demonstrações financeiras que recebeu um aporte de R\$ 657 milhões na JMalucelli Participações em Seguros e Resseguros, braço segurador do Paraná Banco, na qual foi reconhecido o montante de R\$ 279 milhões referente a ganho de capital (PARANÁ BANCO, 2011).

É importante mencionar que a exemplo do que aconteceu no período anterior o Banco Indusval apresentou um prejuízo pontual no 1T11 de R\$ 54,5 milhões em virtude do aumento de 652%, em relação ao trimestre anterior, da rubrica provisão para devedores duvidosos (PDD) (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo apresenta a evolução da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total dos bancos do G7 durante o terceiro período da análise.

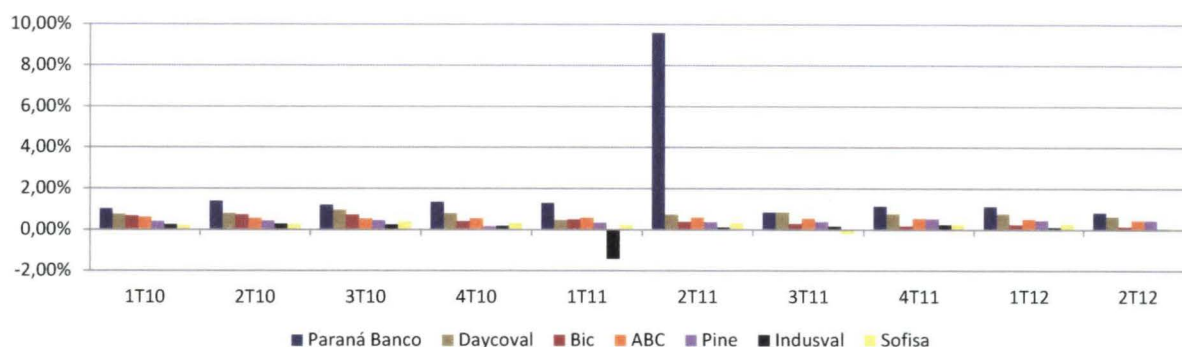


GRÁFICO 27 - Evolução da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total dos Bancos que integram o G7, entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012 (Em %).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Ao realizar uma comparação da TRSIT ponderada pelo Ativo Médio, entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012, do valor médio obtido pelos bancos do G7 com o BMG verifica-se que as duas Taxas de Retorno Sobre o Investimento Total apresentaram redução no período. Contudo o decréscimo deste indicador apresentado pelo Banco BMG (174%) ocorreu em patamar consideravelmente superior ao apresentando pelos bancos do G7 (34%). No caso dos bancos do G7, seis das sete instituições que compõe esse grupo apresentaram redução da TRSIT, sendo que as que mais apresentaram decréscimo deste indicador foram os bancos Indusval, BIC Banco e Sofisa, cuja diminuição da TRSIT, dessas três últimas instituições, foi impactada pela queda no Lucro Líquido. O Banco Indusval teve um decréscimo de 67,1% do Lucro Líquido na comparação do 1T10 com o 2T12 influenciado, principalmente, pelo aumento nas despesas com captação no mercado que obtiveram um crescimento de 208,2% neste período. O BIC Banco, instituição que possui o maior Ativo Médio dentre os bancos do G7 e devido a isso apresenta relevante influencia sobre a TRSIT média desse grupo de bancos, obteve uma redução de aproximadamente 68% do lucro líquido entre o 1T10 e o 2T12 influenciado pelo aumento de 375,7% nas despesas com obrigações por

empréstimos e repasses³², 128% nos dispêndios com captação no mercado aberto e 84% de aumento na rubrica da Provisão para Devedores Duvidosos (PDD). Por sua vez o Banco Sofisa apresentou redução de 69,1% do lucro líquido entre o 1T10 e o 2T12 em virtude de uma diminuição de 316,6% no resultado com títulos e valores mobiliários e de 21% nas receitas com operações de crédito. O desempenho dessa instituição somente não foi pior uma vez que apresentou um bom resultado de participações em controladas e coligadas (R\$ 10,7 milhões no 2T12). Por sua vez, a elevada redução da TRSIT apresentada pelo Banco BMG ocorreu em virtude de prejuízos líquidos de R\$ 69 milhões e R\$ 210 milhões nos dois primeiros trimestres de 2012, o que fez com que o BMG encerra-se o ultimo período objeto de análise com Taxa de Retorno Sobre o Investimento Total negativa (-1,11%). De acordo com o banco BMG (2012), os resultados dos dois primeiros trimestres de 2012 foram impactados pela mudança na contabilização das operações de cessão de crédito a partir da entrada em vigor da resolução 3533³³ do Banco Central do Brasil (BACEN, 2012).

O desempenho da TRSIT média, ponderada pelo Ativo Médio, dos bancos do G7 neste ultimo período objeto de análise foi aquém do observado pela instituição de grande porte utilizada como parâmetro, o Banco Bradesco que registrou um decréscimo de 7,5% deste indicador. Mesmo tendo registrado uma redução da Taxa de Retorno Sobre o Investimento total em patamar inferior ao verificado pelos bancos do G7, o Bradesco encerrou o segundo trimestre de 2012 com TRSIT de 0,37%, mesmo patamar apresentado pelos bancos do G7 (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo ilustra a evolução da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total média dos bancos que integram o G7, do Bradesco e do BMG entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012.

³² De acordo com o plano de contas do Banco Central do Brasil (COSIF) a rubrica obrigações por empréstimos e repasses engloba: Obrigações por empréstimos no País, Obrigações em moedas estrangeiras, Obrigações por aquisição de títulos federais, dentre outras (BACEN, 2012).

³³ A resolução 3533 do Banco Central do Brasil é destinada a normatização da classificação, registro contábil e demonstração de operações de venda ou de transferência de ativos financeiros (BACEN, 2012).

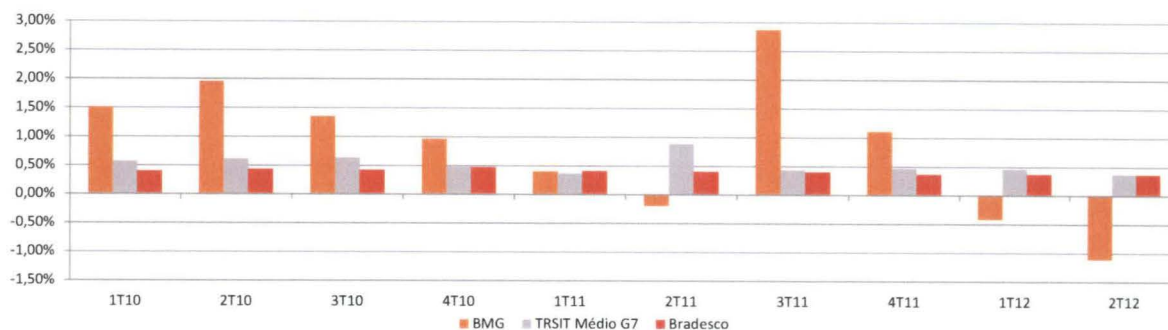


GRÁFICO 28 - Comparativo da Taxa de Retorno sobre o Investimento Total média dos bancos do G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012 (Em %).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Por fim, analisando o comportamento da TRSIT entre o período inicial e o imediatamente após a abertura de capital (4T07), verifica-se um incremento de 28,6% da TRSIT média, ponderada pelo Ativo Médio, dos bancos integrantes do G7, de modo que a abertura de capital pode ter sido um dos fatores que contribuiu para que isso ocorresse, visto que o lucro líquido dessas instituições aumentou substancialmente logo após esse evento. Esse crescimento da TRSIT média das instituições que compõe o G7 foi superior ao apresentado pelas duas instituições utilizadas como parâmetro, os Bancos Bradesco e BMG que apresentaram reduções de 7,16% e 60,42% da TRSIT, respectivamente (BACEN, 2012).

Ao se comparar o período inicial (1T05) ao período final (2T12) observa-se uma redução generalizada deste índice, na qual o comportamento da Taxa média de Retorno Sobre o Investimento Total das instituições do G7 se assemelhou do apresentado pelo Bradesco, cujo decréscimo da TRSIT foi de 48,96% e 53%, respectivamente. Isso fez com que no segundo trimestre de 2012 a TRSIT média das instituições do G7 encerra-se no patamar de 0,4%, mesmo valor obtido pelo Banco Bradesco. Quando comparada com a performance do banco de médio porte utilizado como parâmetro, o desempenho dos bancos do G7 foi superior ao apresentado pelo banco BMG que registrou um decréscimo de 118% da TRSIT, encerrando o segundo trimestre de 2012 com uma TRSIT de -1,11% (BACEN, 2012).

5.2.2 Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido (TRPL)

De acordo com Fonseca: “A Taxa de Retorno Sobre o Patrimônio Líquido (TRSPL) é considerada a mais importante de todas, pois indica a rentabilidade dos empresários” (Fonseca, 2012, pág. 175)

No que tange a esse indicador, Assaf Neto (2007, p.126) esclarece:

Este índice mensura o retorno dos recursos aplicados na empresa por seus proprietários. Em outras palavras, para cada unidade monetária de recursos próprios (patrimônio líquido) investido na empresa, mede-se quanto os acionistas auferem de lucro. É obtido normalmente pela relação entre o lucro líquido (após o Imposto de Renda) e o patrimônio líquido.

Conforme esclarecido por Fonseca e Neto, a TRPL é obtida mediante o quociente entre o Lucro Líquido e o Patrimônio Líquido Médio, conforme demonstra a equação 6:

$$TRPL = LL/PL \text{ Médio} \quad (6)$$

Em que o Patrimônio Líquido Médio é obtido pela média aritmética do Patrimônio Líquido do período corrente com o período anterior, conforme demonstra a equação 7:

$$PL \text{ Médio} = (PL \text{ anterior} + PL \text{ atual})/2 \quad (7)$$

Ao fazer a análise da taxa de retorno sobre o patrimônio líquido, durante o primeiro período³⁴, verifica-se que grande parte dos bancos que compõe o G7 obtiveram TRPL acima de 3%. Três bancos apresentaram valores da TRPL acima de 10% em trimestres pontuais deste período: 1) O Paraná Banco em todo o ano de 2005 e no primeiro trimestre de 2007; 2) O Banco Daycoval no primeiro trimestre de 2007; E 3) O Banco Pine no segundo trimestre de 2005. Isso indica que os proprietários desses bancos, durante os períodos mencionados, obtiveram retorno superior a 10% da totalidade do capital investido por eles. No caso do Paraná Banco, o bom desempenho da taxa de retorno sobre o Patrimônio Líquido ocorreu

³⁴ O primeiro período objeto de análise se estende do primeiro trimestre de 2005 ao quarto trimestre de 2007 e corresponde ao período no qual as instituições do G7 realizaram a abertura de capital.

em virtude de um crescimento do Lucro Líquido em patamar superior ao aumento do Patrimônio Líquido no ano de 2005, enquanto o primeiro cresceu 181%, o segundo obteve um aumento de 55%. O aumento no Lucro Líquido do Paraná Banco no ano de 2005 foi impulsionado por um crescimento nas receitas com operações de crédito e nos rendimentos com participação em coligadas e controladas. As receitas com operações de crédito, que obtiveram um crescimento de 34,13% entre o primeiro e o segundo trimestre de 2005, impulsionou o aumento no Lucro Líquido do 2T05. O resultado com participação em controladas e coligadas, que cresceu 1.243,62% entre o segundo e o terceiro trimestre de 2005, impulsionou o aumento no Lucro Líquido do 3T05. Já no quarto trimestre de 2005, o Paraná Banco obteve uma redução de 8,3% no Lucro Líquido em virtude, principalmente, do aumento de 37% no custo de captação, em comparação com o trimestre anterior, o que contribuiu para a redução da Taxa de retorno sobre o Patrimônio Líquido deste trimestre. Contudo, mesmo com essa redução do Lucro Líquido, o Paraná Banco continuou mantendo uma TRPL elevada. O aumento da TRPL do Paraná Banco no primeiro trimestre de 2007 ocorreu em virtude de um crescimento do Lucro Líquido (108,3%) em proporção maior ao aumento do Patrimônio Líquido (12,4%) em comparação com o trimestre anterior. O aumento do Lucro Líquido do Paraná Banco no 1T07 foi motivado, em sua maior parte, por um crescimento de 31,4% nas Receitas com Operações de Crédito. Já o bom desempenho da TRPL do Banco Daycoval no 4T05 e 1T07 ocorreu em virtude do crescimento do Lucro Líquido (249,4% e 84,5% respectivamente) em uma proporção superior ao incremento do Patrimônio Líquido (1,0% e 13,5% respectivamente) em comparação com o trimestre anterior. No 4T05 o crescimento do Lucro Líquido foi motivado, principalmente, por um aumento de R\$ 38,7 milhões no resultado com instrumentos financeiros derivativos, em relação ao período anterior. No 1T07 o crescimento no Lucro Líquido foi impulsionado, em sua maior parte, pelo aumento de 11,6% nas receitas com operações de crédito e pela redução de 55,4% na rubrica outras despesas administrativas³⁵, em relação ao período anterior (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo ilustra a evolução da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido dos Bancos do G7 durante o primeiro período da análise.

³⁵ De acordo com o plano de contas do Banco Central do Brasil (COSIF) a rubrica outras despesas administrativas compreende: Comissões e Corretagens, Despesas do serviço Financeiro, Despesas com Viagem, dentre outras rubricas (BACEN, 2012).

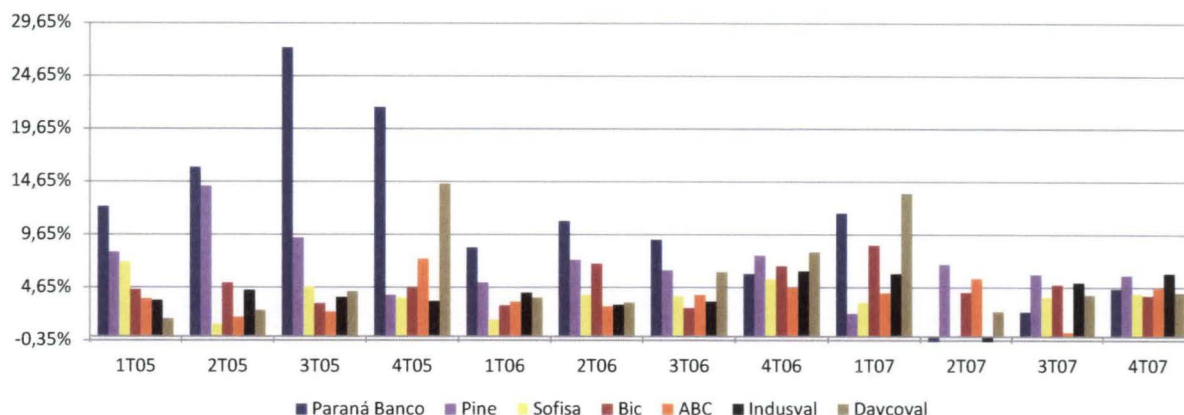


GRÁFICO 29: Evolução da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido dos Bancos do G7, entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007 (Em %).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Comparando-se a evolução do valor médio da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido (TRPL), ponderado pelo Patrimônio Líquido Médio, das instituições do G7, com o banco de médio porte utilizado como parâmetro, o banco BMG, no quarto trimestre de 2007 em relação ao primeiro trimestre de 2005 percebe-se que ambos apresentaram uma redução neste índice. A maior queda foi percebida pelo banco BMG (60%), ao passo que a diminuição da TRPL das instituições que compõe o grupo dos sete foi de 4,26%. No caso do banco BMG, a redução neste índice está relacionada tanto ao aumento no Patrimônio Líquido, que cresceu aproximadamente 86% no quarto trimestre de 2007 em comparação com o primeiro trimestre de 2005, quanto à redução no Lucro Líquido de 16%, neste período, impulsionado principalmente pelo aumento de 200% na rubrica outras despesas administrativas, que atingiu o montante de R\$ 259,4 milhões no 4T07. O desempenho do banco BMG somente não foi pior uma vez que as Receitas com Operações de crédito aumentaram 46,4% no período e os dispêndios com operações de captação no mercado aberto obtiveram redução de aproximadamente 50%. Contudo mesmo apresentado uma grande redução da TRPL neste primeiro período objeto de análise, o banco BMG encerrou o quarto trimestre de 2007 com uma TRPL de 11,52%, patamar superior a TRPL média das instituições do G7 cujo valor registrado para o 4T07 foi de 4,5%. O fato de mesmo com uma elevada redução da TRPL o banco BMG ter encerrado o período com um indicador superior ao do valor médio encontrado para as instituições do G7 ocorreu uma vez que no início do período o banco BMG apresentava uma TRPL elevada, aproximadamente 29%, comparativamente a média das instituições que compõe o grupo dos sete

(4,7%). Ao analisar a redução da TRPL média dos bancos do G7 observa-se que este evento foi motivado pela queda deste indicador verificada por quatro instituições que compõe esse grupo: Sofisa, Pine, Paraná Banco e BIC Banco. É importante mencionar que os bancos do G7 realizaram a abertura de capital durante este primeiro período objeto da análise o que fez com que o Patrimônio Líquido dessas instituições aumentasse consideravelmente neste período. No caso dessas quatro instituições, o aumento do PL ocorreu em uma proporção superior ao incremento do Lucro Líquido, fato este que contribuiu para que tivessem uma redução da Taxa de retorno sobre o Patrimônio Líquido. No caso do Banco Sofisa o PL cresceu 212,6%, enquanto que o Lucro Líquido aumentou 83,2%. O Banco Pine obteve um aumento de 349,1% do PL, enquanto que o Lucro Líquido cresceu 224,5%. O PL do Paraná Banco cresceu 824,6%, enquanto que o Lucro Líquido aumentou 254,5%. Por sua vez, o BIC Banco obteve um crescimento de 237,1% do PL, enquanto que o Lucro Líquido cresceu 149,6% no período (BACEN, 2012).

O desempenho da TRPL média das instituições do G7, neste primeiro período objeto de análise, se assemelhou a performance apresentada pelo Bradesco, cuja Taxa de Retorno Sobre o Patrimônio Líquido registrou decréscimo de 3,03%. Conforme pode ser observado, a TRPL do Bradesco não apresentou grande redução no período, uma vez que houve um crescimento na mesma proporção de seu PL e do LL, que aumentaram respectivamente 83,56% e 82% (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo demonstra a comparação da Taxa de Retorno média sobre o Patrimônio Líquido dos bancos do G7, do Bradesco e do BMG durante o primeiro período da análise.

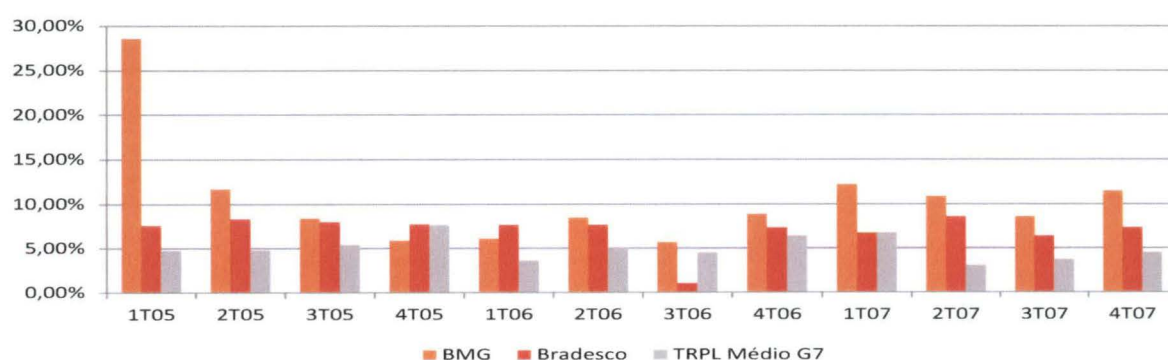


GRÁFICO 30 - Comparativo da Taxa de Retorno média sobre o Patrimônio Líquido das instituições integrantes do G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007 (Em %).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Realizando a análise da TRPL dos bancos do G7 no segundo período³⁶ é importante destacar o desempenho apresentado pelo BIC Banco, principalmente nos três primeiros trimestres de 2008, período no qual essa instituição apresentou taxa de retorno sobre o Patrimônio Líquido próxima dos 6%. O bom desempenho apresentado pelo BIC Banco é decorrente do crescimento médio, por trimestre, do Lucro Líquido de 26,1% entre o quarto trimestre de 2007 e o terceiro trimestre de 2008. Esse crescimento do Lucro Líquido foi impulsionado, principalmente, pelo aumento médio de 24,4% nas receitas com operações de crédito neste período (BACEN, 2012).

Do quarto trimestre de 2008 ao mesmo período de 2009 há uma piora neste índice por parte dos bancos Sofisa e Indusval que chegaram a apresentar índice negativo no terceiro trimestre de 2009 decorrente de um prejuízo de R\$ 10,8 milhões e R\$ 7,8 milhões, respectivamente. Neste período os bancos Pine, ABC, Paraná Banco, Daycoval e BIC apresentaram uma melhora na TRPL encerrando todos eles com um índice acima de 2,5% no quarto trimestre de 2009. No caso do Banco Pine, a melhora no desempenho da TRPL foi decorrente do crescimento médio³⁷ de 3,7% do Lucro Líquido entre o 4T08 e o 4T09 em função, principalmente, da redução dos custos de captação e das despesas com operações de crédito, as quais tiveram uma diminuição média de 11,17% e 32,17% respectivamente. O desempenho do Banco Pine somente não foi melhor uma vez que as receitas com operações de crédito tiveram uma redução média de aproximadamente 29% entre o 4T08 e o 4T09. No caso do Banco ABC Brasil, a melhora da TRPL, a exemplo do que foi observado para o Banco Pine, ocorreu em virtude do crescimento do Lucro Líquido entre o 4T08 e o 4T09, cujo incremento médio no período foi de 27,5%, em virtude da redução de despesas, dentre as quais destacam-se a redução média de 47,6% das despesas com provisão para devedores duvidosos e de 43,5% nos dispêndios com operações de empréstimos e repasses. No caso do Paraná Banco, o Lucro Líquido teve um crescimento médio de 16,6% entre o 4T08 e o 4T09 proporcionado, principalmente, pela redução de 16% do custo de captação e de 16,5% na provisão para devedores duvidosos. O Banco Daycoval apresentou um crescimento médio de 41,8% do Lucro Líquido motivado, em grande parte, pela redução média de 27,3%

³⁶ O segundo período se estende do primeiro trimestre de 2008 ao quarto trimestre de 2009 e corresponde ao período no qual ocorreu o estopim da crise imobiliária norte-americana.

³⁷ Crescimento médio por período calculado de acordo com a metodologia CAGR (EHOW, 2012).

do custo de captação e da diminuição média de 52,6% nas despesas com operações de empréstimos e repasses entre o 4T08 e o 4T09. Por sua vez o BIC Banco apresentou um crescimento médio de aproximadamente 40% do Lucro Líquido em virtude da redução das despesas, dentre as quais merece destaque a diminuição média de 22,3% do custo de captação e a reversão no resultado com operações de empréstimo e repasse que no 4T08 foi negativo em R\$ 382 milhões e no 4T09 se tornou positivo em R\$ 16 milhões (BACEN, 2012).

É importante notar que o crescimento da TRPL das instituições mencionadas acima ocorreu em virtude do aumento no Lucro Líquido, o qual foi motivado pela redução das despesas dentre as quais merece destaque o custo de captação. Essa diminuição do custo de captação está diretamente relacionada às medidas adotadas pela autoridade monetária com o intuito de evitar uma fuga de recursos dos bancos de pequeno e médio porte, dentre as medidas adotadas, conforme mencionado anteriormente, merecem destaque a liberação de recursos do compulsório dos bancos de grande porte para que adquirissem carteira das instituições de pequeno e médio porte e a criação do Depósito a Prazo com Garantia Especial (DPGE) como uma nova forma de captação para os bancos brasileiros de pequeno e médio porte (BACEN, 2012).

Ao analisar a Taxa de Retorno média Sobre o Patrimônio Líquido do período para esses bancos chega-se ao valor de 3,3%, abaixo do que foi observado no primeiro período. Isso indica que entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009 há uma piora da TRPL dos bancos do grupo dos sete, o que demonstra que os empresários estão obtendo um retorno menor do capital investido por eles (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo ilustra a evolução da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido das instituições do G7 entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009.

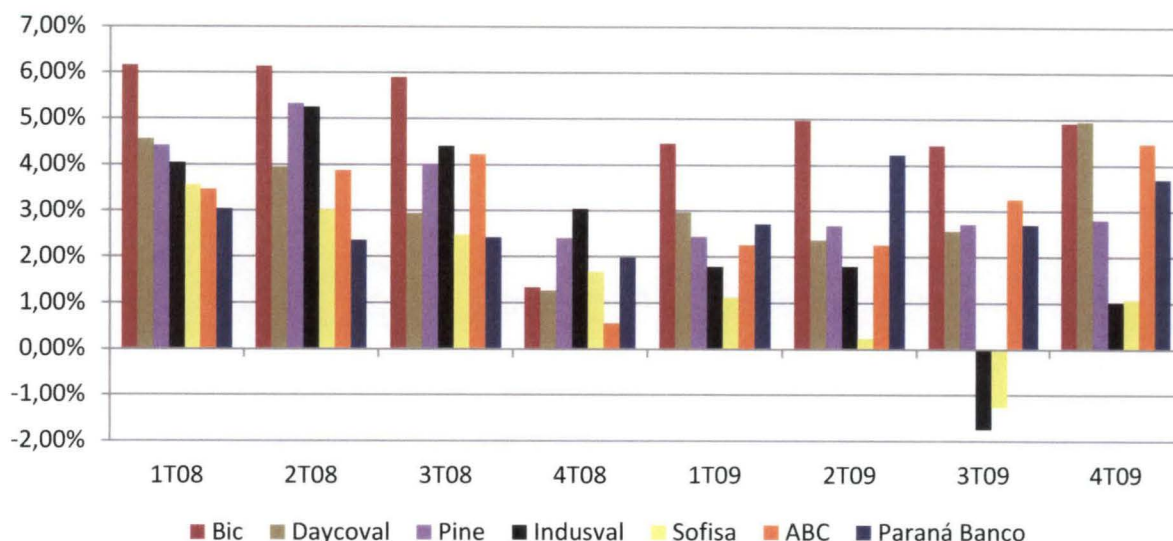


GRÁFICO 31 - Evolução da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido dos Bancos do G7, entre o primeiro trimestre de 2008 e o 4º trimestre de 2009 (Em %).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Neste segundo período objeto de análise, a TRPL média, ponderada pelo Patrimônio Líquido Médio, das instituições que compõe o grupo dos sete apresentou redução de 13,6%. Tendência contrária à observada pela instituição de médio porte utilizada como parâmetro, o Banco BMG, que registrou um aumento de 42,4% da Taxa de Retorno Sobre o Patrimônio Líquido (BACEN, 2012).

No caso das instituições do G7, a redução da TRPL média, ponderada pelo Patrimônio Líquido médio, ocorreu em virtude da diminuição deste indicador pelos bancos Sofisa, Indusval, Pine e BIC Banco entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009. O Banco Sofisa apresentou uma redução tanto do Lucro Líquido quanto do Patrimônio Líquido entre o 1T08 e o 4T09, enquanto o primeiro reduziu 71,3% o segundo diminuiu 9,5%. A queda no Lucro Líquido do Banco Sofisa ocorreu em virtude, principalmente, do aumento das despesas com provisão para crédito de liquidação duvidosa que saíram do patamar de R\$ 4,5 milhões no 1T08 para R\$ 31,6 milhões no 4T09 e pelas despesas com operações de venda ou de transferência de ativos financeiro que não existiam no 1T08 e atingiram o patamar de R\$ 35,5 milhões no 4T09. O Banco Indusval registrou uma queda de 73,3% do Lucro Líquido, ou seja, de R\$ 12,2 milhões, entre o 1T08 e o 4T09 ao passo que o Patrimônio Líquido cresceu 3,7%. A redução do Lucro Líquido dessa instituição foi motivada, principalmente, por um aumento de 136,2%, ou seja R\$ 9,5 milhões, na provisão para devedores duvidosos. Apesar de terem obtido uma melhora da

TRPL entre o 4T08 e o 4T09, os bancos Pine e BIC Banco, quando analisado o segundo período de forma completa, tiveram uma redução da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido. No caso do Banco Pine a diminuição da TRPL ocorreu em virtude de uma queda de 35,6% do lucro líquido motivado, principalmente, pela redução de 53,4% nas receitas com operações de crédito e pelo aumento de 128,16% do custo de captação. O BIC Banco teve uma redução de aproximadamente 13% do Lucro Líquido entre o 1T08 e o 4T09, o principal determinante desta redução do LL foi à diminuição de 11,2% das receitas com operações de crédito durante este período. Por sua vez, o banco BMG registrou um crescimento da TRPL em virtude de um aumento de 76,65% no lucro líquido, ao passo que o Patrimônio Líquido cresceu apenas 5,62%, este fato explica o incremento da TRPL desse banco no quarto trimestre de 2009 comparativamente ao primeiro trimestre de 2008. O crescimento do lucro líquido do banco BMG foi motivado principalmente pelo aumento de 64,1% nas receitas com operações de crédito e de aproximadamente 110% no resultado com títulos e valores mobiliários entre o 1T08 e o 4T09 (BACEN, 2012).

O desempenho da Taxa média de Retorno sobre o Patrimônio Líquido das instituições do G7, neste segundo período objeto de análise, se assemelha da performance apresentada pelo Bradesco cuja redução da TRPL foi de 18,6%. Esta diminuição da TRPL do Bradesco ocorreu em virtude de um aumento em proporção maior do Patrimônio Líquido comparativamente ao Lucro Líquido, enquanto a primeira rubrica registrou um crescimento de 26,87%, a segunda apresentou um aumento de apenas 3,73% (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo demonstra a comparação da Taxa de Retorno média sobre o Patrimônio Líquido dos bancos do G7, do Bradesco e do BMG entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009.

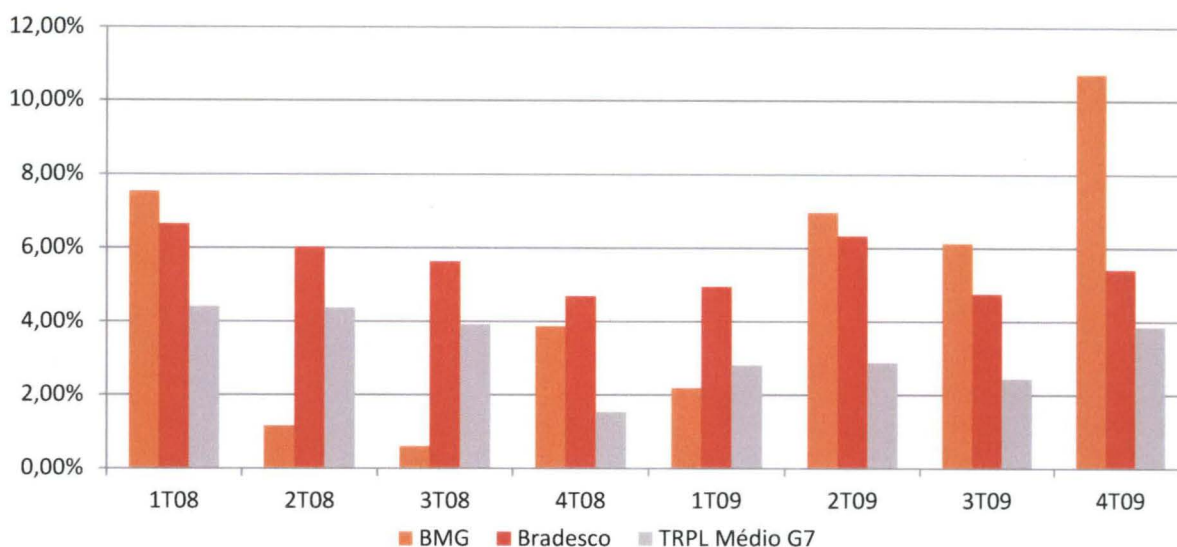


GRÁFICO 32 - Comparativo da Taxa de Retorno média sobre o Patrimônio Líquido dos Bancos do G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2008 e o quarto trimestre de 2009 (Em %).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

No terceiro período³⁸ objeto da análise, os bancos que integram o G7 obtiveram, de uma forma geral, uma TRPL entre 2% e 4%. Apenas os bancos Sofisa e Indusval ficaram abaixo dessa faixa durante o período. Merece destaque a TRPL de 27,38% registrada pelo Paraná Banco no segundo trimestre de 2011 que ocorreu em virtude do elevado lucro líquido obtido pela instituição neste período, conforme comentado no tópico 6.2.1. No primeiro trimestre de 2011 o banco Indusval obteve uma Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido negativa de 11% em virtude do prejuízo de R\$ 54 milhões que ocorreu no referido período (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo ilustra a evolução da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido dos Bancos do G7, entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012.

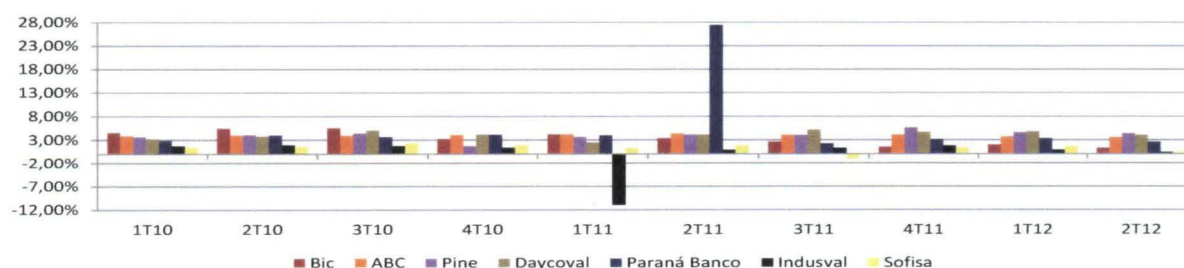


GRÁFICO 33 - Evolução da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido das instituições que integram o G7, entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012 (Em %).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

³⁸ O terceiro período objeto de análise se estende do primeiro trimestre de 2010 ao segundo trimestre de 2012 e corresponde ao período no qual a economia brasileira demonstra sinais de aquecimento.

No ultimo período objeto de análise, a média da TRPL, ponderada pelo Patrimônio Líquido médio, dos bancos que compõe o G7, apresentou uma redução de 18,2%. Contudo, mesmo apresentando uma redução, a TRPL média das instituições do G7 apresentou uma performance superior a do Banco BMG cuja redução no período foi de 188,7%. No caso dessa ultima instituição a TRPL atingiu valores negativos em três trimestres: 2T11, 1T12 e 2T12. O valor negativo deste indicador apresentado pelo Banco BMG está relacionado aos prejuízos de R\$ 23,6 milhões, R\$ 69,2 milhões e R\$ 210 milhões observados no segundo trimestre de 2011, primeiro e segundo trimestres de 2012, respectivamente. É interessante notar no gráfico 34, que o banco BMG obteve uma grande recuperação da TRPL entre o 2T11 e o 3T11, recuperação essa ocasionada pelo aumento do lucro líquido no terceiro trimestre de 2011 em decorrência de um resultado de R\$ 554 milhões com instrumentos financeiros derivativos. Contudo essa recuperação ocorreu pontualmente neste trimestre, de modo que a TRPL dessa instituição voltou a se deteriorar nos trimestres seguintes. Por sua vez a redução da TRPL média das instituições que compõe o grupo dos sete ocorreu em virtude da diminuição da Taxa de Retorno Sobre o Patrimônio Líquido observada por três instituições: Sofisa, Indusval e Bic Banco (BACEN, 2012).

O Banco Sofisa registrou uma redução de 69,1% do Lucro Líquido, quando comparado o 1T10 com o 2T12, motivado, principalmente, pela redução de 43,5% nas receitas com operações de arrendamento mercantil³⁹. Essa instituição apresentou, também, decréscimo de 21% nas receitas com operações de crédito e aumento de aproximadamente 20% nos custos de captação. No caso do banco Indusval foi registrada uma redução de 67,1% no Lucro Líquido entre o 1T10 e o 2T12, no qual o maior impacto veio do crescimento de 208,2% no custo de captação, aumento de aproximadamente 52% nas despesas com operações de empréstimo e repasses e de 97,3% nos custos com provisão para devedores duvidosos. O resultado dessa instituição somente não foi pior em virtude do crescimento de 375% no resultado com Títulos e Valores Mobiliários (TVM). Por sua vez, o BIC Banco registrou uma redução de 22% do Lucro Líquido entre o 1T10 e o 2T12 influenciado, em grande parte, pelo aumento de 128% nas despesas com

³⁹ De acordo com o plano de contas do Banco Central do Brasil (COSIF) as operações de arrendamento mercantil são o equivalente ao contrato de *leasing* na qual o arrendador passa para o arrendatário a posse e o usufruto do bem durante o período de vigência do contrato (BACEN, 2012).

captação. Tendo em vista que o Patrimônio Líquido dessa instituição representa 22% do PL dos bancos do G7, esta queda no LL do BIC Banco teve impacto relevante na redução do PL médio dos bancos do G7 (BACEN, 2012).

O comportamento da TRPL média dos bancos do G7 se assemelhou do apresentado pelo Bradesco que obteve uma pequena redução neste indicador, 6,25%, comparando-se o primeiro trimestre de 2010 ao segundo trimestre de 2012, em virtude do crescimento mais do que proporcional do Patrimônio Líquido (48,35%) em relação ao Lucro Líquido (34,73%) (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo demonstra a comparação da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido entre as instituições que integram o grupo dos sete, o Bradesco e o BMG, no período que compreende o primeiro trimestre de 2010 ao segundo trimestre de 2012.

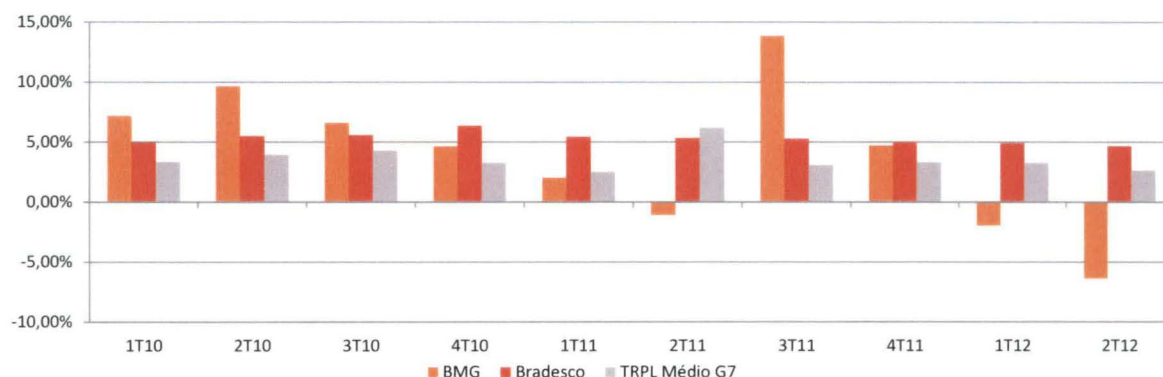


GRÁFICO 34 - Comparativo da Taxa de Retorno média sobre o Patrimônio Líquido dos Bancos do G7, BMG e Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2010 e o segundo trimestre de 2012 (Em %).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Ao se comparar o período objeto desta análise como um todo, que se estende do primeiro trimestre de 2005 ao segundo trimestre de 2012, percebe-se que a Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido dos bancos analisados vem diminuindo. Essa redução não ocorre em virtude da diminuição do lucro líquido, a exceção do que foi observado para o Banco BMG, porém através de um aumento mais do que proporcional, ou em termos absolutos, do Patrimônio Líquido comparativamente ao Lucro Líquido, conforme foi explicado nas seções anteriores. Deste modo, as instituições do G7 obtiveram um decréscimo de 0,2 pontos percentuais (p.p) da taxa de retorno sobre o Patrimônio Líquido⁴⁰ entre o primeiro trimestre de 2005 e o quarto trimestre de 2007, período logo após a abertura de

⁴⁰ Foi considerada a média da taxa de retorno sobre o Patrimônio Líquido, ponderada pelo Patrimônio Líquido Médio, das instituições do G7.

capital dessas instituições. Neste mesmo período, as duas instituições utilizadas como parâmetro: os bancos Bradesco e BMG apresentaram uma redução de 0,23 p.p e 17,04 p.p da TRPL, respectivamente. Quando comparado todo o período da análise, verifica-se que as instituições do G7 obtiveram um decréscimo de 2,08 p.p da TRPL, o Bradesco 2,94 p.p e o BMG 34,94 p.p, de modo que os bancos do G7 encerraram o segundo trimestre de 2012 com uma TRPL média, ponderada pelo Patrimônio Líquido Médio, de 2,66%, ou seja, acima do apresentado pela instituição de médio porte utilizada como parâmetro (-6,38%) e abaixo ao da instituição de grande porte utilizada como parâmetro (4,65%) (BACEN, 2012).

6 INDICADORES DE MERCADO

Esta parte do trabalho tem o intuito de analisar os indicadores de mercado, de modo a demonstrar a evolução na cotação das ações dessas instituições, bem como, a geração de valor para o acionista. O tópico 7.1 trata da evolução na cotação das ações dos bancos objeto desse estudo. O tópico 7.2 é destinado à análise do Valor Criado ao Acionista (VCA); E o tópico 7.3 ao valor adicionado ao acionista (VAA). É importante ressaltar, que nesta parte do trabalho, a amostra estudada se restringirá aos sete bancos de médio porte analisados e ao Bradesco. Por não possuir ações negociadas em bolsa de valores, o banco BMG não será analisado. Além disso, como os bancos de médio porte, aqui analisados, abriram capital no ano de 2007, o período que será estudado se situará entre o primeiro trimestre de 2008 e o segundo trimestre de 2012.

6.1 COTAÇÃO

A partir de informações, da cotação das ações preferenciais, extraídas do *software* Economática (2012) verifica-se que o comportamento das ações dos bancos analisados não se apresentou de forma estável entre o primeiro trimestre de 2008 e o segundo trimestre de 2012. O gráfico 35 traz a evolução da cotação dos

papéis dessas instituições, os valores estão expressos em base 100 e possuem como referência o primeiro trimestre de 2008. É interessante observar que nos terceiros e quartos trimestres de 2008, período no qual ocorreu o estouro da crise imobiliária norte-americana, as ações de todos os bancos apresentaram redução em comparação com o período inicial, demonstrando a vulnerabilidade dessas instituições aos efeitos decorrentes da crise. Do ultimo trimestre de 2009 até o quarto trimestre de 2010, as ações desses bancos apresentam uma recuperação, vindo a declinar novamente no ano de 2011 (ECONOMÁTICA, 2012).

Deixando de lado o aspecto intertemporal, outra análise que cabe ser feita é a comparação entre o comportamento das ações dos bancos integrantes do G7 em relação ao Bradesco. Conforme pode ser visto no gráfico 35, os papéis desses bancos ficaram com desempenho abaixo do apresentado pelo Bradesco durante praticamente todo o período. Contudo, é importante mencionar que houve algumas exceções, como o BIC Banco, Banco ABC Brasil e Paraná Banco. Os dois primeiros apresentaram desempenho superior ao do Bradesco durante todo o ano de 2010, já o terceiro encerrou o segundo trimestre de 2012 com performance acima dos papéis do banco de grande porte. As outras quatro instituições apresentaram desempenho inferior ao do Bradesco durante todo o período analisado. Isso demonstra que o mercado, em alguns momentos chegou a atribuir maior importância às ações de alguns bancos do G7 em relação a uma instituição financeira de grande porte e já consolidada no mercado de capitais⁴¹ (ECONOMÁTICA, 2012).

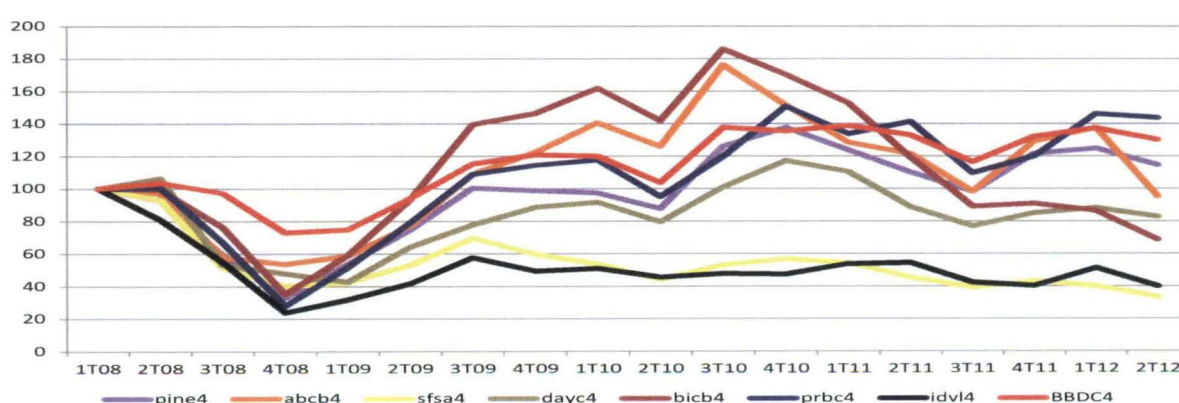


GRÁFICO 35 – Evolução da cotação das ações dos bancos integrantes do G7 e do Bradesco, entre o primeiro trimestre de 2008 e o segundo trimestre de 2012 (2008=100).

FONTE: ECONOMÁTICA (2012)

⁴¹ O Banco Bradesco abriu o capital no ano de 1946 (ECONOMÁTICA, 2012).

6.2 VALOR CRIADO AO ACIONISTA (VCA)

De acordo com Assaf Neto (2003, p.195): “[...] uma empresa somente cria valor a seus acionistas quando o retorno oferecido aos proprietários exceder a seu custo de oportunidade”.

Tendo em vista a explanação de Assaf Neto, esta subseção terá por objetivo analisar o Valor Criado ao Acionista (VCA), do grupo dos sete, bem como a comparação entre eles e o Bradesco, entre 2008 e o primeiro semestre de 2012 (1S12).

O modelo utilizado para o cálculo do VCA é descrito na equação abaixo:

$$VCA = PL_M \times (\text{Retorno do Acionista} - \text{Custo de Oportunidade}) \quad (8)$$

Onde:

VCA = Valor Criado ao Acionista.

PL_M = Patrimônio Líquido a Preços de Mercado.

Em que

$$PL_M = \text{Preço de Mercado das Ações} \times \text{Quantidade de Ações} \quad (9)$$

De acordo com Assaf Neto (2003, p. 195): “O Retorno do Acionista é a remuneração oferecida pelo mercado ao investidor [...] calculado pela relação entre a variação do PL_M e o valor do patrimônio líquido a preços de mercado”. A expressão abaixo ilustra o modelo utilizado no cálculo do Retorno do Acionista.

$$\text{Retorno do Acionista} = \Delta PL_M / PL_M \quad (10)$$

O custo de oportunidade do acionista terá como parâmetro a taxa Selic anualizada referente ao final de cada um dos períodos, tendo como fonte a base de dados do Banco Central do Brasil.

Os valores referentes as cotação das ações foram extraídos do *software* Economática e as informações sobre o número de ações preferencias emitidas tem como base o sitio da Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

A amostra utilizada na análise será apenas das ações preferenciais, uma vez que essas instituições não possuem ações ordinárias negociadas em bolsa de valores.

No primeiro ano analisado, 2008, foi verificado uma destruição de valor ao acionista para todas as instituições componentes do G7. Nenhuma delas obteve retorno acima do custo de oportunidade. O pior desempenho foi verificado pelo Banco Daycoval que apresentou um VCA de R\$ -987,9 milhões e o melhor desempenho foi apresentado pelo Banco Indusval cujo VCA foi de R\$ -235 milhões. O motivo dessa destruição de valor ao acionista foi à queda na cotação média das ações dessas instituições em virtude dos efeitos da crise financeira internacional, o que impactou diretamente o Retorno do Acionista, visto que a quantidade de ações preferenciais manteve-se praticamente constante no período (CVM, 2013).

Em 2009 foi verificada a mesma tendência apresentada em 2008, na qual todas as instituições que compõe o G7 apresentaram destruição de valor ao acionista. O pior desempenho continuou sendo do Banco Daycoval, cujo VCA foi de R\$ -323 milhões e o melhor desempenho foi do Banco ABC Brasil que apresentou um VCA de R\$ -46 milhões. A mesma observação feita para o ano de 2008 é verificada aqui, na qual houve uma redução na cotação média das ações desses Bancos comparativamente ao ano anterior. Além disso, alguns bancos (Paraná Banco, BIC Banco, Banco Indusval) reduziram a quantidade de ações preferenciais, fato este que contribui para a deterioração do VCA, uma vez que reduz o retorno do acionista. De acordo com o sítio do Paraná Banco (2008) a redução na quantidade de ações preferenciais ocorreu via programa de recompra de ações, cujo objetivo é a permanência desses papéis em tesouraria para posterior cancelamento ou alienação (CVM, 2013).

De modo contrario aos dois anos anteriores, o ano de 2010 foi de geração de valor aos acionistas, com exceção dos Bancos Sofisa e Indusval que apresentaram deterioração do VCA neste período. O melhor desempenho foi verificado pelo BIC Banco cujo VCA foi de R\$ 374,6 milhões e o pior desempenho foi apresentado pelo Sofisa, cujo VCA foi negativo em R\$ 26 milhões. A melhora do VCA dessas instituições é explicada pelo aumento na cotação média das ações

observado no ano de 2010 relativamente ao ano anterior. Esse fato não foi observado para o Banco Sofisa, que apresentou uma redução de 3,1% na cotação média de suas ações preferenciais neste período e pelo banco Indusval que mesmo apresentando um aumento de 20% na cotação de suas ações teve um decréscimo de 10,5% na quantidade de ações preferenciais, fato este que contribui para a deterioração do VCA neste período (CVM, 2013).

O ano de 2011 foi caracterizado por deterioração do VCA das instituições componentes do G7. A única exceção foi o banco Indusval que apresentou geração de valor ao acionista. O pior desempenho foi apresentado pelo BIC Banco, cujo VCA foi de R\$ -500 milhões e a melhor performance foi a do Banco Indusval com VCA de R\$ 71 milhões. Neste período houve uma redução na cotação média das ações dessas instituições, com exceção do Paraná Banco que mesmo tendo apresentado um aumento médio de 11% na cotação de sua ação apresentou uma VCA negativo em decorrência da redução de 2,6% na quantidade de ações preferenciais (CVM, 2013). O VCA positivo do banco Indusval é explicado pelo aumento de 88,7% na quantidade de ações preferenciais. O crescimento na quantidade de ações preferenciais do Banco Indusval ocorreu através da emissão de 12 milhões dessa classe de ações, cuja posição saiu de 14 milhões em 2010 para 26 milhões em 2011, o objetivo dessa emissão é dar continuidade a solidez e segurança em alavancagem possibilitando o crescimento de suas operações (INDUSVAL, 2011).

Por fim, no primeiro semestre de 2012, assim como nos anos 2008, 2009 e 2011, foi verificado uma deterioração do VCA das instituições componentes do G7, com exceção do banco Pine. O pior desempenho foi apresentado pelo BIC Banco, com VCA de R\$ -291 milhões, ao passo que a melhor performance foi do banco Pine cujo VCA foi de R\$ 86 milhões. A deterioração do VCA dessas instituições é explicada tanto pela redução na cotação média das ações preferenciais (BIC Banco, Daycoval, Insduval e Sofisa) quanto pelo pequeno aumento dessas cotações, no caso do Banco ABC Brasil e Paraná Banco, cujo incremento na cotação foi de 5% e 9,6% respectivamente, aumento insuficiente para gerar um retorno ao acionista acima do custo de oportunidade. O VCA positivo do banco Pine ocorreu em virtude do aumento de 6,9% na cotação média de suas ações, passando de R\$ 12,08 em 2011 para R\$ 12,91 no primeiro semestre de 2012 e pela emissão de 8,3 mil ações preferenciais o que gerou um valor de emissão de R\$ 105 milhões (CVM, 2013).

O gráfico 36 mostra a evolução do VCA das instituições que compõe o G7 entre 2008 e o primeiro semestre de 2012.

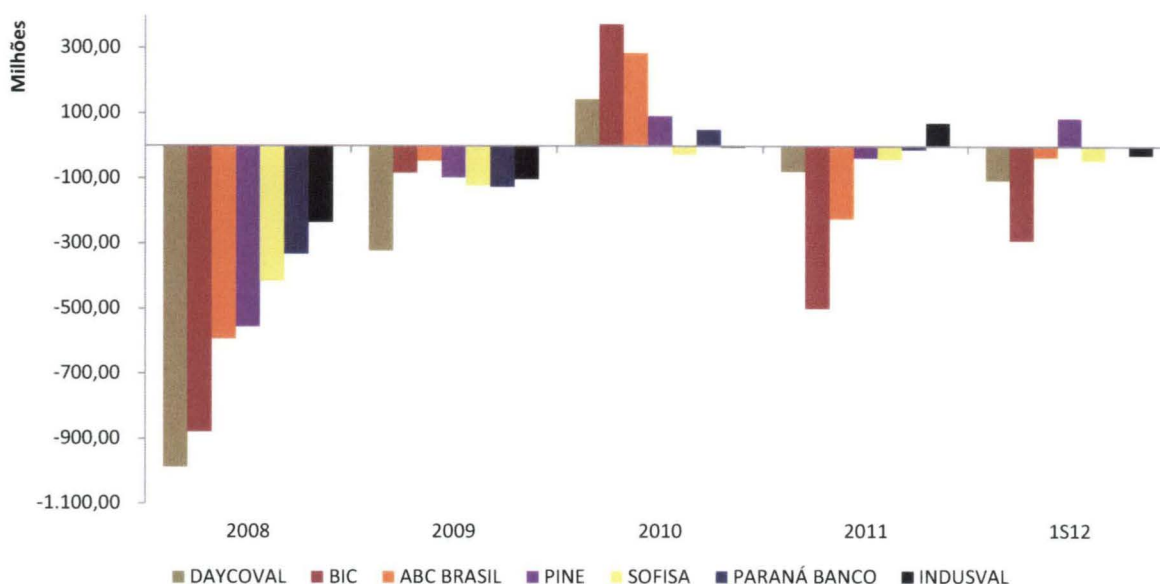


GRÁFICO 36 – Valor criado aos acionistas dos bancos que constituem o G7, entre 2008 e o primeiro semestre de 2012 (Em R\$ milhões).

FONTE: COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (2013)

NOTA: Elaboração Própria

É interessante fazer a comparação dos valores do VCA das instituições componentes do G7 com o Bradesco. Conforme relatado nos parágrafos anteriores, as instituições do G7, de um modo geral, apresentaram VCA positivo somente em 2010. Esse comportamento é similar ao verificado pelo Bradesco que apresentou VCA positivo em 2008 e 2010. No caso do Bradesco, houve um aumento na cotação média de suas ações durante o período analisado, cujo crescimento médio, por período, foi de 8%, saindo de R\$ 22,41 em 2008 para R\$ 30,47 no primeiro semestre de 2012. Porém, esse aumento não foi suficiente para que o retorno ao acionista fosse superior ao custo de oportunidade, com exceção dos anos 2008 e 2010 na qual esta instituição apresentou uma variação positiva do patrimônio líquido a preços de mercado, cujos valores encontrados foram R\$ 5,6 milhões em 2008 e R\$ 16,3 milhões em 2010 o que gerou um retorno ao acionista de 16,39% e 30,51% respectivamente, patamar superior ao custo de oportunidade (taxa selic) deste período, 13,67% e 10,67% respectivamente (CVM, 2013).

O gráfico 37 demonstra a evolução do VCA do Bradesco entre 2008 e o primeiro semestre de 2012.

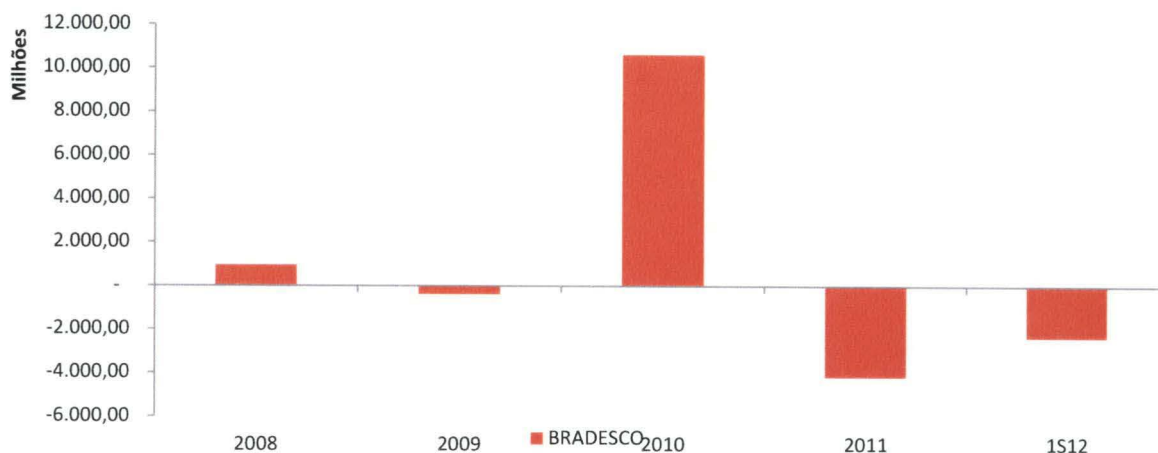


GRÁFICO 37 – Valor criado ao acionista do Banco Bradesco, entre 2008 e o primeiro semestre de 2012 (Em R\$ milhões).

FONTE: COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (2013)

NOTA: Elaboração Própria

6.3 VALOR ADICIONADO AO ACIONISTA (VAA)

Assaf Neto (2003, p. 196) argumenta sobre a importância de ajustar o cálculo do valor do patrimônio líquido:

É muitas vezes recomendado efetuar alguns ajustes no cálculo do valor do patrimônio líquido. Na prática, são identificadas diversas operações que modificam o valor de mercado do patrimônio líquido, sem, contudo, alterar a riqueza gerada ao acionista.

Para realizar esses ajustes, Assaf Neto (2003) cita a metodologia desenvolvida por Pablo Fernandez (2002) exposta no *paper* “A DEFINITION OF SHAREHOLDER VALUE CREATION” na qual devem ser incorporados os dividendos distribuídos no exercício e os valores dispendidos com recompra de ações na variação do patrimônio líquido a preços de mercado (ΔPL_M). Além disso, deve-se deduzir da ΔPL_M o valor total da emissão de novas ações.

Com esses ajustes chega-se ao que Fernandez denomina de valor adicionado ao acionista. A análise realizada neste tópico leva em consideração somente os ajustes realizados com ações preferenciais, uma vez que os bancos de médio porte objeto deste estudo não possuem ações ordinárias negociadas em bolsas de valores.

No ano de 2008, o comportamento do valor adicionado ao acionista (VAA) foi semelhante ao observado pelo VCA. Todas as companhias que compõe o G7

apresentaram VAA negativo. O pior desempenho foi do Banco Daycoval com VAA de R\$ -833 milhões e o melhor desempenho foi apresentado pelo Banco Indusval com VAA de R\$ -195 milhões. É interessante observar que com os ajustes realizados na ΔPL_M houve uma melhora do VAA em relação ao VCA. Essa melhora é explicada pelos dividendos distribuídos por essas companhias, além dos investimentos realizados nos programas de recompra de ações. Contudo, a distribuição de dividendos e os recursos dispendidos em programas de recompra de ações não foram suficientes para gerar um VAA positivo no período (CVM, 2013).

Assim como no caso do VCA, o valor adicionado ao acionista dos bancos que compõe o G7, de um modo geral foi negativo em 2009. As exceções foram às instituições BIC Banco e ABC Brasil. É interessante notar que as duas últimas instituições mencionadas apresentaram VCA negativo neste período, contudo ao se realizar os ajustes na ΔPL_M essas instituições acabam adicionando valor a seus acionistas. No caso do BIC Banco isso ocorreu em virtude do elevado aumento (3.856%) da variação do PL_M em 2009 comparativamente a 2008, além do incremento de 8,8% nos gastos com programa de recompra de ações que atingiram o patamar de R\$ 71 milhões em 2009, contra R\$ 64 milhões em 2008. Já o valor positivo do VAA do Banco ABC Brasil é explicado pelo aumento de 193% da variação do PL_M em 2009 comparativamente a 2008, além do incremento de 1,44% na distribuição de dividendos neste período que totalizou R\$ 34,3 milhões em 2009 ante R\$ 33,8 milhões em 2008 (CVM, 2013).

Em 2010 todas as instituições do G7 apresentaram valor adicionado ao acionista positivo. O melhor desempenho ficou por conta do BIC Banco e a pior performance foi verificada pela instituição Sofisa. O bom desempenho do VAA é explicado pelo valor positivo observado, por todas as instituições analisadas com exceção do Banco Sofisa, na variação do Patrimônio Líquido a preços de Mercado (ΔPL_M) entre 2010 e 2009. No caso dos dois bancos citados neste parágrafo, o primeiro obteve um salto de R\$ -19,6 milhões para R\$ 507 milhões na ΔPL_M de 2009 a 2010, já o segundo mesmo obtendo um valor negativo para a ΔPL_M em 2010, R\$ -5,9 milhões, conseguiu adicionar valor a seus acionistas em virtude do pagamento de R\$ 17 milhões em dividendos (CVM, 2013).

Em 2011 apenas o Paraná Banco e o Banco Daycoval conseguiram adicionar valor a seus acionistas. O valor do VAA obtido por essas instituições foi R\$ 71 milhões e R\$ 50 milhões, respectivamente. O bom desempenho do VAA dessas

instituições é explicado tanto pela manutenção da ΔPL_M em patamares positivos, R\$ 28 milhões no caso do Paraná Banco e R\$ 3 milhões no caso do Daycoval, quanto pelo pagamento de dividendos e do programa de recompra de ações, cujos montantes dispendidos foram R\$ 34 milhões e R\$ 9 milhões no caso do Paraná Banco e R\$ 47 milhões no caso do Daycoval que não realizou recompra de ações em 2011. Além disso, essas duas instituições não emitiram novas ações neste período o que contribuiu para a manutenção do VAA em patamar positivo. O pior desempenho do VAA foi obtido pelo BIC Banco, R\$ -309 milhões, que mesmo realizando um aumento de 2.570% nos dispêndios com recompra de ações, que atingiram o montante de R\$ 56 milhões em 2011 ante R\$ 2 milhões em 2010, e, mesmo tendo distribuído R\$ 41 milhões em dividendos, apresentou um VAA negativo em virtude da deterioração da ΔPL_M que atingiu o patamar de R\$ -409 milhões em 2011, ante R\$ 507 milhões obtidos no ano anterior (CVM, 2013).

No primeiro semestre de 2012, três instituições conseguiram adicionar valor a seus acionistas, são elas: Banco Pine, Paraná Banco e ABC Brasil. O primeiro apresentou o melhor desempenho em virtude do elevado valor da ΔPL_M cujo montante no período foi de R\$ 139 milhões, uma vez que o montante de dividendos distribuídos diminuiu 54%, saindo do patamar de R\$ 41,3 milhões em 2011 para R\$ 19 milhões no primeiro semestre de 2012. É importante mencionar que esses R\$ 19 milhões representam o que foi distribuído em dividendos até o meio do ano, enquanto os R\$ 41,3 milhões representam o montante distribuído durante todo o ano de 2011. A mesma análise realizada para o Banco Pine pode ser replicada para o caso do Banco ABC Brasil e do Paraná Banco cujo valor adicionado aos acionistas ocorreu em virtude da manutenção em patamares positivos da variação do patrimônio líquido a preços de mercado, R\$ 36,2 milhões e R\$ 30,1 milhões respectivamente, uma vez que o montante de dividendos distribuídos e os dispêndios com programas de recompra com ações caíram respectivamente, em relação a 2011, 45% e 61% para o caso do Banco ABC Brasil e 84% e 88% para o caso do Paraná Banco (CVM, 2013).

O gráfico 38 demonstra a evolução do VAA, entre 2008 e o primeiro semestre de 2012, das instituições que compõe o G7.

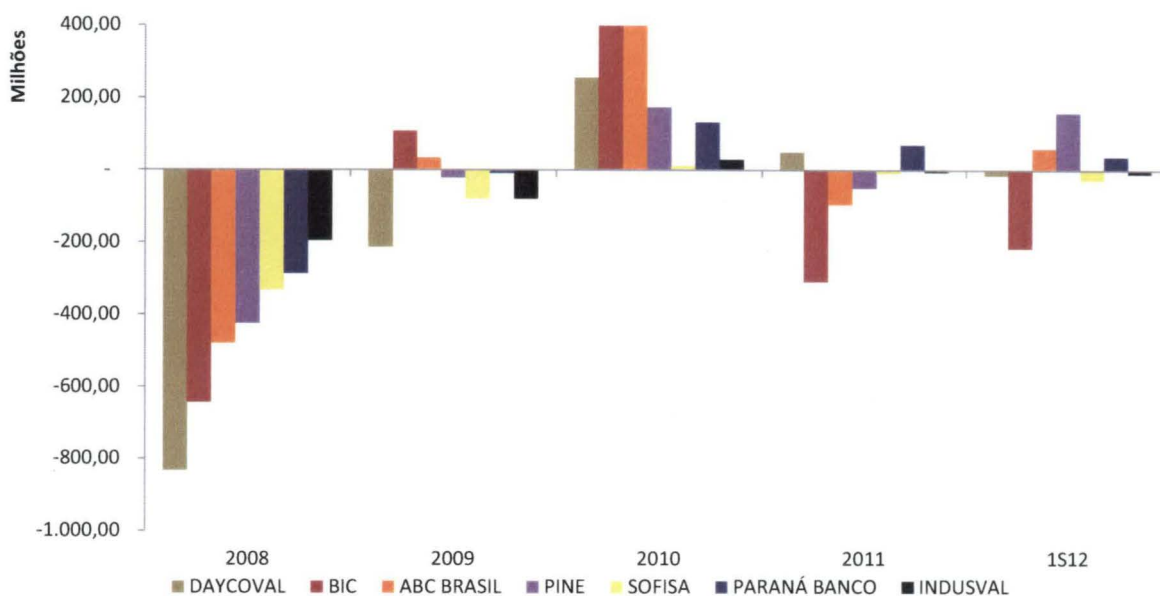


GRÁFICO 38: Evolução do Valor adicionado ao Acionista, entre 2008 e o primeiro semestre de 2012, das instituições que compõe o G7 (Em milhões de R\$).

FONTE: COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (2013)

NOTA: Elaboração Própria

Fazendo a análise da instituição de grande porte utilizada como parâmetro, o Banco Bradesco, percebe-se que este obteve um VAA diferente daquele obtido pelas instituições do G7. O banco Bradesco apresentou um comportamento positivo do VAA ao longo do período analisado, com exceção de 2011. O melhor desempenho foi verificado no ano de 2010 quando o VAA atingiu R\$ 16,4 milhões. Isso ocorreu, sobretudo, pelo elevado crescimento da variação no patrimônio líquido a preços de mercado (ΔPL_M), 482% em comparação ao ano anterior, uma vez que o montante de dividendos distribuídos teve um crescimento consideravelmente menor (28,5%) e os dispêndios com programas de recompra de ações caíram 95%. Além disso, em 2010 o Banco Bradesco realizou aumento de capital no montante de R\$ 1,7 bilhões em ações preferenciais fato este que poderia ter contribuído para a redução do VAA caso a ΔPL_M não tivesse crescido suficientemente para adicionar valor aos acionistas (CVM, 2013).

O único ano em que o VAA desta instituição foi negativo foi em 2011. A razão da deterioração do VAA neste período foi o aumento de capital em R\$ 4,0 bilhões referente à emissão de novas ações preferenciais, uma vez que a ΔPL_M foi de R\$ 1,9 bilhões, patamar 88% inferior ao ano anterior, o montante de dividendos distribuídos foi de R\$ 2,0 bilhões, patamar 11% superior em relação ao ano anterior,

e o montante dispendido em programas de recompra de ações foi de R\$ 120 milhões, redução de 2.400% em comparação com o ano anterior (CVM, 2013).

O gráfico 39 mostra o comportamento do valor adicionado aos acionistas do Banco Bradesco no período analisado.

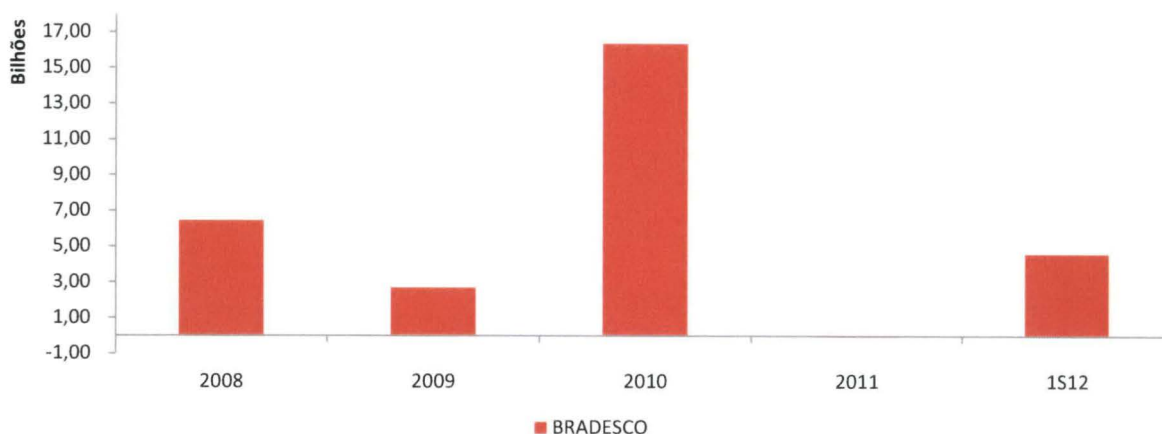


GRÁFICO 39 – Valor adicionado aos acionistas do Banco Bradesco entre 2008 e o primeiro semestre de 2013 (Em R\$ bilhões).

FONTE: CVM (2013)

NOTA: Elaboração própria

7 ANÁLISE DOS INDICADORES UTILIZADOS PELA AUTORIDADE MONETÁRIA

Dentre as missões do Banco Central do Brasil está a garantia de um sistema financeiro sólido e eficiente. A importância de se manter um sistema financeiro sólido e eficiente é descrito na seguinte passagem:

Trata-se de demanda permanente, da mais alta relevância para o País, inclusive como forma de assegurar a estabilidade econômica, na medida em que, não havendo um sistema financeiro sólido, não há que se falar em economia estável. (BACEN. Departamento de Planejamento e Orçamento, 2009).

Diante da importância de se garantir um sistema financeiro sólido é necessário o acompanhamento da solvência das instituições financeiras por parte do órgão regulador. Deste modo, este tópico será destinado a analisar a evolução do Índice de Basileia das instituições objeto deste estudo nos períodos de 2008, 2009, 2010, 2011 e primeiro semestre de 2012.

A escolha deste índice se deve ao fato da elevada abrangência de seu cálculo que envolve a exposição a que as instituições financeiras estão sujeitas

quanto à variação na taxa de câmbio, ao risco das operações de empréstimos, risco de variações nas taxas de juros, risco da variação do preço das *commodities*, risco da variação do preço das ações e risco operacional (FORTUNA, 2010).

A escolha do período mencionado acima se refere a mudanças metodológicas introduzidas a partir de 1º de Julho de 2008, ocasião em que foi alterado o cálculo do limite operacional do conceito de Basiléia I para o de Basiléia II, no qual foram acrescentados novos fatores de risco para os requerimentos de capital mínimo. O valor mínimo regulamentar do Índice de Basiléia é de 11% da relação entre as parcelas de risco de mercado, risco de crédito e operacional em relação ao Patrimônio de Referência (BACEN, 2012).

Caso uma instituição financeira ultrapasse esse percentual mínimo de 11% de exposição ao risco não será permitido à realização de operações que envolvam riscos adicionais. Sobre esse assunto, Coelho (2013, p.7) esclarece:

[...] Quando a instituição alcança o piso de 11% não podem ser realizadas operações que impliquem exposição a riscos adicionais. Neste caso, resta à instituição aumentar seu capital com vistas a elevar o volume de suas operações de crédito.

Analizando o comportamento do Índice de Basiléia, no período mencionado, para os bancos do G7 percebe-se que estes obtiveram um comportamento de leve redução indicando maiores exposições ao risco de mercado, de crédito e liquidez. Contudo todas essas instituições encerraram o segundo trimestre de 2012 em situação confortável, na qual a instituição que está mais próxima do limite mínimo é o banco ABC com um Índice de Basiléia de 14,21%. A situação do Paraná Banco é a que mais chama a atenção, uma vez que essa instituição saiu de um patamar de 53,60% de Índice de Basiléia em 2008, para 26,30% no primeiro semestre de 2012 (redução de 27,3 p.p). Essa redução do Índice de Basiléia do Paraná Banco é explicada em sua maior parte pelo aumento de 545%, no período, da parcela de risco operacional (Popr). Este aumento está relacionado ao crescimento de 134,4% da carteira de crédito no período, o maior aumento dentre as instituições analisadas (BACEN, 2012).

O gráfico abaixo demonstra o comportamento do Índice de Basiléia das instituições do G7 entre o primeiro trimestre de 2008 e o primeiro semestre de 2012.

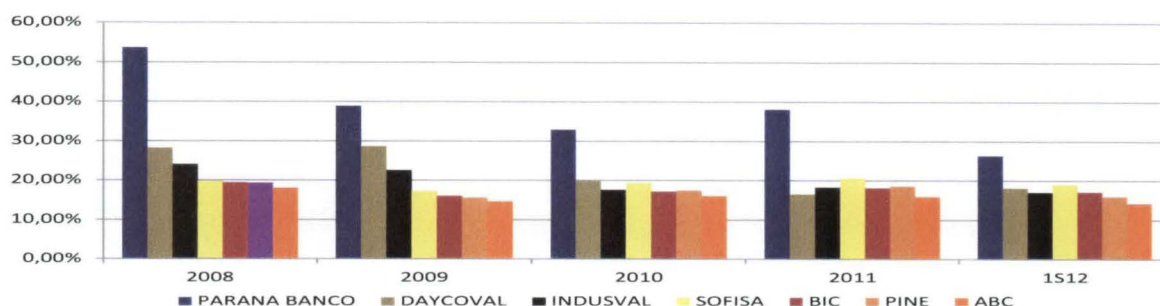


GRÁFICO 40 – Evolução do Índice de Basileia das instituições do G7 entre 2008 e o primeiro semestre de 2012 (Em %).

Fonte: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

Ao se comparar o valor médio do Índice de Basileia, ponderado pela carteira de crédito, dos bancos do G7 com o Bradesco percebe-se que os primeiros apresentaram menor exposição ao risco em todos os períodos analisados, muito embora tenham apresentado a maior redução deste indicador (7,8 p.p). Esta redução do Índice de Basileia dos bancos do G7 foi puxada, sobretudo, pela queda neste indicador apresentada pelo Paraná Banco, cujos motivos já foram explicitados anteriormente, e pelo banco Daycoval que apresentou uma redução de 10,11 p.p deste índice entre 2008 e o primeiro semestre de 2012. A redução do índice de Basileia do Banco Daycoval está diretamente relacionada ao aumento à exposição ao risco de crédito por parte desta instituição que cresceu 128% entre 2008 e o primeiro semestre de 2012, em virtude do crescimento da carteira de crédito. Por sua vez, a instituição de grande porte utilizada como parâmetro vem sustentando o Índice de Basileia em patamares próximo aos 16% em virtude de aumentos periódicos de capital⁴². Entretanto, mesmo não apresentando decréscimo no Índice de Basileia, o Banco Bradesco encerrou o primeiro semestre de 2012 com uma performance inferior ao do Índice de Basileia Médio das instituições do G7, cujos valores foram 17,2% e 16,96% respectivamente (BACEN, 2012).

Contrariamente ao comportamento observado pelas instituições do G7, o Banco BMG apresentou a maior exposição ao risco dentre as instituições analisadas, encerrando o primeiro semestre de 2012 com um Índice de Basileia de 13,16%. Esta última instituição chegou, no ano de 2009, muito próximo do limite inferior de 11% estipulado pela autoridade monetária, tendo atingido o patamar de

⁴² O Banco Bradesco realizou aumento de capital em 2008, 2009, 2010 e 2011 (BRADESCO. Relações com Investidores, 2012).

11,71%. Como meio de aumentar o Índice de Basileia, o Banco BMG realizou uma emissão de instrumentos de dívida subordinada no montante de US\$ 300 milhões, estes instrumentos, de acordo com a resolução do Banco Central de número 3.444/07 são incorporados no cálculo do Índice de Basileia (BACEN, 2012).

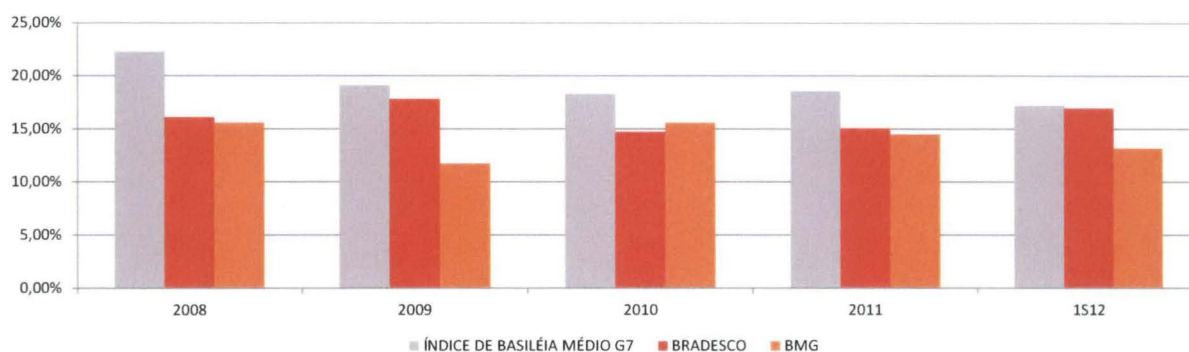


GRÁFICO 41 – Evolução da média do Índice de Basileia das instituições do G7, Bradesco e BMG, entre 2008 e o primeiro semestre de 2012 (Em %).

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: Elaboração Própria

8 CONCLUSÃO

Tendo em vista que o objetivo da abertura de capital de uma instituição financeira consiste em aumentar o Patrimônio, a carteira, a liquidez e a rentabilidade⁴³, verifica-se que a oferta pública das ações dos bancos objeto deste estudo se mostrou favorável sob esses aspectos.

Além disso, um fato interessante que foi observado para as instituições aqui analisadas é o de terem aberto o capital no ano em que antecedeu a crise financeira internacional, o que fez com que essas instituições pudessem enfrentar a crise a partir da disponibilidade de recursos próprios, dependendo em menor escala de recursos de terceiros. Por sua vez, a instituição de médio porte utilizada como parâmetro, o Banco BMG, utilizou em larga escala a estratégia de venda da carteira de crédito (cessão de crédito) como fonte de captação de recursos, fato este que culminou com o prejuízo apresentado por essa instituição nos dois primeiros trimestres de 2012.

As tabelas abaixo permitem visualizar as informações que levaram a esta conclusão:

TABELA 1 – VARIAÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO MÉDIO DOS BANCOS DO G7, BMG E BRADESCO, COMPARANDO-SE O PERÍODO INICIAL (1T05) AO PERÍODO FINAL (2T12)

	1T05		2T12		Δ %
PL MÉDIO G7	R\$	263.470,05	R\$	1.303.639,85	395%
BMG	R\$	715.414,62	R\$	3.175.662,56	344%
BRADESCO	R\$	16.538.292,50	R\$	63.920.088,51	286%

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

TABELA 2 – VARIAÇÃO DA CARTEIRA DE CRÉDITO MÉDIA DOS BANCOS DO G7, BMG E BRADESCO COMPARANDO-SE O PERÍODO INICIAL (1T05) AO PERÍODO FINAL (2T12)

	1T05		2T12		Δ %
CARTEIRA DE CRÉDITO MÉDIA G7	R\$	858.505,83	R\$	4.871.651,01	467%
BMG	R\$	2.062.571,87	R\$	12.252.774,09	494%
BRADESCO	R\$	48.946.877,93	R\$	203.182.120,38	315%

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

TABELA 3 – EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE LIQUIDEZ CORRENTE MÉDIO DOS BANCOS DO G7, BMG E BRADESCO COMPARANDO-SE O PERÍODO INICIAL (1T05) AO PERÍODO FINAL (2T12)

⁴³ Conforme foi visto nos tópicos 6.2.1 e 6.2.2, a taxa de retorno média sobre o Investimento Total e sobre o Patrimônio Líquido dos bancos do G7 apresentou uma redução na comparação do período inicial (1T05) com o período final (2T12) deste estudo. Contudo essa redução ocorreu em virtude de um crescimento do Ativo e do Patrimônio Líquido em proporção maior ao crescimento do Resultado (Lucro Líquido).

	1T05	2T12	Δ %
ILC MÉDIO G7	R\$ 1,26	R\$ 1,38	9%
BMG	R\$ 1,12	R\$ 0,93	-17%
BRABESCO	R\$ 1,02	R\$ 0,95	-8%

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

TABELA 4 – EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE LIQUIDEZ GERAL MÉDIO DOS BANCOS DO G7, BMG E BRADESCO COMPARANDO-SE O PERÍODO INICIAL (1T05) AO PERÍODO FINAL (2T12)

	1T05	2T12	Δ %
ILG MÉDIO G7	R\$ 1,15	R\$ 1,12	-2,42%
BMG	R\$ 1,24	R\$ 1,05	-15,56%
BRABESCO	R\$ 0,99	R\$ 0,93	-5,64%

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

TABELA 5 – EVOLUÇÃO DA TAXA DE RETORNO MÉDIA SOBRE O INVESTIMENTO TOTAL DOS BANCOS DO G7, BMG E BRADESCO COMPARANDO-SE O PERÍODO INICIAL (1T05) AO PERÍODO FINAL (2T12)

	1T05	2T12	Δ p.p*
TRSIT MÉDIA G7	0,72%	0,37%	- 0,35 p.p
BMG	6,02%	-1,11%	- 7,13 p.p
BRABESCO	0,78%	0,37%	- 0,41 p.p

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

* PONTOS PERCENTUAIS

TABELA 6 – EVOLUÇÃO DA TAXA DE RETORNO MÉDIA SOBRE O PATRIMÔNIO LÍQUIDO DOS BANCOS DO G7, BMG E BRADESCO COMPARANDO-SE O PERÍODO INICIAL (1T05) AO PERÍODO FINAL (2T12)

	1T05	2T12	Δ p.p*
TRPL MÉDIA G7	4,74%	2,66%	- 2,08
BMG	28,56%	-6,38%	- 34,94
BRABESCO	7,59%	4,65%	- 2,94

FONTE: BACEN (2012)

NOTA: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

* PONTOS PERCENTUAIS

A partir das informações apresentadas nas tabelas acima, pode-se perceber que os bancos do G7 obtiveram desempenho superior à outra instituição de médio porte, o banco BMG, utilizada como parâmetro, em cinco dos seis indicadores apresentados. Contudo, o que mais chama a atenção são os indicadores de rentabilidade (TRSIT e TRPL), no qual percebe-se que o BMG obteve valores negativos em função dos prejuízos registrados no primeiro e segundo trimestre de 2012. O único indicador no qual os bancos do G7 obtiveram performance aquém a verificada pelo BMG foi o crescimento da carteira de crédito, entretanto foi visto que esse crescimento da carteira de crédito do BMG está relacionado a um maior nível de inadimplência, conforme exposto no tópico 5.3, e consequentemente a uma maior exposição ao risco, conforme demonstrado no tópico 8.

Por sua vez, as instituições do G7 obtiveram performance, quando comparado o crescimento dos indicadores entre o período inicial e o final, superior ao do Bradesco nos seis indicadores ilustrados nas tabelas acima. Além disso, essas instituições encerraram o segundo trimestre de 2012 com um nível de inadimplência e de exposição ao risco inferior ao apresentado pelo Bradesco. Este é um fato extremamente positivo, tendo em vista que o objetivo desses bancos é tornar-se uma instituição de grande porte, a exemplo do que aconteceu com o Bradesco.

Por fim, seguem duas sugestões de trabalhos a serem desenvolvidos como continuidade deste estudo: 1) Tendo em vista que durante a produção deste trabalho foi armazenado uma grande quantidade de dados dos bancos do G7, pode ser realizado um estudo mais detalhado dessas instituições, analisando-as de modo individual; 2) Um fato que chamou a atenção neste estudo foi o crescimento das receitas com operações de tesouraria por parte dos bancos do G7, no primeiro período objeto de análise, o que pode se constituir em objeto de estudo para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

A Definition of shareholder value creation. Disponível em: <<http://www.iese.edu/research/pdfs/DI-0448-E.pdf>>. Acesso em: 02/04/2013.

AGUILHAR, A. Atuação com foco mais definido: A arma para competir com os grandes bancos é buscar a especialização e ampliar a oferta de produtos. **Valor Investe**, São Paulo, ano 11, n. 14, p. 66 – 67, set. 2012.

A onda de abertura de capitais de bancos no Brasil. Disponível em: <http://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/publicacoes/Rafael%20Schiozer%20e%20Richard%20Saito%20-%20relat_npp_bank_ipos.pdf>. Acesso em: 16/03/2013.

BANCO ABC BRASIL. Relações com Investidores. Disponível em: <<http://www.abcbrasil.com.br/port/institucional/sobre/banco.asp>>. Acesso em: 16/03/2013.

BANCOS BRASILEIROS DE MÉDIO PORTE: Desempenho adequado para um modelo de negócios desafiador. Disponível em: <http://www.fitchratings.com.br/system/pages/62/MidsizedBank_portuguese_03.05.2011.pdf>. Acesso em: 12/11/2012.

BMFBOVESPA; PRICEWATERHOUSE. Como abrir o capital de sua empresa no Brasil (IPO) 2011 – Início de uma nova década de crescimento. Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/home.aspx?idioma=pt-br>>. Acesso em: 25/03/2013.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Economia e Finanças. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>>. Acesso em: 01/04/2013.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de Gestão do Banco Central 2009**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pre/audit/relgest/relatorio_de_gestao_do_dirigente_do_banco_central_do_brasil_2009.pdf>. Acesso em: 20/04/2013.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de Economia Bancária e Crédito 2008**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/Pec/Depep/Spread/relatorio_economia_bancaria_credito2008.pdf>. Acesso em: 20/04/2013.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Sistema Financeiro Nacional. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/iftimagem/>>. Acesso em: 21/12/2012.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Sistema Financeiro Nacional. Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/top50/port/top50.asp>>. Acesso em: 29/06/2013.

BANCO DAYCOVAL. Relações com Investidores. Disponível em: <http://www.daycoval.com.br/Daycoval_RI/Site/Pt/Pages/daycoval/historico.aspx>. Acesso em: 16/03/2013.

BANCO INDUSTRIAL E COMERCIAL. Relações com Investidores. Disponível em: <<http://www5.bicbanco.com.br/port/bicbanco/perfil.asp>>. Acesso em: 16/03/2013.

BANCO INDUSVAL. Relações com Investidores. Disponível em: <<http://www.bip.b.br/port/institucional/indusval/historia.asp>>. Acesso em: 16/03/2013.

BANCO PINE. Relações com Investidores. Disponível em: <<http://www.pine.com/ri/pt/Pine/Historico.aspx>>. Acesso em: 16/03/2013.

BANCO SOFISA. Relações com Investidores. Disponível em: <<http://www.sofisa.com.br/ri/>>. Acesso em: 16/03/2013.

BRASIL. Lei n. 4.595, de 31 de Dezembro de 1964. Dispõe sobre a Política e as Instituições Monetárias, Bancárias e Creditícias, Cria o Conselho Monetário Nacional e dá outras providências. **Presidência da República**, Brasília, DF, 31 Dez. 1964. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4595.htm>. Acesso em: 10/11/2012.

BRUNI, A.L; FAMÁ R. **A Contabilidade Empresarial**. São Paulo: Atlas, 2006.

CARVALHO, F.J.C. et al. **Economia Monetária e Financeira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

CETIP. Taxa DI. Disponível em: <<http://www.cetip.com.br/>>. Acesso em: 16/04/2013.

COELHO, F.S. Provisão e Alocação de Capital - dois conceitos importantes. Disponível em: <http://www.abbc.org.br/ADM/artigos estudosconfig/uploads/54779313991698634700_Provisaoealocacodecapital.pdf>. Acesso em: 20/04/2013.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (CVM). Publicações e Artigos. Abertura de Capital de Empresas. Disponível em: <http://www.cvm.gov.br/port/public/publ/publ_200.asp>. Acesso em: 26/03/2013.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (CVM). ITR, DFP, IAN, IPE, FC, FR e outras Informações. Disponível em: <<http://www.cvm.gov.br/>>. Acesso em: 29/06/2013.

DALLAGO, E. **Avaliação do impacto dos processos de oferta pública de ações (IPO) nos bancos médios brasileiro**. 82 f. Dissertação (Especialização em Mercado de Capitais) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26781/000748815.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12/11/2012.

ECONOMÁTICA. São Paulo, 2008 – 2012.

EHOW. How to calculate the CAGR. Disponível em: <http://www.ehow.com/how_5095389_calculate-cagr.html>. Acesso em: 01/12/2012.

FONSECA, J.W.F. **Elaboração e Análise de Projetos**. São Paulo: Atlas, 2012.

FORTUNA, E. **Mercado Financeiro**. 18. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2011.

GARCIA, M. O Brasil frente ao recrudescimento da crise internacional. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1RHjBeSaJB3Cq3QhbmU5Cyf7WoDhLx2Qglydk7ml_al/edit?pli=1>. Acesso em: 15/11/2012.

JMALUCELLI. Histórico do Grupo. Disponível em: <http://www.jmalucelli.com.br/index.php?pag=empresas&t_cod=101&t_grupo=11&subgrupo=historico-do-grupo&PHPSESSID=cf44637996675dc0d2419db0191cfbcb>. Acesso em: 16/03/2013.

NAKANE, M.L. Taxa de Empréstimos e Inadimplência. Disponível em: <http://www.fipe.org.br/publicacoes/downloads/bif/2003/6_bif273.pdf>. Acesso em: 01/04/2013.

NETO, A.A. **Finanças Corporativas e Valor**. São Paulo: Atlas, 2003.

NETO, A.A. **Finanças Corporativas e Valor**. São Paulo: Atlas, 2007.

OREIRO, J.L. Origem, causas e impacto da crise. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1RHjBeSaJB3Cq3QhbmU5Cyf7WoDhLx2Qglydk7ml_al/edit?pli=1>. Acesso em: 15/11/2012.

PARANÁ BANCO. Relações com Investidores. Disponível em: <http://paranabanco.riweb.com.br/Show.aspx?id_canal=32AAiBMT+TzRGr28pY2Pyg==&id_canalpai=0JUwbYUSTpjOo0enCWc9bg==>. Acesso em: 16/03/2013.

PORTALBRASIL. Economia. Disponível em: <<http://www.portalbrasil.net/ipca.htm>>. Acesso em: 16/04/2013.

Q de Tobin e seu uso em finanças: Aspectos metodológicos e conceituais. Disponível em: <<http://www.regeusp.com.br/arquivos/v07-4art03.pdf>>. Acesso em: 26/06/2013.

REVISTA ECONOMIA E TECNOLOGIA. Indicadores. Curitiba: UFPR, 2005 – 2011. Disponível em: <<http://www.economiaetecnologia.ufpr.br/indicadores.html>>. Acesso em: 12/01/2013.

Sistema Financeiro Brasileiro: Reestruturação Recente, Comparações Internacionais e Vulnerabilidade à Crise Cambial. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro/eco90_12.pdf>. Acesso em: <10/11/2012>

ANEXOS

ANEXO 1 – INFORMAÇÕES UTILIZADAS PARA O CÁLCULO DO ÍNDICE DE INADIMPLÊNCIA MÉDIO, PONDERADO PELA CARTEIRA DE CRÉDITO, DOS BANCOS DO G7.

IPP	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	1S12
PARANÁ BANCO	3,6%	4,6%	3,0%	4,0%	4,6%	3,1%	2,6%	3,9%
DAYCOVAL	3,0%	2,8%	2,3%	5,3%	5,6%	3,2%	3,4%	3,1%
INDUSVAL	3,0%	2,5%	2,3%	3,3%	7,2%	6,3%	6,3%	4,5%
BIC BANCO	2,5%	2,0%	1,8%	2,7%	4,6%	3,4%	5,3%	4,2%
SOFISA	1,9%	1,2%	1,2%	1,2%	3,7%	2,0%	2,7%	3,3%
PINE	1,4%	2,5%	2,2%	2,5%	1,9%	1,6%	1,7%	2,0%
ABC BRASIL	1,2%	1,4%	1,0%	1,9%	2,1%	5,2%	5,5%	6,1%

CARTEIRA DE CRÉDITO	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	1S12
PARANÁ BANCO	396.224	523.110	955.318	954.690	1.299.643	1.582.140	1.910.774	2.237.195
DAYCOVAL	980.919	1.582.933	3.288.329	3.466.029	3.627.323	5.403.678	7.563.420	7.388.457
INDUSVAL	384.627	644.036	1.255.156	1.535.906	1.592.462	1.864.550	2.267.087	2.394.665
BIC BANCO	2.773.636	4.410.285	7.598.630	7.673.418	8.698.222	12.319.496	10.257.422	11.122.679
SOFISA	803.227	914.738	2.302.069	2.502.897	2.916.069	2.421.816	2.113.159	1.891.415
PINE	823.904	1.341.394	2.867.084	3.029.862	3.801.625	4.841.778	4.686.757	5.001.096
ABC BRASIL	2.019.198	2.335.063	3.887.209	4.708.139	5.644.726	7.629.455	7.673.873	8.519.829

IPP MÉDIO	2,2%	2,2%	1,8%	2,8%	3,9%	3,6%	4,3%	4,1%
-----------	------	------	------	------	------	------	------	------

FONTE: BANCO CENTRAL DO BRASIL (2012)

ANEXOS

ANEXO 2 – INFORMAÇÕES UTILIZADAS PARA O CÁLCULO DO ÍNDICE DE LIQUIDEZ CORRENTE MÉDIO, PONDERADO PELO ATIVO CIRCULANTE, DAS INSTITUIÇÕES DO G7.

ILC	4T05	4T06	4T08	4T09	4T11	2T12
DAYCOVAL	1,40	1,23	1,49	1,49	1,39	1,53
SOFISA	1,26	1,22	1,08	1,19	1,67	1,25
BIC	1,17	1,20	1,35	1,16	1,45	1,64
PINE	1,22	1,09	1,26	1,14	1,23	1,26
INDUSVAL	1,38	1,20	1,41	1,36	1,20	1,21
PARANÁ BANCO	1,14	1,30	1,65	1,47	1,08	1,06
ABC	1,08	1,22	1,08	1,15	1,10	1,11
ATIVO CIRCULANTE	4T05	4T06	4T08	4T09	4T11	2T12
DAYCOVAL	1.967.126	2.321.429	5.072.853	4.944.257	8.290.066	9.156.116
SOFISA	1.491.762	1.762.229	2.433.323	2.647.790	2.678.330	2.539.270
BIC	6.305.055	6.359.069	9.454.417	8.185.605	12.763.943	13.426.689
PINE	1.790.687	2.509.797	5.086.845	5.231.622	8.488.630	7.261.885
INDUSVAL	689.249	976.210	1.721.047	2.231.359	3.192.645	4.071.724
PARANÁ BANCO	310.567	435.789	576.855	1.053.196	1.337.723	1.602.720
ABC	1.917.598	2.825.914	5.750.913	5.217.464	7.226.247	9.279.728
ILC Médio	1,22	1,20	1,30	1,24	1,32	1,38

FONTE: BANCO CENTRAL DO BRASIL (2012)

ANEXOS

ANEXO 3 – INFORMAÇÕES UTILIZADAS PARA O CÁLCULO DO ÍNDICE DE LIQUIDEZ GERAL MÉDIO, PONDERADO PELA SOMA DO ATIVO CIRCULANTE COM O ATIVO NÃO CIRCULANTE, DAS INSTITUIÇÕES DO G7.

ILG	4T05	4T06	4T07	4T08	4T09	4T10	4T11	2T12
SOFISA	1,13	1,13	0,92	0,85	1,08	1,11	1,09	1,08
PINE	1,10	1,11	1,16	1,15	1,13	1,10	1,09	1,11
PARANÁ BANCO	1,15	1,15	1,89	1,70	1,39	1,31	1,29	1,24
INDUSVAL	1,17	1,12	1,21	1,24	1,18	1,14	1,13	1,11
DAYCOVAL	1,17	1,14	1,30	1,31	1,31	1,23	1,18	1,17
BIC	1,07	1,07	1,15	1,15	1,17	1,11	1,10	1,09
ABC	1,15	1,13	1,23	1,18	1,19	1,15	1,15	1,13
ATIVO CIRCULANTE + ATIVO NÃO CIRCULANTE	4T05	4T06	4T07	4T08	4T09	4T10	4T11	2T12
SOFISA	1.599.589,37	1.942.999,37	3.537.076,65	3.749.619,89	4.383.316,99	4.076.123,95	3.969.697,00	4.126.196,99
PINE	1.965.435,00	3.186.342,00	5.669.839,00	6.171.453,00	6.957.322,00	9.135.008,00	10.900.615,00	9.841.470,00
PARANÁ BANCO	472.688,78	665.472,09	1.453.466,00	1.415.842,00	1.883.469,00	2.170.448,00	2.540.168,00	2.943.366,00
INDUSVAL	732.563,57	1.081.139,88	2.163.862,85	2.103.261,13	2.704.513,32	3.247.326,70	4.189.187,24	4.869.115,30
DAYCOVAL	2.088.895,53	2.970.154,25	6.366.905,07	6.615.184,00	6.878.596,00	8.736.112,00	11.891.177,00	12.815.658,00
BIC	6.849.568,89	7.335.181,03	10.905.439,87	11.565.643,51	10.900.180,25	16.357.439,73	16.532.980,14	17.309.194,88
ABC	2.858.202,56	3.754.762,71	5.647.679,30	7.473.261,61	7.329.501,78	9.672.202,34	10.350.122,87	12.747.029,11
ILG Médio	1,11	1,10	1,20	1,18	1,19	1,14	1,13	1,12

FONTE: BANCO CENTRAL DO BRASIL (2012)

ANEXOS

ANEXO 4 – INFORMAÇÕES UTILIZADAS PARA O CÁLCULO DA TAXA DE RETORNO SOBRE O INVESTIMENTO TOTAL MÉDIA, PONDERADA PELO ATIVO MÉDIO, DOS BANCOS DO G7.

TR5IT	4T05	4T06	4T07	4T08	4T09	4T10	4T11	2T12
SOFISA	0,58%	0,83%	0,78%	0,27%	0,18%	0,32%	0,23%	0,07%
PINE	0,47%	0,82%	0,87%	0,36%	0,32%	0,16%	0,53%	0,45%
PARANÁ BANCO	5,37%	1,13%	2,26%	0,91%	1,45%	1,34%	1,15%	0,82%
INDUSVAL	0,60%	0,86%	1,17%	0,51%	0,16%	0,18%	0,24%	0,05%
DAYCOVAL	2,91%	1,23%	1,06%	0,28%	1,27%	0,80%	0,77%	0,63%
BIC	0,36%	0,50%	0,49%	0,18%	0,83%	0,40%	0,18%	0,15%
ABC	1,03%	0,57%	0,91%	0,09%	0,72%	0,55%	0,55%	0,45%
ATIVO MÉDIO	4T05	4T06	4T07	4T08	4T09	4T10	4T11	2T12
SOFISA	1.783.318	2.005.320	4.437.555	5.610.460	4.720.317	4.600.697	4.340.989	4.603.914
PINE	1.707.334	2.617.046	5.250.474	5.481.678	7.103.388	9.189.938	10.541.223	10.118.317
PARANÁ BANCO	499.751	706.932	1.501.605	1.766.035	2.045.260	2.529.619	3.025.051	3.501.171
INDUSVAL	748.633	1.046.084	2.033.880	2.674.865	2.789.907	3.246.856	4.360.140	4.770.796
DAYCOVAL	1.802.963	2.794.943	5.880.593	7.288.268	6.505.664	9.106.629	11.779.774	12.923.499
BIC	6.280.111	7.259.474	10.348.763	12.346.833	10.330.447	15.755.565	17.306.343	17.349.929
ABC	2.821.644	3.473.611	5.525.485	7.596.727	7.428.531	9.818.783	11.066.387	12.261.835
TR5IT Médio	1,0%	0,7%	0,9%	0,3%	0,7%	0,5%	0,5%	0,4%

FONTE: BANCO CENTRAL DO BRASIL (2012)

ANEXOS

ANEXO 5 – INFORMAÇÕES UTILIZADAS PARA O CÁLCULO DA TAXA DE RETORNO SOBRE O PATRIMÔNIO LÍQUIDO MÉDIA, PONDERADA PELO PATRIMÔNIO LÍQUIDO MÉDIO, DAS INSTITUIÇÕES DO G7.

TRPL	4T05	4T06	4T07	4T08	4T09	4T10	4T11	2T12
SOFISA	3,64%	5,42%	4,03%	1,67%	1,08%	1,93%	1,33%	0,40%
PINE	3,92%	7,67%	5,79%	2,40%	2,80%	1,71%	5,60%	4,37%
PARANÁ BANCO	21,72%	5,95%	4,50%	1,98%	3,70%	4,11%	3,18%	2,55%
INDUSVAL	3,33%	6,18%	5,97%	3,04%	1,02%	1,37%	1,79%	0,41%
DAYCOVAL	14,43%	8,00%	4,11%	1,27%	4,94%	4,16%	4,71%	4,03%
BIC	4,58%	6,68%	3,85%	1,33%	4,91%	3,26%	1,53%	1,29%
ABC	7,33%	4,63%	4,62%	0,56%	4,47%	4,06%	4,10%	3,55%
PATRIMÔNIO LÍQUIDO MÉDIO	4T05	4T06	4T07	4T08	4T09	4T10	4T11	2T12
SOFISA	285.078	308.038	853.245	909.239	802.619	773.518	761.712	777.819
PINE	205.219	280.256	785.410	828.948	820.232	869.947	998.430	1.041.054
PARANÁ BANCO	123.558	134.518	753.234	807.264	799.927	822.183	1.094.355	1.126.240
INDUSVAL	135.335	146.355	397.902	446.131	435.408	429.414	577.318	586.472
DAYCOVAL	363.820	428.720	1.510.857	1.609.668	1.669.529	1.757.841	1.927.896	2.018.729
BIC	495.500	547.235	1.309.248	1.702.970	1.748.233	1.951.380	2.002.281	2.010.191
ABC	396.977	430.331	1.084.253	1.160.250	1.200.309	1.329.998	1.479.880	1.550.694
TRPL Médio	7,7%	6,4%	4,5%	1,5%	3,8%	3,3%	3,3%	2,7%

FONTE: BANCO CENTRAL DO BRASIL (2012)

ANEXOS

ANEXO 6 – INFORMAÇÕES UTILIZADAS PARA O CÁLCULO DO ÍNDICE DE BASILÉIA MÉDIO, PONDERADO PELA CARTEIRA DE CRÉDITO, DOS BANCOS DO G7.

ÍNDICE DE BASILÉIA	2008	2009	2010	2011	1S12
PARANA BANCO	53,60%	38,90%	32,85%	38,03%	26,30%
DAYCOVAL	28,17%	28,63%	19,86%	16,48%	18,06%
INDUSVAL	23,95%	22,53%	17,59%	18,20%	17,04%
SOFISA	19,79%	17,23%	19,29%	20,63%	18,99%
BIC	19,34%	15,99%	17,17%	18,06%	17,10%
PINE	19,27%	15,55%	17,37%	18,48%	15,93%
ABC	18,01%	14,64%	16,04%	15,79%	14,21%

CARTEIRA DE CRÉDITO	2008	2009	2010	2011	1S12
PARANA BANCO	954.569	1.299.643	1.582.140	1.910.774	2.237.195
DAYCOVAL	3.337.492	3.489.857	5.172.158	7.186.179	6.938.414
INDUSVAL	1.289.394	1.322.207	1.538.528	1.904.300	1.957.120
SOFISA	1.854.155	2.322.001	2.190.831	1.931.438	1.759.183
BIC	7.048.542	7.775.334	11.150.219	9.382.532	9.253.083
PINE	2.704.413	3.283.568	4.388.736	4.105.808	4.208.492
ABC	4.325.704	5.205.334	7.141.259	7.239.969	7.748.070

ÍNDICE DE BASILÉIA MÉDIO G7	22,27%	19,11%	18,28%	18,57%	17,19%
-----------------------------	--------	--------	--------	--------	--------

FONTE: BANCO CENTRAL DO BRASIL (2012)

ANEXOS

ANEXO 7 – CÁLCULO DO Q DE TOBIN DAS INSTITUIÇÕES DO G7 NO PERÍODO QUE ANTECEDEU A ABERTURA DE CAPITAL.

	Paraná Banco	Bic Banco	ABC Brasil	Daycoval	Indusval	Pine	Sofisa
VMA	529.200.000,00	714.370.547,00	608.850.000,00	949.977.221,00	227.500.017,50	517.188.265,00	548.417.400
Passivo Circulante	289.100.000,00	5.032.200.000,00	1.821.900.000,00	2.139.900.000,00	846.410.000	2.287.174.000	1.261.500.000
Passivo Exigível a Longo Prazo	126.700.000,00	1.019.200.000,00	753.700.000,00	723.700.000,00	180.321.000	640.351.000	275.100.000
Valor Total dos Ativos	525.800.000,00	6.635.700.000,00	2.988.300.000,00	3.363.900.000,00	1.183.229.000	3.263.466.000	1.859.200.000
Q de Tobin	1,80	1,02	1,07	1,13	1,06	1,06	1,12

FONTE: COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (2013)